



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**  
**UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**


---

**GIOVANA BUFFON ARCE**

**O DISCURSO DO *BULLYING* NO AMBIENTE ESCOLAR: UM MOSAICO DE  
OLHARES**

---

Campo Grande/MS  
2024

M	 <p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL</p>
G. B. ARCE	<p>GIOVANA BUFFON ARCE</p>
O DISCURSO DO BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR: UM MOSAICO DE OLHARES	<p>O DISCURSO DO <i>BULLYING</i> NO AMBIENTE ESCOLAR: UM MOSAICO DE OLHARES</p>
2024	<p>Campo Grande/MS 2024</p>

**GIOVANA BUFFON ARCE**

**O Discurso do *bullying* no ambiente escolar: um mosaico de olhares**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos: Língua, Discurso e Sociedade

Orientador: Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues

Campo Grande/MS

2024

---

A699d Arce, Giovana Buffon

O Discurso do bullying no ambiente escolar: um mosaico de olhares  
/ Giovana Buffon Arce. – Campo Grande, MS: UEMS, 2024.  
154 f.

Dissertação (Mestrado) – Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso  
do Sul, 2024.  
Orientador: Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues

1. Literatura - Pesquisa 2. Crítica 3. Bullying I. Rodrigues, Marlon Leal  
II. Título

CDD 23. ed. - 371.78

**GIOVANA BUFFON ARCE**

**O Discurso do *bullying* no ambiente escolar: um mosaico de olhares**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues (Presidente/Orientador)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Profa. Dra. Aline Saddi Chaves (Titular)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Profa. Dra. Rosangela Vargas Cassola (Titular)  
Prime Faculdades

---

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes (Suplente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Campo Grande/MS, 26 de abril de 2024.

Dedico este trabalho a duas pessoas especiais em minha vida: meu marido Marco Antonio e meu filho João Pedro, por todo companheirismo por eles despendido, carinho, paciência e amor.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu professor e orientador da dissertação Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues, peça fundamental do quebra-cabeça denominado mestrado, aquele que trouxe a boa nova da pós-graduação *stricto-sensu* e a possibilidade de concorrer a uma vaga no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras - Mestrado da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, pelo seu dinamismo, bom humor e paciência no decorrer do curso e do desenvolvimento de minha dissertação.

Agradeço a meus familiares, em especial a meu marido Marco Antonio, incentivador incansável, com seu companheirismo, amizade, amor e paciência, proporcionando a renovação de meu ânimo no dia-a-dia, a meu filho João Pedro e a minha irmã Carolina a qual prontamente abraçou juntamente a mim o desafio de mestranda e a partir de então, galgamos juntas as angústias, tensões, incertezas e por fim a vitória no decorrer de todo o processo, uma incentivando a outra incansavelmente.

Agradecimentos extensivos a todos aqueles que participaram de uma forma ou outra na construção deste trabalho e compartilharam minha exaustão e incertezas no decorrer de sua elaboração, aos professores, colegas, funcionários administrativos, direção e coordenação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Por fim, agradecimentos a Deus pela vida e pela oportunidade de trilhar o caminho da Educação e do Direito conhecendo a força do bem e da justiça, na formação do ser humano, especialmente no ambiente escolar.

Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.

Madre Teresa de Calcutá

BUFFON, G. **O Discurso do *bullying* no ambiente escolar: um mosaico de olhares/2024.** 154 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2024.

## RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar o discurso do *bullying* no ambiente escolar, suas concepções, sua historicidade, cronologia das pesquisas realizadas, denominações empregadas em diversos países e as consequências causadas à vítima, agressor e espectador. Foram conceituadas e descritas disciplina e indisciplina e as diversas práticas às quais os estudantes estão expostos diariamente no sistema educacional, elencando o que as diferencia. Demonstrou quais formas de violência podem se manifestar na prática do *bullying*. De forma sucinta descreveu currículo formal e oculto e o desenvolvimento da inteligência. Dispôs ainda sobre as formas de ocorrência: direta e indireta, horizontal e vertical e como agem os sexos feminino e masculino na prática do *bullying*, causas condicionantes e intervenções para detecção, intervenção e coibição. Demonstrou aspectos sintomáticos sob a ótica da psicologia e medicina, e do meio educacional e jurídico. Utilizou como metodologia a pesquisa de campo na forma de questionários, coadunada com a bibliográfica. Após a aplicação e coleta dos questionários, foram recortados e analisados diversos trechos das respostas coletadas e passaram pela interpretação dos discursos. Dentre as análises realizadas as que mais chamaram a atenção se referem a conceitos em relação à cronologia, sendo mais ameno no passado, também, em relação à forma que a prática se dá, ou seja, mais agressiva pelo sexo masculino e mais ardilosa pelo feminino; o nível de ocorrência, o qual se intensifica na esfera horizontal, já na vertical praticamente não há e por fim, a dificuldade que os sujeitos pesquisados encontraram para definir as mais variadas agressões, dentre elas o *bullying* propriamente dito. Foi utilizada a Teoria da Língua como Atividade Social, tendo como parâmetro os conceitos teóricos e ensinamentos de Orlandi, Foucault e Rodrigues. Esta pesquisa nos proporciona uma visão ampla e ao mesmo tempo pormenorizada, de um vasto campo a ser investigado de forma incessante, subsidiando assim as práticas escolares, a sociedade e enfatizando a construção de um ser humano melhor. Esta pesquisa através da análise do discurso, visa a busca do desenvolvimento das relações interpessoais positivas e harmônicas do ser humano, de forma a amenizar, prevenir o *bullying* no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** *bullying*; *discurso*; *ambiente escolar*.

BUFFON, G. **The discourse of bullying in the school environment: a mosaic of perspectives** 2024. 154 f. Dissertation (Master of Arts) - State University of Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2024.

## SUMMARY

The present study aimed to analyze the discourse of bullying in the school environment, its conceptions, its historicity, chronology of research carried out, denominations used in different countries and the consequences caused to the victim, aggressor and spectator. Discipline and indiscipline and the different practices to which students are exposed daily in the educational system were conceptualized and described, listing what differentiates them. It demonstrated which forms of violence can manifest themselves in the practice of bullying. It succinctly described the formal and hidden curriculum and the development of intelligence. It also discussed the forms of occurrence: direct and indirect, horizontal and vertical and how the female and male genders act in the practice of bullying, conditioning causes and interventions for detection, intervention and restraint. It demonstrated symptomatic aspects from the perspective of psychology and medicine, and the educational and legal environment. Field research was used as a methodology in the form of questionnaires, in line with bibliography. After applying and collecting the questionnaires, several excerpts from the collected responses were cut and analyzed and the speeches were interpreted. Among the analyzes carried out, the ones that attracted the most attention refer to concepts in relation to chronology, being milder in the past, also, in relation to the way in which the practice takes place, that is, more aggressive for males and more cunning for females; the level of occurrence, which intensifies in the horizontal sphere, practically does not exist in the vertical sphere and, finally, the difficulty that the researched subjects found in defining the most varied aggressions, including bullying itself. The Theory of Language as a Social Activity was used, taking as a parameter the theoretical concepts and teachings of Orlandi, Foucault and Rodrigues. This research provides us with a broad and at the same time detailed view of a vast field to be incessantly investigated, thus supporting school practices and society and emphasizing the construction of a better human being. This research, through discourse analysis, aims to seek the development of positive and harmonious interpersonal relationships among human beings, in order to alleviate and prevent bullying in the school environment.

**Keywords:** *bullying; speech; school environment.*

## LISTA DE ABREVIATURAS

ABRAPIA	Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência
AJA	Avanço do Jovem na Aprendizagem
APAE	Associação de Pais e Amigos do Excepcionais
CEE	Conselho Estadual de Educação
CF	Constituição Federal
LGBTQA+	Lésbicas, <i>Gays</i> , Bissexuais, Transgêneros, <i>Queer</i> , Assexuais e outros grupos
PPGLETRAS	Programa de Pós-graduação em Letras
QE	Inteligência Emocional
SED	Secretaria de Estado de Educação
TEPT	Transtorno do Estresse Pós-traumático
TOC	Transtorno Obsessivo-Compulsivo
UEMS	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
OBJETO.....	16
OBJETIVOS .....	16
<i>Objetivo geral</i> .....	16
<i>Objetivos específicos</i> .....	16
CORPUS .....	16
ESQUEMA METODOLÓGICO.....	18
<i>Relatório de campo - descrição da aplicação dos questionários</i> .....	22
<b>CAPÍTULO I</b> .....	25
<b>1 DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	25
1.1 DA ANÁLISE DO DISCURSO.....	25
1.2 DO DISCURSO .....	26
1.3 DO ANALISTA DO DISCURSO E DA INTERPRETAÇÃO.....	28
1.4 DA LÍNGUA E DA LINGUAGEM.....	29
1.5 DA PARÁFRASE E DA POLISSEMIA.....	31
1.6 DO SUJEITO E DO SENTIDO .....	31
1.7 DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO .....	33
1.8 DA FORMAÇÃO DISCURSIVA E IDEOLÓGICA .....	34
1.9 DA IDEOLOGIA .....	35
<b>CAPÍTULO II</b> .....	37
<b>2 DO ESTADO DA ARTE</b> .....	37
2.1 RECORTE HISTÓRICO SOBRE O TERMO <i>BULLYING</i> .....	40
2.2 LIMITES ENTRE UMA PRÁTICA E OUTRA .....	41
2.3 PERSONAGENS QUE COMPÕEM A CENA DO <i>BULLYING</i> .....	45
2.4 FORMAS DA OCORRÊNCIA DO <i>BULLYING</i> .....	47
2.5 A REALIDADE DO <i>BULLYING</i> NO AMBIENTE ESCOLAR .....	48
2.5.1 <i>A incidência no ambiente escolar</i> .....	49
2.5.2 <i>Reflexos da exposição ao bullying</i> .....	50
2.5.3 <i>Currículo formal e currículo oculto</i> .....	51
2.6 O OLHAR DA PSICOLOGIA E DA MEDICINA PARA A PRÁTICA DO <i>BULLYING</i> .....	52
2.7 <i>BULLYING</i> : ORNAMENTO JURÍDICO E LEGISLAÇÃO ESCOLAR.....	53
<b>CAPÍTULO III</b> .....	57
<b>3 DA ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	57

3.1 DISCURSO DO PROFESSOR .....	58
3.2 DISCURSO DO DIRETOR/DIRETOR ADJUNTO ESCOLAR .....	70
3.3 DISCURSO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO.....	83
3.4 DISCURSO DO PSICÓLOGO .....	92
3.5 DISCURSO DO MÉDICO.....	109
3.6 DISCURSO DO ADVOGADO.....	116
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>120</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>125</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>127</b>
<b><i>CORPUS</i>.....</b>	<b>144</b>

## INTRODUÇÃO

Tendo em vista as dificuldades comportamentais, vivências psicológicas e a forma como o ser humano lida com sua impulsividade e agressividade, surgiu o estímulo de pesquisar sobre as diversas concepções do *bullying*, suas ramificações, inclusive o limite que delimita as mais variadas formas de agressão, desta prática. Através de dados coletados via questionários, formou-se um lindo e interessante mosaico de informações que subsidiarão as práticas escolares e a sociedade como um todo, tanto no presente, como num futuro próximo.

O capítulo I contempla a fundamentação teórica, definindo o que é a Análise do Discurso, o que ela objetiva na descrição de um texto, a sua finalidade, quem foi responsável pela sua introdução no Brasil e em qual década; por fim, explicitará os pressupostos que a norteiam, tendo como parâmetro os ensinamentos de Orlandi.

Define discurso, o que ele transmite e o que contém sob a ótica de visão do mundo, ou seja: a forma como expressamos nossos sentimentos em determinado momento histórico. Apresentará a definição do discurso enquanto materialidade específica da ideologia; a materialidade do discurso que é a língua; ainda, a mudança do sentido do discurso, quer seja: o equívoco, e nesse sentido explicitará a diferença entre este e a falha.

Nessa linha de pensamento, demonstra a função e o objeto principal do analista do discurso, o que lhe compete, como deverá proceder para que haja melhor compreensão pelo outro frente a sua análise e qual a sua postura em relação ao funcionamento do texto e a produção de sentidos, não se restringindo à mera interpretação. Conceitua interpretar e explicita como deve ocorrer a articulação entre língua e discurso para que haja interpretação; que o analista deverá trabalhar com evidências, se fundamentar no aspecto teórico, não se restringir à utopia. Seus discursos deverão ser descritos tendo a transparência como alicerce. No que se refere à interpretação, demonstrará que quanto maior a convicção apresentada pelo analista, menor a possibilidade de apresentar falhas.

Define língua, sua composição, finalidade e o que vem a ser substância ou matéria. Ainda, define linguagem frente aos códigos adotados. Apresenta a língua como fato social e discursivo em sua amplitude, como ela se inscreve na história e a influência entre ela e a discursividade no que se refere à mudança de significado e sentido.

Discorre sobre paráfrase e polissemia, ressaltando sua função frente ao processo discursivo e sua importância na Análise do Discurso, ou seja, como a língua funciona.

Demonstra a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia, como este assujeita-se ao simbólico, pois há o sujeito jurídico, detentor de direitos e deveres e o individualizado, fruto de sua existência social e de sua história. Apresentará o conceito de sentido, de uma expressão, constituindo assim materialidade e historicidade nas entrelinhas de um texto.

Por fim, apresentará os dois momentos da subjetividade: o sujeito ante a ótica política e social e do simbólico e histórico.

Conceitua condições de produção, ou seja, o envolvimento dos sujeitos frente ao processo de produção em determinada situação, em diversos discursos compostos por história e sujeito.

Quanto a formação discursiva e ideológica, as conceitua e discorre sobre suas peculiaridades: na discursiva a materialização da visão de mundo e na ideológica a visão desse mundo sob a ótica de uma determinada classe social.

Este capítulo se encerra com a conceituação de ideologia, sua representação num contexto que envolve imaginário e real. Demonstra seu objeto: condições reais demonstradas pelo imaginário. Sua função de produzir evidências e jamais as ocultar, apresentando o discurso como materialidade.

O capítulo II apresenta o Estado da Arte, onde estão mapeados tópicos referentes ao tema proposto. O recorte histórico sobre o termo *bullying*, desde a década de 1970, quando iniciaram estudos sobre o tema e assim sucessivamente. Sua origem, a utilização do termo, para qualificar manifestações comportamentais que configuram *bullying* e qual termo designa os agressores com a descrição de seu significado.

Logo, são demonstradas as sutis diferenças entre uma prática e outra, das brincadeiras normais e das demais, tais como: agressividade, indisciplina, violência, disciplina e por fim o *bullying*. As terminologias utilizadas nos mais variados países para nominar tal prática e os comportamentos que elencaram as mesmas.

Na sequência, a apresentação das personagens que compõem a cena do *bullying*: vítima, agressor e espectador, com suas principais características, o grau de intensidade desprendido pelo sexo feminino e masculino e as formas de execução. Quanto a vítima, a

apresentação do perfil por ela apresentado, podendo ser classificada em típica, provocadora e agressora. Já em relação aos espectadores, a classificação deles em passivos, ativos ou neutros.

Serão elucidadas as formas de ocorrência do *bullying* entre agressor e vítima, direta ou indiretamente. Nível hierárquico: horizontal e vertical. As agressões desprendidas de várias formas: física ou material, verbal, moral, sexual e a virtual também conhecida como *cyberbullying* ou *sexting*.

Ocorrerá a demonstração da realidade do *bullying* no ambiente escolar público e privado. Além dos conteúdos, o que deve ser contemplado no currículo formal. Define currículo formal e oculto e o que contemplam. Nesta premissa os remete a duas pedagogias, ou seja, informação de conteúdos propostos e formação moral. A ausência de formação acadêmica referente ao tema nos cursos de licenciatura ou mesmo em formações iniciais e continuadas. A ocorrência da inadequação da escola em relação ao aluno ou vice-versa e a incidência dessa prática nas escolas, ambientes estes onde o *bullying* ocorre com maior frequência. Questionamentos tais como: Onde há uma gestão escolar mais enérgica em relação à prática do *bullying*? Quais motivos nos direcionam a esse entendimento. Quais os reflexos da exposição ao *bullying* conforme relatos e sob a ótica da psicologia e da criminologia.

Ainda, de forma analítica, será elucidado o olhar da psicologia moral e cultural, inclusive da medicina sobre a abrangência do *bullying*. Sob a ótica legislativa, dentro do ordenamento jurídico brasileiro, será apresentado o Princípio da Dignidade Humana como norteador subjetivo dos demais princípios e dos princípios constitucionais contemplados no artigo 5º da CF/88, complementados pelas legislações que respaldam o processo educacional no Estado de Mato Grosso do Sul.

É um tema de extrema importância no contexto escolar, porém pouco discutido, difundido e até mesmo ignorado, tanto na escola como na própria sociedade e terá como sujeitos de estudo professores, coordenadores pedagógicos e diretores/diretores adjuntos de duas escolas da rede estadual de ensino de Mato Grosso do Sul localizadas no município de Iguatemi, ainda, abrangerá profissionais liberais, dentre estes: médicos, psicólogos e advogados com dados coletados através de questionários.

Por fim, o Capítulo III, após aprovação do Comitê de Ética, conforme parecer 6.646.868, apresenta a análise dos dados coletados via questionários, onde os diversos

sentidos do discurso, significados, interpretações e mensagens serão analisadas, de forma pormenorizada, viabilizando as diversas concepções sobre o tema em estudo, constituindo assim um mosaico de informações sob a ótica de diversos alhares.

## OBJETO

Compreender os vários discursos do *bullying* no ambiente escolar para subsidiar as práticas escolares e a comunidade em geral.

## OBJETIVOS

Esta pesquisa objetiva analisar os discursos do *bullying* no ambiente escolar: historicidade, aspectos cronológicos, consequências, denominações nos mais diversos países, parâmetros e personagens.

### *Objetivo geral*

- Identificar e analisar os mais variados discursos sobre o *bullying* no ambiente escolar, sob a ótica de profissionais da área da educação, saúde e jurídica.

### *Objetivos específicos*

- Definir *bullying* escolar, aspectos cronológicos, termos utilizados e personagens;
- Analisar as diversas formas de ocorrência, as sutis diferenças que delimitam as agressões e as possíveis formas de intervenção e coibição do *bullying* no ambiente escolar.

## CORPUS

O *corpus* desta pesquisa foi estruturado na ânsia do aprofundamento da análise do discurso acerca do tema *bullying* no ambiente escolar, haja vista ter sido objeto de estudo em minha graduação em Direito/UEMS/2014, no trabalho de conclusão de curso, com o tema: “O *Bullying* no Ambiente Escolar: causas, consequências e a ausência de legislação específica”.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> BUFFON, G. A. **O *bullying* no ambiente escolar: causas, consequências e a ausência de legislação específica**. [http://www.uems.br/assets/biblioteca/repositorio/2015-09-23\\_14-24-59.pdf](http://www.uems.br/assets/biblioteca/repositorio/2015-09-23_14-24-59.pdf)>acesso em 30/09/2022.

Tema resultante das vivências cotidianas de minha prática docente no ensino fundamental e na formação de professores no Magistério/nível médio, ainda por anos desempenhei a função de Supervisão de Gestão Escolar da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul atuando em escolas estaduais, municipais e particulares do município de Iguatemi. Nos anos de 2018 e 2019 tendo exercido a coordenação pedagógica na Escola de Educação Especial Brilho do Sol e no Centro de Atendimento Educacional Especializado Brilho do Sol - APAE de Iguatemi-MS e exercido a função de Secretária Municipal de Educação em Iguatemi-MS no ano de 2021. Atualmente atendendo estudantes público alvo da Educação Especial na Sala de Recursos Multifuncional numa escola da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul no município de Iguatemi.

O estudo deste tema é fundamental no contexto escolar da atualidade, porém é pouco discutido e difundido, até mesmo ignorado, tanto na escola como na própria sociedade. É notório que onde encontramos a diversidade, sistematicamente nos deparamos com a prática do *bullying*. Este é um fenômeno social que não se restringe apenas ao ambiente escolar, ou ao currículo formal das escolas, mas à sociedade como um todo; logo, o currículo oculto voltado a inteligência emocional, se trabalhado no ambiente escolar, poderá desenvolver com os estudantes de forma adequada resultados positivos no seu combate.

Desta forma, além da pesquisa bibliográfica desenvolvida, foram aplicados questionários para a comunidade escolar interna: professor, coordenador pedagógico, diretor e diretor adjunto escolar e para alguns profissionais da comunidade externa: psicólogo, médico e advogado, os quais constantemente se deparam com dilemas jurídicos e situações envolvendo a saúde física e mental resultantes da prática do *bullying*.

Com a análise da coleta de dados foi possível visualizar de forma mais abrangente todas as peculiaridades e consequências do tema pesquisado. Assim, foram analisados recortes das informações coletadas na pesquisa de campo, aplicadas na forma de questionários.

Optou-se pela utilização de questionário, por ser ferramenta de extrema importância para consolidação dos objetivos do analista, servindo de suporte para esta pesquisa científica.

Para Rodrigues:

O questionário cria e favorece certa discursividade fluida, mesmo com alguns aspectos negativos, mas é a própria imposição do questionário enquanto objeto de pesquisa. Esse espaço de discursividade de uma forma ou de outra possui o seu próprio que se impõe de certa maneira ao analista. Nisto há uma representação positiva do questionário, quer pela autoridade reconhecida da pesquisa, quer pela

representação da instituição e do pesquisador, ou ainda pelo fato do questionário abrir um espaço em que o sujeito pudesse expressar algo “caro” de si, se sua representação identitária que normalmente não se tem oportunidade de expressar. (RODRIGUES, 2011, p. 33).

Orlandi (2015, p. 60) assevera a importância da definição do corpus, a partir do momento que pensamos na análise, por advir dele o objeto de análise e por manterem-se interligados. Ressalta que “a delimitação do corpus não segue critérios empíricos (positivistas), mas teóricos” e que:

A análise é um processo que começa pelo próprio estabelecimento do corpus e que se organiza face à natureza do material e à pergunta (ponto de vista) que o organiza. Daí a necessidade de que a teoria intervenha a todo momento para reger a relação do analista com o seu objeto, com os sentidos, com ele mesmo, com a interpretação. (ORLANDI, 2015, p. 62).

Este *corpus* foi estruturado com instrumento de coleta de dados mediante questionários, com questões objetivas e subjetivas respondidas pelos voluntários. Sua aplicação ocorreu no 1º (primeiro) semestre de 2023.

Através de análise realizada dos recortes de enunciados, foi possível a coleta de informações e a concretização da pesquisa sobre o discurso do *bullying* no ambiente escolar.

## ESQUEMA METODOLÓGICO

A pesquisa possuiu caráter bibliográfico, documental e de campo ante o olhar da Análise do Discurso, de maneira a analisar de forma qualitativa os dados coletados.

Foi realizada pesquisa bibliográfica para coleta de informações sobre o tema proposto, cujo enfoque se deu na modalidade analítica e reflexiva de diversos pesquisadores e escritores, a qual induziu a melhor compreensão sobre a temática do *bullying* no ambiente escolar.

A modalidade escolhida e utilizada foi a entrevista estruturada, através de questões formuladas, com certo controle do que foi proposto e incidência de questões objetivas e subjetivas, sendo então utilizada a pesquisa qualitativa, a qual é definida como:

analisar e interpretar os dados, refletir e explorar o que eles podem propiciar buscando regularidades para criar um profundo e rico entendimento do contexto pesquisado. Pesquisar requer profunda habilidade na coleta de dados e uma escolha metodológica que proporciona uma estrutura para o processo de pesquisa. (CROKER, 2009, p. 4).

A mesma deu-se na forma de questionários referentes à prática do *bullying* no ambiente escolar, assim estruturados: cabeçalho com orientações sobre a coleta de dados e a que a mesma se destinava, tema proposto, respostas exclusivas para cunho de pesquisa e esclarecimento que os dados pessoais seriam mantidos em sigilo. Ainda a área de concentração do mestrado em PPGLETRAS - Língua, Discurso e Sociedade - Análise do Discurso e informações sobre a mestranda.

O método de pesquisa utilizado foi bola de neve, onde pessoas pertencentes aos grupos ou conhecidos por estes, auxiliam na designação de outros informantes para o estudo.

Todos profissionais liberais que participaram da pesquisa foram convidados a responder o questionário pela pesquisadora mediante critérios de inclusão e exclusão, respeitando a metodologia utilizada:

Questionário I - Professor - Três professores (as) ministrando aulas no Ensino Fundamental e Médio em Escolas Estaduais do município de Iguatemi – questionário composto por 34 (trinta e quatro) questões;

Questionário II - Diretor/Diretor Adjunto - Três diretores (as)/Direção Adjunto (a) atuando na função de direção/Direção Adjunta do Ensino Fundamental e Médio em Escolas Estaduais do município de Iguatemi – questionário composto por 33 (trinta e três) questões;

Questionário III - Coordenador Pedagógico - Três coordenadores (as) pedagógicos (as) atuando na função de coordenação pedagógica do Ensino Fundamental e Médio em Escolas Estaduais do município de Iguatemi – questionário composto por 33 (trinta e três) questões;

Questionário IV - Psicólogo – Três psicólogos (as) atuando na área da educação no município de Iguatemi - questionário composto por 28 (vinte e oito) questões;

Questionário V - Médico - Três médicos (as) sendo 1 (um) psiquiatra, 1(um) Especialista cabeça e pescoço e 1 (um) Clínico Geral - questionário composto por 14 (catorze) questões;

Questionário VI - Advogado - Três advogados (as) atuando no município de Iguatemi independente de área de atuação - questionário composto por 14 (catorze) questões.

A forma de abordagem dos potenciais participantes da pesquisa ocorreu da seguinte maneira: após convite e confirmação via contato telefônico, houve a assinatura do Registro de Consentimento Livre e Esclarecido. Na sequência foram agendados dia, horário e local de

livre escolha pelo entrevistado, que melhor se adequasse a realidade do profissional sujeito da pesquisa, sendo realizado na forma presencial. Foram entrevistados de forma individual e sigilosa, mesmo sendo respondidos questionários por mais de um indivíduo no mesmo ambiente ao mesmo tempo, evitando assim constrangimento ou qualquer outro risco que pudesse surgir no decorrer do processo. Após a coleta de dados, os questionários foram envelopados e acondicionados em local com chave na residência da pesquisadora com a finalidade de preservar o sigilo dos dados coletados.

Em relação aos advogados e médicos entrevistados, foram consultados os respectivos Conselhos: OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) e CRM (Conselho Regional de Medicina), sobre a necessidade de autorização destes conselhos para os profissionais responderem os questionários da pesquisa. Pelo fato de serem profissionais liberais, inscritos nos Conselhos de suas classes, não há qualquer impedimento, tendo em vista a liberdade de expressão do profissional.

No processo de análise do sujeito foi possível assumir uma postura crítica na descrição dos vários discursos do *bullying* no ambiente escolar, inclusive, de todas as violações sofridas pelas vítimas: físicas, verbais ou morais. Foram recortados enunciados dos dados coletados via questionários e agrupados, conforme critérios de oposição, similaridade, temporalidade, gênero e o discurso proferido para análise e detalhamento sobre o tema pesquisado, produzindo sentidos em relação ao discurso.

Quanto à aplicação dos questionários e aos dados coletados, foram apresentados os riscos e benefícios da pesquisa aos sujeitos entrevistados. Riscos, tais quais, fluir emoções que estejam relacionadas ao tema; possibilidade de constrangimento e insegurança ao responder ao questionário de coleta de dados devido à amplitude do tema pesquisado; medo de não saber responder ou ser identificado (quebra de sigilo), apresentar cansaço devido à quantidade de questões a serem respondidas em um espaço de tempo determinado.

Para evitar ou amenizar os danos, houve cautela em relação ao respeito de agendamento de dia disponível e melhor horário para que não houvesse prejuízo a seus afazeres, havendo respeito a sua privacidade ao responder ao questionário com o sigilo necessário em relação às respostas obtidas.

Visando à prevenção, providências e cautela em relação aos danos físicos, psíquicos, morais, intelectuais, sociais e culturais que pudessem ser causados ante a exposição do entrevistado à pesquisa, foi oportunizada aos sujeitos da pesquisa a desistência por

arrependimento, em relação às informações prestadas, sendo mantido sigilo. Dessa forma lhes foi oportunizado que a qualquer momento deixassem de participar da pesquisa se assim o quisessem, respeitando sua decisão sem qualquer prejuízo.

Quanto aos benefícios, estes, puderam contribuir de maneira significativa para o enfrentamento desse fenômeno e ao oferecimento de uma educação pautada na ética e na construção moral do ser humano como um todo propondo que se trabalhasse a inteligência emocional dos estudantes no cotidiano escolar para auferir esses resultados.

A intensificação da pesquisa se deu a partir do segundo semestre de dois mil e vinte e dois; a coleta de dados de profissionais de educação teve como ênfase estudantes de escolas estaduais de Iguatemi - Mato Grosso do Sul, as quais ofereceram no ano de 2023 a educação básica: etapas do Ensino Fundamental e Médio, nas modalidades regular; EJA - Educação de Jovens e Adultos (etapa do Ensino Médio) e AJA - Avanço de Jovens e Adolescentes (etapa do Ensino Fundamental - anos finais).

Houve a necessidade de um posicionamento de pesquisadora sem preconceitos, não se valendo de verdades pré-constituídas, ou interferência de crenças e opiniões por parte da observadora, sobre o tema tratado. Ainda, tanto para a organização como o mapeamento dos detalhes descritivos, foram necessárias observações individuais e comentários analíticos, para que posteriormente fosse possível separar mera descrição com a interpretação dos dados coletados.

Ainda, de caráter fundamental para melhor apresentação e entendimento de conceitos e análises já realizadas, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, a qual nos apresentou diversos pontos de vista e definições sobre o assunto tratado por estudiosos e pesquisadores, aqui elencados.

Dentre as teorias da linguagem e da linguística, tendo como pressuposto o tema proposto abranger a ocorrência da análise do discurso no campo social, utilizou-se como fundamentação a Teoria da Língua como Atividade Social, uma vez que através desta

[...] veiculamos as informações, externamos nossos sentimentos e agimos sobre o outro. Assim concebida a língua é um somatório de usos concretos, historicamente situados, que envolve sempre um locutor e um interlocutor localizados num espaço particular, interagindo a propósito de um tópico previamente negociado (CASTILHO, 2010, p. 67).

Em um segundo momento, utilizou-se a pesquisa descritiva, na qual foram coletados dados mediante aplicação de questionários com questões pontuais sobre o tema e direcionados

a profissionais pertencentes ao âmbito escolar, da saúde e jurídico. Os questionários contemplaram questões pontuais referentes à área de atuação de cada profissional sobre o tema objeto de pesquisa.

Aos profissionais da educação houve detalhamento das questões da ocorrência prática do *bullying* no ambiente escolar. Nesta análise, em relação à instituição escolar, foram analisados todos os aspectos do discurso sobre o *bullying*, sua composição e relações interpessoais dos estudantes e demais profissionais da educação: corpo docente, diretores/diretores adjuntos e coordenadores pedagógicos, pois, as escolas atendem crianças das mais variadas classes sociais desde o maternal, e na sociedade de classe é necessário o desempenho de vários papéis inerentes ao seu funcionamento, assim, cada grupo através da ideologia que desempenha seu papel: de explorado, de agente de exploração, de repressão ou profissionais ligados à ideologia. Foi nessa premissa que a análise foi desenvolvida, para que os registros e evidências coletados no ambiente escolar fizessem parte da história de forma permanente e acessível a todos que queiram se aprofundar neste estudo.

Quanto aos profissionais liberais da área da saúde, houve direcionamento na coleta de dados referente aos sintomas físicos, psicológicos e psicofisiológicos. Aos advogados foram direcionadas questões que envolvem legislação e consequências no âmbito jurídico. Ainda, para melhor compreensão foram pesquisados registros e legislações tais como: termos de ocorrência, Regimento Escolar, Projeto Político Pedagógico, advertências, notícias e outros disponíveis.

Ante os dados analisados, foi possível assumir uma postura crítica na descrição dos vários discursos sobre o *bullying* no ambiente escolar, inclusive, de todas as violações sofridas pelas vítimas, quer sejam físicas, verbais ou morais. Este recorte histórico e ideológico contribuiu e contribuirá de forma significativa para o enfrentamento desse fenômeno e a promoção de uma educação pautada na ética e na construção moral do ser humano como um todo, através do desenvolvimento da inteligência emocional dos estudantes no cotidiano escolar.

#### *Relatório de campo - descrição da aplicação dos questionários*

Os questionários dos profissionais da educação foram aplicados em duas escolas estaduais que oferecem as etapas do Ensino Fundamental e Médio em várias modalidades no município de Iguatemi – MS.

As funções abrangidas foram: professor, diretor/ou diretor adjunto escolar e coordenador pedagógico.

Foram respondidos 3 (três) questionários de cada função desempenhada no ambiente escolar, quer seja: 3 (três) de professor, três de diretor/ou diretor adjunto escolar e 3 (três) de coordenador pedagógico escolar.

Na primeira escola responderam: 1 (um) diretor, 1 (uma) diretora adjunta, 2 (duas) coordenadoras pedagógicas escolar e 2 (duas) professoras.

Em detrimento dos horários disponíveis desses profissionais, houve a seguinte organização, conforme agendamento prévio: na primeira escola (mediante agendamento direto/contato pessoal com os sujeitos participantes da pesquisa).

Duas coordenadoras pedagógicas que atendem as etapas do Ensino Fundamental e Médio, o diretor e a diretora adjunta da escola dirigiram-se à Sala de Recursos Multifuncional desta escola para responder aos questionários. Estes foram entregues conforme funções exercidas na escola; havendo na sequência orientação em relação ao tempo destinado a respondê-los e demais orientações pertinentes ao seu preenchimento.

No decorrer do período da aplicação, os voluntários se mantiveram em silêncio, alguns esboçaram espanto ao ler determinada questão, apresentaram um semblante de análise e de concentração, risos baixinhos, coçaram a cabeça, roeram as unhas; em determinado momento uma coordenadora pedagógica comentou que aquele era o dia ideal para responder sobre tal assunto. Identifiquei ter havido alguma ocorrência relacionada ao tema do objeto de pesquisa.

Quanto aos professores de ambas as escolas, devido à dificuldade de disponibilidade de horário, a aplicação ocorreu de forma individual, conforme disponibilidade dos mesmos em dias e horários de planejamento. Estes, responderam de forma objetiva, sem vacilar, com muita propriedade a respeito do que estavam escrevendo.

Na outra escola os questionários foram respondidos por: 1 (uma) diretora, 1 (uma) coordenadora pedagógica escolar e 1 (uma) professora.

Em detrimento aos horários disponíveis desses profissionais, conforme agendamento prévio via contato telefônico houve a seguinte organização: foi solicitado à pesquisadora que comparecesse à escola neste mesmo dia no período vespertino. Posto isso, conforme data e horário agendados, na sala da direção escolar, diretora e coordenadora pedagógica, após um breve diálogo iniciaram o preenchimento dos questionários. No que tange à direção escolar, percebi serenidade e objetividade no preenchimento; já, a coordenadora pedagógica fez pausas em diversos momentos, meditou, dando sequência ao preenchimento das informações.

Na sequência me dirigi a outra sala onde uma professora em seu horário de planejamento respondeu o mesmo. Ressalta-se que a professora trabalha em ambas as escolas nas etapas do Ensino Fundamental e Médio e, no decorrer do preenchimento, ficou introspectiva, balançou a cabeça e algumas vezes até sorriu.

Quanto os profissionais liberais, a coleta de dados se deu da seguinte maneira: as psicólogas entrevistadas receberam os questionários em seu ambiente de trabalho, duas na Secretaria de Municipal de Educação no município de Iguatemi-MS e a terceira em seu consultório, sendo aplicados conforme disponibilidade e prévio agendamento para coleta de dados.

O mesmo ocorreu com os médicos entrevistados, dentre os quais, um relatou nunca ter atendido casos de *bullying*, assim foram coletadas informações de dois destes profissionais, os quais responderam seus questionários no ambiente de trabalho conforme disponibilidade de horário.

No que tange aos advogados, dirigi-me aos seus escritórios, sendo que, dois deles responderam sem vacilar nunca ter atendido casos de *bullying* e um respondeu as questões com riqueza de informações.

A seguir, damos início ao primeiro capítulo, que versa sobre o quadro teórico da pesquisa.

## CAPÍTULO I

### 1 DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 1.1 DA ANÁLISE DO DISCURSO

É através da análise do discurso que nos aprofundamos no estudo e uso das línguas naturais e das construções ideológicas textuais. A grande responsável pela divulgação e introdução da Análise do Discurso no Brasil no final da década de 1970 foi a professora Eni Orlandi, surgindo assim a oportunidade de língua e história serem estudadas de forma conjunta.

Para Fiorin (1998, p. 51) “A análise, em síntese, não se interessa pela verdadeira posição ideológica do enunciador real, mas pelas visões de mundo dos enunciadores (um ou vários) inscritos no discurso”.

Todo texto nos traz em suas entrelinhas um sentido, denominado de materialidade, funcionamento e historicidade. Daí a utilização do termo não-transparência ou opacidade, pois a análise do discurso não se restringe ao que o texto quer dizer, mas sim a seu funcionamento.

A Análise do Discurso é uma disciplina que vem ocupar o lugar dessa necessidade teórica, trabalhando a opacidade do texto e vendo nessa opacidade a presença do político, do simbólico, do ideológico, o próprio fato do funcionamento da linguagem: a inscrição da língua na história para que ela signifique. (ORLANDI, 2001, p. 21).

O sentido passa a existir, desde que em constante articulação com o simbólico e político. São independentes e ao mesmo tempo codependentes quando se trata da análise do discurso, para a obtenção de significado através da história.

A análise do discurso objetiva a descrição de como um texto funciona e não se restringe a descrever o texto. Tem por finalidade a produção de sentido dentro do texto e os processos de significação dentro da discursividade.

Frente à análise, a alteridade é latente ao analista, pois colocar-se-á no lugar do outro, levará em conta a ideologia e o equívoco que pode se apresentar no percurso. Deverá se situar em relação ao discurso e não se restringir à reflexão, expondo assim efeitos de sentido.

Orlandi define Análise do Discurso:

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso [...] O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (ORLANDI, 2015, p. 13).

Ainda, segundo Orlandi, são três os pressupostos que norteiam a análise do discurso e sua interpretação:

a. não há sentido sem interpretação; b. a interpretação está presente em dois níveis: o de quem fala e o de quem analisa, e c. a finalidade do analista de discurso não é interpretar mas compreender como um texto funciona, ou seja, como um texto produz sentidos. (ORLANDI, 2001, p. 19).

O primeiro pressuposto elucidado que não podemos pensar em sentidos, apesar de parecerem evidentes, pois são passíveis de equívoco, assim, gestos cotidianos de interpretação podem fazer toda a diferença na análise.

Quanto à presença da interpretação somos remetidos a dois níveis: de quem fala, ou seja, transmite a mensagem da forma que a interpretou, conforme sua visão; e daquele que analisa esta fala, pois todo discurso indubitavelmente nos remete a um novo discurso e é suscetível de várias interpretações. Nessa premissa, Orlandi (2020, p.13) assevera “A análise do Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social”.

E, finalmente, retomamos a finalidade do analista de discurso, que é a compreensão do funcionamento de um texto e seus sentidos na maior e mais profunda completude. A análise do discurso tem como objeto o discurso, que apresenta três formas de opacidade ou de não-transparência: da língua, do sujeito e da história. A língua tem como finalidade a construção de sentido do conteúdo (mensagens) com suas especificidades na forma como são passados.

O sujeito se fundamenta no caráter ideológico, descarta a alteridade, o outro; trabalha com evidências, com exterioridade, com opacidade. Ainda, tem caráter discursivo peculiar a cada ser humano na sua individualidade. A história é escrita e materializada, dentro das vertentes da análise, e assim o discurso flui e faz com que nossa historicidade seja registrada através da língua e da linguagem.

Logo, nos deparamos com o questionamento do que é então o jogo na análise do discurso? É a ligação material entre inconsciente e ideologia, a sujeição da língua em relação à falha, quer seja, dígito falho ou ato falho no mundo digital.

## 1.2 DO DISCURSO

O Discurso é o acontecimento significativo, possui sentido e tem a subjetividade como lugar fundamental, pois tal como o discurso, a subjetividade varia de pessoa para

pessoa. Para Fiorin (1998, p. 54), “o discurso não reflete uma representação sensível do mundo, mas uma categorização do mundo, ou seja, uma abstração efetuada pela prática social”.

Pelo discurso, transmitimos mensagens resultantes de sentimentos positivos ou negativos, todas reflexo da forma como nos expressarmos em determinado momento, com termos suaves ou mais pesados, resultantes de nossos sentimentos. O que contém o discurso sob a ótica da visão de mundo? Ainda, para Fiorin (1998, p. 55) “O discurso transmitido contém em si, como parte da visão de mundo que veicula um sistema de valores, isto é, estereótipos dos comportamentos humanos que são valorizados positiva ou negativamente”, e ainda (FIORIN, 1998, p. 56) “Pode-se concluir que o discurso é, ao mesmo tempo, prática social cristalizada e modelador de uma visão de mundo”. Isso porque a sociedade a mantém imutável como um modelo pré-estabelecido no mundo em que vivemos.

Nessa premissa, a completude do discurso se dá pela interpretação, daquele que fala através do discurso e o que recebe as informações. Orlandi (2020, p. 20) de forma pontual conceitua discurso: “Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores”, assim, não se restringe à fala, mas aos sentidos produzidos.

Ao analisarmos a linguagem verbal, devemos interpretar de forma comprometida o conteúdo analisado para que o discurso tenha sentido. Com cautela e de forma complexa, levando em conta todas as possibilidades que se tornam possíveis aos olhos do analista.

Poderá ocorrer o equívoco no decorrer desse processo de materialização. Por certo, quanto ao equívoco, frente a determinado discurso, Orlandi (2001, p. 23) ressalta que “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para outro”. São diversas as vertentes de interpretação possíveis ao homem, desta forma, poderá ocorrer o equívoco: a mudança de sentido do discurso.

A materialidade específica da ideologia é o discurso e a do discurso é a língua. Ademais, o Homem é ator de sua própria história, porém essa não se apresenta de forma transparente, surgindo então a relação do imaginário com o real, o que é realmente e como o Homem gostaria que fosse, eis que surge a teoria materialista do discurso.

Há uma diferenciação entre falha e equívoco: a língua pode ser falha, pois é constitutiva da ordem simbólica; já o equívoco é resultante do discurso, fato que ocorre no discurso, no decorrer da inscrição da língua na história pode ser produzido o equívoco.

Para Orlandi (2001, p. 104) “A ideologia funciona pelo equívoco e se estrutura sob o modo da contradição”. Para que o discurso flua, haverá necessariamente uma reflexão entre equívoco e contradição. Ao analisar-se o funcionamento do discurso, identificamos que quanto maior a convicção, menor a possibilidade de falhas.

### 1.3 DO ANALISTA DO DISCURSO E DA INTERPRETAÇÃO

Na análise do discurso a interpretação é o objeto de reflexão e essa é sua questão fundamental, ou seja: interpretação constante e uma interrogação efetiva em relação à interpretação, realizada pelo analista do discurso na relação existente entre discurso e texto.

Inegavelmente, o analista ao interpretar, se depara em constante interrogação sobre o discurso que está analisando. Para que haja melhor compreensão na relação existente entre discurso e texto, pelo fato de serem apresentados diversos sentidos, conforme as teorias e os métodos que são praticados deverá haver constância na análise e seriedade sobre o discurso ora analisado.

A completude do discurso se dá pela interpretação daquele que fala através do discurso e o que recebe as informações, assim, o analista de discurso deve se remeter ao funcionamento, à produção de sentidos de um texto, os quais podem ser os mais variados, e jamais deverá se restringir à mera interpretação do texto.

Portanto, poderão ocorrer interpretações variadas, apesar de falarmos a mesma língua, sendo estas de diversas formas. Eis a passividade de jogo da língua e da discursividade ante a mudança de sentido e significado. Ao analisarmos a linguagem verbal, nos cabe interpretar de forma comprometida, para que o discurso tenha sentido, do contrário, nos depararemos com a incompletude, ou seja, mera interpretação sem sentido, visto que, para que haja sentido, a língua se inscreve na história, sendo passível de jogo, podendo haver equívocos.

Assim, o analista trabalhará com o sentido das palavras e as regras que as tornam possível, ou seja, a articulação entre língua e discurso, dando a língua neste caso, espaço para ocorrer a interpretação, como também deverá haver uma distinção para melhor entendimento de analista e sujeito, pois o analista se fundamenta pelo aspecto teórico, não se restringe a utopia, leva em conta a alteridade, o outro como ser, tornando visível o modo de como a ideologia se configura.

O jogo da interpretação é latente, há transparência e sem dúvida, o analista deverá compreender o sentido da interpretação e que o sujeito se fundamenta no caráter ideológico, descarta a alteridade, o outro; trabalha com evidências, com exterioridade, historicidade e com opacidade.

Em suma, Orlandi (2001, p. 27) assevera: “interpretar é dizer o dito”, e ainda, “Nossas palavras falam com (outras) palavras.” Isso, no que se refere a língua e a interpretação para o analista de discurso, logo, compete ao analista, descrever discursos, apontar momentos de interpretação, não se limitar apenas a isso, devendo compreender e explicitar dentro da significação do contexto, seus sentidos e os mecanismos de funcionamento, a constituição simultânea de sujeitos e sentidos.

É latente a necessidade de se destacar a divisão que delimita o literário do científico, ou seja, o que está sujeito à interpretação, do literal ou não sujeito à interpretação: Para Orlandi (2001, p. 28), “a. há aqueles que têm direito à interpretação e aqueles que não têm; e b. há textos considerados instáveis (sujeitos a equívoco) quanto aos sentidos e há aqueles que são tidos como estáveis (onde haveria interdição à interpretação)”. Há notória distinção entre o literário e o científico, onde o primeiro é suscetível à interpretações variadas e o segundo jamais permitirá interpretações variadas.

Tudo dependerá da posição social do sujeito, regidas pelas instituições sociais e familiares. Orlandi (2001, p.100) destaca como fundamental para os analistas de discurso a seguinte afirmação: “A ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este submete-se à língua significando e significando-se pelo simbólico na história”.

No decorrer de todo o processo de materialização do discurso, quer seja, através da máquina ou técnica poderá haver a falha, também conhecida por ato falho, o qual trará significado totalmente distorcido à mensagem a ser transmitida. Nesse sentido, na análise do funcionamento do discurso, identificamos que quanto maior a convicção, menor a possibilidade de falhas, logo, como analistas, não temos a pretensão de chegarmos à verdade do sentido, mas sim às suas diferenças e movimentos que podem ocorrer no decurso do tempo.

#### 1.4 DA LÍNGUA E DA LINGUAGEM

Para distinguirmos forma e substância, nos remetemos ao pensamento, resultante da substância do conteúdo e ao som, que nada mais é do que a substância da expressão.

Todas as línguas têm como fim a transmissão de mensagens e estas nada mais são, do que a substância (conteúdo) a ser transmitida. Nessa premissa, ao analisamos palavras e frases, acabamos incorrendo na análise das formas específicas de cada língua, pois as diversas línguas e idiomas apresentam especificidades em si mesmas. Na análise do discurso, Orlandi (2001, p. 27) afirma que a língua “não se reduz ao jogo significante abstrato. (...) a língua se inscreve na história”, bem como, Fiorin (1998) define a língua como um sistema virtual, inerente a todos os falantes, composta de normas gramaticais e combinatórias, as quais são compostas pelo tempo, espaço e pela história. A linguagem é definida como todas as formas e códigos de comunicação e a língua se restringindo a apenas um desses códigos. Ainda, Orlandi (2012, p. 73) ressalta “(...) a língua dá as condições materiais de base do processo discursivo”, e complementa “(...) entendemos a língua como fato social e histórico”. Ademais, Orlandi (2012, p. 73), define a matéria “como substância suscetível de receber uma forma”, ou seja, nossos pensamentos quando materializados, passam a ser forma e são reproduzidos por línguas e idiomas com normas e regras específicas.

Todas as nossas vivências quer sejam: históricas, políticas ou sociais são concretizadas mediante a constituição da língua, fazendo parte do processo discursivo. Assim, ocorre a materialização do pensamento através da produção na forma material, a qual não compreende as formas abstrata, empírica ou concreta, pois nada no mundo está acabado, estamos em constantes mudanças, adaptações; sujeito e sentido também se ressignificam, tanto quanto a ideologia e o inconsciente se materializam através do real da língua e da história.

Segundo Orlandi (2012, p. 72) “A substância seria geral para todas as línguas”, “as formas são particulares, próprias de cada língua”, e ainda, “A língua é forma e não substância”, bem como para a Psicanálise relata Orlandi (2001, p. 100), “o inconsciente é estruturado como linguagem” e na Análise do Discurso “o discurso materializa a ideologia”. Ainda, na análise do discurso, Orlandi (2001, p. 27) assegura que a língua “não se reduz ao jogo significante abstrato. (...) a língua se inscreve na história”. Poderão ocorrer interpretações variadas, apesar de falarmos a mesma língua, porém de formas diferentes. Eis a passividade de jogo da língua e da discursividade frente à mudança de significado e de sentido. Além disso, o sujeito se fundamenta no caráter ideológico, descarta a alteridade, o outro; trabalha com evidências, com exterioridade, historicidade e com opacidade. A língua se inscreve na história, logo, é passível de equívocos. É através da subjetividade que compreendemos como a língua acontece no homem, haja vista ser inerente ao ser humano a forma de expressar-se.

Não devemos quantificar o assujeitamento, pois este é variável de pessoa para pessoa, levando-se em conta a língua e a história, submetendo-se o sujeito à língua e sendo afetado pelo simbólico e pelo sistema significante. Para Orlandi (2001, p.102) “o sujeito para se constituir, deve-se submeter à língua, ao simbólico” (...) “pelo jogo da língua na história, na produção dos sentidos”, portanto, ao analisarmos a linguagem verbal, nos cabe interpretá-la de forma comprometida, para que o discurso tenha sentido.

### 1.5 DA PARÁFRASE E DA POLISSEMIA

Ao adentrarmos a definição de paráfrase e polissemia, podemos afirmar que ambas fazem parte do processo discursivo e são mecanismos que têm por função demonstrar como a língua funciona. Na paráfrase retornamos ao discurso já escrito. Orlandi (2015, p. 34) reitera que a “paráfrase produz efeitos de sentido na memória discursiva”, ou seja, retoma-se o que já foi dito, porém de outra forma, portanto, paráfrase é sinônimo de estabilização. O mesmo dizer apresenta-se nas mais variadas formas consolidadas. Ainda, Orlandi (2015, p. 34) assevera que paráfrase “representa assim o retorno aos mesmos espaços de dizer”.

A polissemia é definida como dizer algo com sentido diferente. Orlandi (2015, p. 34) ratifica que, “o que temos é o deslocamento, ruptura de processos de significação”. Podemos falar o mesmo discurso com sentidos variados, desse modo, polissemia é sinônimo de deslocamento. Logo, a supressão de alguns termos poderá desvirtuar o que é dito, mudando o sentido do discurso, em virtude disso, ambas se encontram interligadas e são de suma importância na Análise do Discurso, pois através delas podemos distinguir como realmente a língua funciona.

### 1.6 DO SUJEITO E DO SENTIDO

Na concepção da Análise do discurso, sujeito e sentido constituem-se simultaneamente, com a articulação da língua como a história, irradiando o imaginário e a ideologia. Somos todos sujeitos, pois existimos, pensamos, vivemos na ideologia. Somos únicos, temos um nome próprio, uma história e características que nos são peculiares.

Para Orlandi (2001, p.100) “A ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este submete-se à língua significando e significando-se pelo simbólico na história” e Althusser (1918, p. 93) afirma que “só há ideologia pelo sujeito e para os sujeitos”, enquanto Orlandi

(2001, p. 100), assevera que “O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia”, surge então o vínculo que este constitui com o simbólico.

Por outro lado, a subjetividade compreende dois momentos para sua melhor compreensão: “a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia”, o qual se encontra “afetado pelo simbólico, na história, seja sujeito, se subjetive” e “a relação do sujeito com a linguagem enquanto parte de sua relação com o mundo, em termos sociais e políticos” (ORLANDI, 2001, p. 105), ou seja, as formas em que o sujeito se apresenta individualizado em relação ao Estado.

A situação social do homem, também conhecida como empírica se transforma em posição-sujeito, de caráter discursivo, inerente a cada ser humano. Ademais, sobre o assujeitamento, Orlandi (2001, p. 107) ressalta: “o caráter irrecorrível do assujeitamento - qual seja o do indivíduo tornar-se sujeito, assujeitar-se ao simbólico pela ideologia - e há o possível deslocamento (resistência?) do sujeito aos modos pelos quais o Estado o individualiza”. Logo, temos o sujeito jurídico, aquele detentor de direitos e deveres e o sujeito individualizado pela sua constituição bio-psico-social.

Não há de se pensar apenas no sujeito individualizado, pois corremos o risco de ocultar o simbólico, o histórico e a ideologia que o cercam, possibilitando a interpelação do indivíduo em sujeito. Quanto ao sujeito capitalista, este se apresenta determinado e determinador, pois é simultaneamente, livre e submisso, sujeito jurídico, a mercê de direitos e deveres. Nesta perspectiva, a Análise do Discurso não se restringe à análise do sujeito em si, mas se confrontada com sua existência social e mediante a interpelação da ideologia.

Todo discurso possui sentido e este, constitui-se simultaneamente com o sujeito, com a articulação da língua como a história, irradiando assim o imaginário e a ideologia. A análise do discurso tem como finalidade a produção de sentido no texto, do sentido da interpretação.

O sentido de uma expressão, de uma preposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo, no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e preposições são produzidas. (PÊCHEUX, 1995, p. 160).

Ao analisarmos a linguagem verbal, devemos interpretá-la de forma comprometida, trazendo sentido ao discurso. A mera troca de letras, ou supressão, na forma material (digital), pode mudar o sentido do discurso, alterando ou acrescentando significados, surgindo o equívoco, ou seja, mudança de sentido do discurso.

Sempre há um sentido nas entrelinhas de um texto, constituindo: materialidade, funcionamento e historicidade. Como discurso e texto apresentam diversos sentidos, para melhor compreensão na relação existente entre ambos, deve-se observar o sentido literal do que se pretende transmitir no discurso e para isso o analista de discurso deve se remeter ao funcionamento, à produção de sentidos de um texto, dos mais variados, jamais deverá se restringir à mera interpretação.

### 1.7 DAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Para Orlandi (2002, p. 30) condições de produção são conceituadas como “contexto imediato”, assim, compreendem a situação e os sujeitos envolvidos nesse processo e o contexto ideológico e histórico. Os fatores determinantes de uma ação podendo ser o sujeito, o próprio contexto, delimitação de ambiente e as condições de enunciação compõem a condição de produção do discurso. Sobre este enfoque Orlandi (2002, p. 30) parafraseia e destaca “posição-sujeito numa determinada circunstância”.

Vários discursos compõem um todo historicamente, logo, não há que se falar em condições de produção em um único discurso, pois a formação discursiva é inerente de um complexo envolvimento, onde sujeito e história se constituem. Pêcheux (2002, p. 44) reitera “a história é uma disciplina de interpretação”, cabendo ao analista interpretar, dentre outras funções que lhe competem. A memória está vinculada à construção histórica, ambas passam constantemente por desconstruções e reconfigurações, não permanecem imutáveis.

As condições de produção no contexto sócio-histórico e ideológico, têm sentido amplo e dessa forma Orlandi destaca:

o contexto amplo é o que traz para a consideração dos efeitos de sentidos, elementos que derivam da forma de nossa sociedade, com suas instituições, entre elas a Universidade, no modo como eleger representantes, como organiza o poder, distribuindo posições de mando e obediência. (ORLANDI, 2015, p. 29).

Da mesma forma, as posições de obediência e mando se apresentam como vítima e agressor. Logo, em determinado momento histórico e seguindo ideologias não aceitas pela sociedade, se identificam perfeitamente nesta perspectiva.

Compete ao analista de discurso, instrumentalizar questões sociais no contexto científico e abrir possibilidades de problematização e reflexão aos acontecimentos discursivos na sociedade. “A sociedade é construída pela estrutura e acontecimento” Pêcheux (2002, p.

49). Tudo suscetível à análise e interpretação, possibilitando à produção a “desestruturação-reestruturação dessas redes de trajeto” Pêcheux (2002, p. 56).

## 1.8 DA FORMAÇÃO DISCURSIVA E IDEOLÓGICA

Diante da análise proposta torna-se indispensável a conceituação da formação discursiva e da ideológica.

Para Orlandi, uma formação discursiva “se define como aquilo que em uma formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 1997, p. 43). Assim, os sentidos se definem de forma ideológica, pois a ideologia recorta o interdiscurso e nos direciona à memória; posto isso, os sentidos de constituem nas formações discursivas.

Para Fiorin (1998, p. 32) uma formação discursiva “é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo”. “uma formação discursiva determina o que dizer”. Reproduzimos discursos com o passar dos tempos por intermédio da assimilação da formação discursiva. Logo, o discurso dominante será aquele da classe dominante.

“Pensamento e linguagem são distintos, mas inseparáveis”, Fiorin (1998, p. 34), e reitera que: “o discurso materializa as representações ideológicas”. Diante do explanado, remetemo-nos à conceituação de formação ideológica. “Uma formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de ideias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo” – (FIORIN, 1998, p. 32) assevera que “uma formação ideológica impõe o que pensar”.

Essa visão, encontra-se vinculada à linguagem, podendo apresentar-se tanto na forma verbal como não-verbal. Orlandi reitera (2015, p. 41) “Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos”, haja vista estar intrinsecamente ligada à comunicação quer seja, verbal ou não-verbal.

A matéria para Orlandi (2012, p.71) “é a substância suscetível de receber forma” e forma e substância, existe “forma abstrata, forma material e substância”, e a materialidade “permite observar a relação do real com o imaginário, ou seja, a ideologia, que funciona pelo inconsciente: a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua”.

## 1.9 DA IDEOLOGIA

Somos todos sujeitos, pois existimos, pensamos, vivemos na ideologia, somos únicos, temos um nome próprio e características que nos são inerentes e peculiares. Nessa premissa, a ideologia é assim definida por Fiorin (1998, p. 28) “A esse conjunto de ideias, a essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens, é o que comumente se chama ideologia”.

Orlandi (2012, p. 75) relata que para Althusser, “a ideologia é o modo através do qual os homens vivem suas relações em relação às suas condições de existência”. Condições reais, vivenciadas no dia-a-dia e suscetíveis a materialização através do discurso. Para Althusser (1918, p. 86), “os homens representam-se de forma imaginária, suas condições reais de existência”, é este então o objeto representado na ideologia. Fiorin (1998, p.30) discorre que “A ideologia é constituída pela realidade e constituinte da realidade”, ou seja, é o reflexo do nível econômico e construída a partir da realidade e dos fenômenos que a circundam.

Althusser (1918, p. 87) assegura que “o que se encontra na ideologia são as condições de existência dos homens, de seu mundo real” e “uma ideologia existe sempre em um aparelho e em sua prática ou práticas”. Ainda, “Esta existência é material” para Althusser (1918, p. 89), eis então a materialidade da ideologia. Neste contexto, faz-se necessária uma breve análise sobre a engrenagem dos aparelhos ideológicos do estado, pois para ele (1918, p. 73) “todos os aparelhos do Estado funcionam ora através da repressão, ora através da Ideologia”. Há neste contexto um misto entre imaginário e real, onde a possibilidade de representação se dá por intermédio da ideologia. Logo, a representação ideológica da ideologia consiste nela mesma, pois, o sujeito dotado de uma consciência, e crente em ideias, age conforme elas se apresentam a ele, refletindo em suas atitudes, e pela lógica deverá respeitar e agir conforme suas crenças. Caso não proceda desta forma, há algo errado com ele. Quais são os paralelos que nos reportam por vez à repressão, por vez à ideologia? São aqueles que nos remetem ao domínio privado - instituições distintas e especializadas, quer sejam: religiosas, escolares, familiares, jurídicas, políticas, sindicais, de informação e culturais.

Frente a análise, a alteridade é latente ao analista, pois este colocar-se-á no lugar do outro, levará em conta a ideologia e o equívoco que pode se apresentar neste percurso. Deverá se situar em relação ao discurso e não se restringir à reflexão, expondo assim os efeitos de sentido. Para Orlandi (2012, p. 76), “a materialidade específica da ideologia é o discurso e a do discurso é a língua, podemos dizer que sem o discurso não há materialidade específica”. A

ideologia produz evidências, jamais as oculta. A interpretação nos induz ao questionamento: a que isto nos remete? Ou seja, ao seu significado na forma literal. Através dela o sujeito entrega-se à ideologia, construindo evidências dos sentidos.

Equívoco e contradição são inevitáveis, para Orlandi (2001, p. 104) “a ideologia funciona pelo equívoco e se estrutura sob o modo da contradição”. Para que o discurso flua, haverá necessariamente uma reflexão entre equívoco e contradição. Cabe ao analista se fundamentar pelo aspecto teórico, não se restringir a utopia, levar em conta a alteridade, o outro como ser, tornando visível o modo de como a ideologia se configura. O jogo da interpretação é latente, há transparência. Ademais, o analista deverá compreender o sentido da interpretação.

Por fim, o ser humano é ideológico por natureza e a ideologia que o envolve é determinada por uma época, um contexto social e por fatores determinantes de sua historicidade, assim, nos ensinam os saberes contidos na ideologia dominante e tornamo-nos operários ou empregados, funcionários pequenos e médios, capitalistas, gerentes, militares, policiais, políticos, administradores ou profissionais voltados à ideologia, tudo vai depender de nossa postura e da nossa história de existência.

## CAPÍTULO II

### 2 DO ESTADO DA ARTE

O tema abordado é de extrema relevância para a sociedade, especialmente na área da educação, haja vista que pesquisas apontam o aumento significativo de casos de *bullying*. É uma extensão do estudo do Trabalho de Conclusão de Curso na área do Direito, onde desenvolvi o tema: “*Bullying* no ambiente escolar: causas, consequências e a ausência de legislação específica” e ao perceber os danos causados por esse fenômeno, surgiu então, o interesse em estudar o discurso do *bullying* no ambiente escolar em suas mais variadas concepções.

Foram identificados pontos consensuais e divergentes sob a ótica de pesquisadores e escritores. Dentre esses conceitos destaca-se que para Silva (2015, p. 21) “O *bullying* pode ser considerado o retrato da violência e da covardia estampado diariamente no templo do conhecimento e do futuro de nossos jovens: a escola”. Fante (2005, p. 28-29) define *bullying* como: “conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (os), causando dor, angústia e sofrimento”. É no ambiente escolar que a prática do *bullying*, ocorre de forma velada e recorrente, assim, conforme relata Joe Garcia desde a existência da escola, sua funcionalidade sempre dependeu de toda uma engrenagem e de alguns pressupostos necessários para sua desenvoltura, entre eles a disciplina. Garcia (2013, p. 17) “Há quase 400 anos, Jan Amos Comenius escreveu, em sua principal obra, a Didática Magna, que uma escola sem disciplina é como um moinho sem água”.

Ainda, Comenius foi um dos primeiros educadores a perceber e escrever sobre a existência de problemas indisciplinados na escola, apresentando em seu livro orientações aos professores de possíveis estratégias que sanassem o problema e simultaneamente motivassem seus alunos a aprender, ainda, pensadores como Platão e Santo Agostinho em seus escritos há séculos atrás também reportaram o problema. Com o passar do tempo a indisciplina passou a ser concebida como uma forma de inadequação do aluno à escola e atualmente em entendimento contrário se tem a escola como inadequada ao aluno, tanto de suas práticas, teorias, métodos como em materiais. A indisciplina muda de conceito quando passamos a elencar características pontuais, quer seja: a intencionalidade manifestada pelo agressor em causar sofrimento à vítima, agressões constantes com o mesmo alvo e por longo período de tempo, desequilíbrio de poder físico ou mesmo psicológico entre agressor e vítima o que

facilita e torna possível a sua intimidação, ocorrência cotidiana tornando-se insuportável aos olhos da vítima.

Quanto a origem de termos, Althusser (1918, p. 94) assevera sobre a designação de palavras: “como todas as evidências, inclusive as que fazem com que uma palavra “designa uma coisa” ou “possua um significado” (portanto inclusive as evidências da “transparência” da linguagem),” dessa forma estudaremos o termo *bullying*. Segundo Manzini (2017, p. 17) “É uma palavra da língua inglesa que passou a ser utilizada pela Psicologia da Noruega, década de 70, tendo surgido nos estudos do pesquisador Dan Olweus, da Universidade de Bergen”. O autor ainda relata que não há tradução do termo para o português, logo “significa agredir de forma intencional e repetitiva outra pessoa ou grupo, física e/ou psicologicamente, havendo sempre um desequilíbrio de poder entre vítimas e agressores”.

No mesmo contexto, tendo como principal característica ser uma manifestação desigual de poder surge assim a definição universal de *bullying* no contexto escolar:

É um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outros(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento do *bullying*. (FANTE, 2005, p. 28-29).

A prática do *bullying* ocorre em diversos ambientes, com mais frequência no ambiente escolar, das formas mais variadas que possamos imaginar e algumas mais cruéis: a direta envolvendo agressão física e a indireta agressão verbal. Silva (2015, p. 21), esclarece “[...] dificilmente a vítima recebe apenas um tipo de agressão; normalmente, os comportamentos desrespeitosos dos *bullies* costumam vir em bando. Essas atitudes maldosas contribuem não somente para a exclusão social da vítima, como também para muitos casos de evasão escolar”, com o sofrimento dessa prática contumaz, a vítima passa a se afastar do ambiente que possa lhe oferecer riscos, usa subterfúgios para não frequentar as aulas e por fim, evade-se da escola.

Dentre as práticas utilizadas pelos *bullies*, conforme descreve Silva (2015, p. 21), podemos destacar a “verbal: insultar, ofender, xingar, fazer gozações, colocar apelidos pejorativos, fazer piadas ofensivas e zoar.”. São ações diretas executadas do agressor para a vítima, onde a mesma é exposta e ridicularizada, a imposição de apelidos ofensivos é um dos exemplos, onde normalmente as pessoas não se sentem à vontade quando ocorre tal prática,

porém não têm reação para repudiar essa prática, inclusive com piadas de mau gosto. As agressões físicas fazem parte desse rol, constituindo o *bullying* físico e material, nesse caso a vítima sofre violência física, como: beliscões e muitas vezes seus pertences são furtados ou roubados.

Uma das práticas mais comuns entre o sexo feminino é a psicológica ou moral, Silva (2015, p. 22) descreve as ações normalmente utilizadas para a execução: “irritar, humilhar e ridicularizar, excluir, isolar, ignorar, desprezar, fazer pouco caso, discriminar, aterrorizar e ameaçar, chantagear e intimidar, tiranizar, dominar, perseguir, difamar, passar bilhetes e desenhos de caráter ofensivo entre os colegas, fazer intrigas, fofocas ou mexericos”. Logo, a prática sexual é comum pelo sexo masculino, onde passam a fazer insinuações, assediam meninos e meninas mais vulneráveis, violentam e abusam.

Com os avanços tecnológicos, surgiu com toda a intensidade o *bullying* virtual, também conhecido por *cyberbullying*: forma de agressão, decorrente dos avanços tecnológicos onde os estudantes se utilizam de aparelhos e equipamentos de comunicação (celular e *internet*) e que são capazes de difundir, de maneira avassaladora, calúnias, maledicências de seus pares.

Desta maneira, percebeu-se a necessidade do aprofundamento no estudo deste tema nas mais variadas concepções quer seja, em relação à cronologia, sujeitos envolvidos na prática e sujeitos objeto da pesquisa; uma visão ampla sem preconceitos, sob a ótica de cada sujeito, inclusive as linhas tênues que caracterizam e definem as mais diversas agressões.

Diante de tais análises, foi possível a coleta de dados em relação ao nível de incidência desta prática no espaço escolar nas etapas do Ensino Fundamental e Médio, em relação aos aspectos cronológicos, sexo e outras particularidades. Ainda, foram pesquisados dados referentes à esfera horizontal e vertical e ao nível de ocorrência em ambos. Além desses dados, os colaboradores puderam expressar sua concepção sobre o tema e surgiram sugestões no decorrer do processo de coleta de dados.

Se ponderarmos que o termo *bullying* passou a ser estudado com maior intensidade na década de 70, obrigatoriamente teremos de nos deter à cronologia, ou seja, ao que anteriormente mais se aproximava à prática do *bullying*, uma vez que até então não tínhamos conhecimento formal dessa forma de agressão.

Logo, os objetivos que foram suscitados para o desenvolvimento da pesquisa e todas as informações coletadas foram cruzados, mapeados e sua análise se deu em diversas vertentes, tais como: cronologia, oposição, similaridade, sugestões, tratativas, grau de incidência em relação ao sexo, nível de escolaridade (Ensino Fundamental e Médio), funções exercidas no ambiente escolar, sintomas, consequências, relatos, identificação de formas de prevenção, ocorrência, comportamentos desprendidos pelas personagens e seu perfil.

Surgiu assim, um verdadeiro mosaico de concepções sobre o tema pesquisado que subsidiará as práticas escolares e a sociedade como um todo e enfatizará a construção do ser humano num mundo melhor.

## 2.1 RECORTE HISTÓRICO SOBRE O TERMO *BULLYING*

Fenômeno que, apesar de sempre ter existido, teve aplicação de termo específico para nominá-lo, após o início de estudos aprofundados para identificação de quais atos configuravam a sua prática. Eram brincadeiras corriqueiras que ocorriam nos mais variados ambientes inclusive nas escolas e que resultavam em diversão de pares, porém causavam desconforto a quem eram dirigidas, sem haver denominação específica para essas atitudes.

Para Silva (2010, p. 113) “o tema só passou a ser objeto de estudo científico no início dos anos 1970”, tão antigo quanto à origem das escolas, mesmo não existindo termo para sua qualificação. Assim, percebendo a necessidade de nominar essas ações, em 1980, Dan Olweus inicia estudos envolvendo tanto as taxas de ocorrência, como as formas pelas quais se apresentavam a sua prática.

Esses estudos se intensificaram na década de 1990, principalmente com o envolvimento de profissionais da área da educação, os quais intensificaram estudos e pesquisas no Brasil com a finalidade de defender direitos das crianças e dos adolescentes e a prevenção da violência que se acentuava nas escolas, momento em que ocorreu a divulgação do fenômeno. Para Silva (2015, p. 117 - 118) “há muitos anos, especialmente a partir da década de 1990”, assim, houve a intensificação deste trabalho sobre o *bullying* em vários países. Silva (2015, p. 116) ressalta que foi em 2001 que o termo foi ouvido no Brasil pela primeira vez, por intermédio da “ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência) e do seu fundador - o médico pediatra Lauro Monteiro”.

Nos últimos anos os estudos sobre essa fenomenologia alcançou proporções a nível internacional e a maioria dos pesquisadores se deparou com dificuldades, quanto a encontrar

nos mais diversos idiomas que correspondessem ao sentido literal da palavra *bullying*. A partir de 2002 e 2003 pesquisas relacionadas ao tema se iniciaram.

Pelo fato de ocorrer na obscuridade do ambiente escolar, o desconhecimento é inerente à maioria das pessoas que cercam a vítima e que apesar de terem contato constante, não percebem que algo grave e errado está ocorrendo, assim, para a vítima, se torna latente a incerteza, angústia, indiferença e passa a sentir-se desvalorizada.

O termo *bullying* é de origem inglesa e visa qualificar comportamentos violentos na escola e demais ambientes, sabe-se que era praticamente desconhecido, não havendo tradução para o português, para Silva (2015, p. 19) [...] “é utilizado para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas. Entre esses comportamentos, podemos destacar agressões, assédios e ações desrespeitosas realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores”.

Fante, incansável pedagoga, historiadora e pioneira nos estudos de prevenção da violência escolar definiu algumas manifestações comportamentais no contexto escolar:

[...] conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais. (FANTE, 2005, 28-29)

Os agressores são comumente nominados *bullies*, os quais adoram ser detentores de poder e controle, e para satisfazerem seu ego, selecionam as vítimas dentre as mais vulneráveis e suscetíveis para a execução da prática do *bullying*. Ainda, Silva (2015, p. 19) define *bully* como: “indivíduo valentão, tirano, mandão, brigão”, que pratica ações de forma contínua e reiterada.

## 2.2 LIMITES ENTRE UMA PRÁTICA E OUTRA

Apesar de ocorrer com maior incidência no ambiente escolar, o *bullying* ocorre, nos mais variados lugares, porém é na escola que a articulação para a execução dessa prática se dá com maior facilidade, pois os pares frequentemente se encontram, selecionam e planejam quem será a vítima e como se dará a forma de execução.

Entre as várias características que compõem essa violência, a primeira é saber que o que diferencia o *bullying* de uma brincadeira entre alunos é a intencionalidade do agressor em causar um sofrimento à vítima. A segunda característica é que, por serem intencionais, as agressões se repetem com o tempo. Em terceiro lugar,

podemos dizer que há um desequilíbrio de poder físico ou psicológico entre autor ou alvo, tornando possível a intimidação da vítima. Portanto, diferentemente de uma brincadeira ocasional, há uma violência sentida por quem é vitimizado e, sobretudo, essa violência acontece cotidianamente fazendo a vida dessa criança ou adolescente parecer um inferno a seus olhos. (GARCIA, 2013, p. 49).

Não podemos afirmar que a demonstração de violência se dá meramente pela agressividade, nem generalizar e afirmar que configuram a prática do *bullying*. É uma violência que expõe a vítima, caracterizada por microviolências reiteradas, tendo a intencionalidade como característica peculiar. Num segundo plano de observação, devido a intencionalidade, essas repetições de agressões ocorrem frequentemente, a vítima não tem paz e é constantemente atormentada. É notório haver intimidação da vítima resultante do desequilíbrio psicológico ou físico entre o agressor e esta, tornando sua vida insuportável.

Para melhor compreensão, devemos esclarecer a sutil diferença existente entre brincadeiras normais, demais violências e o *bullying* propriamente dito. Existem causas determinantes para o comportamento agressivo ou violento, mas é de suma importância não confundirmos *bullying* com os demais comportamentos e para isso, se faz necessário conceituarmos agressividade, indisciplina, violência, disciplina e *bullying*.

Disciplina e indisciplina são palavras antônimas, com significados totalmente opostos, porém os parâmetros utilizados para conceituar disciplina, como as regras éticas voltadas a sua concretização, são primordiais para conceituarmos a indisciplina escolar. Disciplina deriva de discípulo e indisciplina é o oposto, ou seja, se na disciplina o discípulo segue as normas, numa contraposição, na indisciplina ele se opõe a respeitar normas, regras, causando desordem e transgressões. Remetendo-se ao ambiente escolar, para que este seja saudável, é imprescindível a manutenção da disciplina, caso contrário, a gestão escolar torna-se fragmentada e praticamente impossível.

Com a finalidade de esclarecer a necessidade de disciplina no ambiente escolar, Garcia (2013, p. 17) ressalta que Jan Amos Comenius em sua principal obra, a *Didática Magna*, há quase 400 anos escreveu que “uma escola sem disciplina é como um moinho sem água”. Jamais um moinho funcionará sem água e no mesmo entendimento uma escola sem disciplina não terá organização, sequer haverá rendimento escolar.

Desde os tempos antigos, tem-se conhecimento que a indisciplina faz parte do contexto escolar. Não há que se falar em escola e não nos remetermos aos termos disciplina e indisciplina. Partindo da premissa que não há interação, sequer respeito entre as partes, os

limites são rompidos e nos deparamos com a indisciplina. Elas jamais andam juntas, são como o dia e a noite, possuem limites definidores, ou o estudante é disciplinado ou indisciplinado.

Disciplina escolar para Tiba (1996, p. 99) “é o conjunto de regras que devem ser obedecidas para o êxito do aprendizado escolar.” O bom relacionamento humano é fator preponderante para haver harmonia num ambiente, na escola isso não é diferente: estudantes, administrativos e professores dependem desse equilíbrio para manterem a disciplina escolar.

Para Garcia (2013, p. 9-10) indisciplina é conceituada como: “a quebra do contrato pedagógico da escola, ou seja, a ruptura, pelos alunos, ou pelos professores, das regras que garantem as condições necessárias para as aprendizagens coletivas e que geram desorganização das relações pedagógicas”.

Ainda, trata a indisciplina como sintoma e não como causa específica do ensino de má qualidade, assim ela reflete a inadequação de alguns estudantes em relação às normas escolares. Os alunos apresentam resistência em se moldar aos padrões escolares, inclusive podendo ocorrer no sentido inverso, ou seja: as práticas adotadas pela escola, seus métodos, inclusive, materiais podem ser assimilados pelo estudante como obsoletos, inoportunos e mesmo inadequados àquilo que se propõem, causando um desencontro de paradigmas, dessa forma a escola propõe algo e o estudante oferece resistência, e vice-versa, resultando em indisciplina.

Fante (2005, p. 154) ressalta que a definição de violência, segundo a Enciclopédia Larousse Cultural, é o “ato de força, impetuosidade, acometimento, brutalidade, veemência”. Provavelmente resultante da ação, do ímpeto de exercício de força irresistível para obtenção de algum objeto que não seria possível possuir sem ela.

Quanto a agressividade, há o desencadeamento da hostilidade e se apresenta com brutalidade e em situações diversas, Fante (2005, p. 156). traz a sua definição de acordo com o dicionário ilustrado *Koogan/Houaiss*: “é a tendência a atacar, a provocar”. Ainda conforme o ponto de vista da psicologia, Fante (2005, p. 156) é “a forma de desequilíbrio psíquico que se traduz por uma hostilidade permanente diante de outrem”.

Após a elucidação e melhor compreensão das evidências e parâmetros que são estabelecidos nos conceitos de agressividade e violência, Silva (2015, p. 19 e 20) conceitua a expressão *bullying*: “[...] corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um *bully* (agressor) contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender.” Este termo é utilizado em

vários outros países, inclusive no Brasil, conforme esclarece Fante (2005, p.89) “o tema violência tornou-se prioridade de todas as escolas, motivo pelo qual inúmeros projetos e programas estão sendo desenvolvidos, visando a diminuição da violência escolar, com ênfase específico na violência explícita”.

Ademais, Orlandi, (1988, p. 12) define: “compreender, eu diria, é saber que o sentido pode ser outro”. Percebemos uma proximidade tênue entre essas definições de agressividade, violência e *bullying*. O que diferencia essas práticas? De forma crítica devem ser demonstradas as ações e os fatores preponderantes em relação aos significados dos temas.

Há uma necessidade premente de analisarmos vários contextos para então identificarmos o significado e o sentido de uma terminologia. Para Foucault, (2014, p. 25) “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”. A história e o meio nos remeterão a sua origem, aos motivos que determinaram tal denominação, às circunstâncias e os comportamentos condicionantes ao *bullying*.

Sobre toda envoltura que interfere na elucidação e formulação de enunciados e do discurso, Foucault esclarece o que o ritual define:

[...] o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que deve acompanhar o discurso; fixa, enfim a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirige, os limites de seu valor de coerção. (FOUCAULT, 2014, P. 37).

Para esses comportamentos agressivos, anti-sociais, que ocorrem de forma reiterada, muitos países passaram a nominá-los com terminologias variadas, segundo Fante (2005, p. 27-28) cita: *mobbing* (Noruega e Dinamarca), *mobbing* (Suécia e Finlândia), *harcèlement quotidien* (França), *prepotenza* ou *bullismo* (Itália) *yjime* (Japão), *agressionen unter shülern* (Alemanha), *acaso y amenaza entre escolares* (Espanha) e *maus-tratos entre pares* (Portugal). Orlandi (2001, p. 101 – 102) reitera que “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia” e ressalta que as evidências fazem com que “uma palavra designe uma coisa” ou “possua um significado”, logo, somos alicerçados pelo sentido propriamente dito na análise do discurso.

Dentre os mais variados comportamentos que tiveram papel preponderante para essas terminologias, podemos elencar: desigualdade de força física, crianças e adolescentes com o psicológico fragilizado, ambiente propício para a prática de forma velada, inteligência

emocional abalada, caráter voltado para a maldade e demais circunstâncias que favoreçam o propósito a que o agressor está determinado a executar.

### 2.3 PERSONAGENS QUE COMPÕEM A CENA DO *BULLYING*

O ambiente escolar é propício à prática do *bullying*. A cena almejada ocorre na obscuridade e é de difícil acesso àqueles que não fazem parte do espetáculo. Encontram-se ali o enredo e suas personagens, dentre elas: a vítima, o agressor e os espectadores.

As vítimas podem apresentar características variadas, podendo ser classificadas em três categorias: típica, provocadora e agressora. A vítima típica compreende aquele aluno que manifesta insegurança, sensibilidade extrema, passividade, submissão, dificuldades de se impor perante alguém ou a um grupo de pessoas.

É o aluno que apresenta pouca habilidade de socialização. Em geral, é tímido ou reservado e não consegue reagir aos comportamentos provocadores e agressivos dirigidos contra ele. Normalmente são mais frágeis fisicamente ou apresentam alguma marca que os destaca da maioria dos alunos: são gordinhos ou magros demais, altos ou baixo demais; usam óculos; são “caxias”; deficientes físicos; apresentam sardas ou manchas na pele, orelhas ou nariz mais destacados; usam roupas fora de moda; são de raça, credo, condição socioeconômica ou orientação sexual diferentes... Enfim, qualquer coisa que fuja ao padrão imposto por um determinado grupo pode deflagar o processo de escolha da vítima do *bullying*. (SILVA, 2010, p. 35 - 36).

Quanto a vítima provocadora, normalmente são aqueles dotados de imaturidade, impulsividade, encrenqueiros, atraem a confusão para si, pois conseguem despertar o interesse dos agressores e conseqüentemente a perseguição dos mesmos para o desencadeamento da prática do *bullying*, isso ocorrendo, se tornam presas fáceis, pois não são autossuficientes para se defender. Para Silva (2010, p.38) “é aquela capaz de insuflar em seus colegas reações agressivas, contra si mesma. No entanto, não consegue responder aos revides de forma satisfatória. Ela, em geral, discute ou briga quando é atacada ou insultada”.

A vítima agressora é a vingativa, após sofrer agressões, as desconta numa nova vítima, desta forma acredita que vingará suas agruras e revidará tudo àquilo a que foi submetida. Silva (2010, p. 40) ressalta “Ela faz valer os velhos ditos populares. “Bateu, levou” ou “Tudo o que vem tem volta”. Ela reproduz os maus tratos sofridos como forma de compensação”.

Assim, passam a exercer o papel de agressores, descontando a dor e o sofrimento a que foram submetidos, valendo-se do sofrimento do próximo, como forma de compensação.

O grupo de agressores é composto normalmente por contraventores oriundos de ambientes onde as agressões são habituais e estudantes envolvidos em pequenos delitos. Aham que as agressões praticadas na prática do *bullying* são normais, também, ao serem contrariados ou frustrados, apresentam desinteresse aos estudos, não apresentando nenhuma sensibilidade em detrimento ao próximo.

Eles podem ser de ambos os sexos. Possuem, em sua personalidade, traços de desrespeito e maldade, e, na maioria das vezes, essas características estão associadas a um perigoso poder de liderança que, em geral, é obtido ou legitimado por meio da força física ou de intenso assédio psicológico. O agressor pode agir sozinho ou em grupo. Quando está acompanhado de seus seguidores, seu poder de destruição ganha reforço exponencial, o que amplia seu território de ação e sua capacidade de fazer novas vítimas. (SILVA, 2010, p. 42).

Ambos os sexos são perversos, porém de forma diferenciada, não há predominância, entre meninos e meninas, ambos são agressores em potencial. O sexo feminino age de forma mais discreta, dissimulada, mas não tem limites para o grau de maldade a ser destilada, enquanto o masculino age com mais violência e agressividade.

Nesse espetáculo cruel da vida escolar, sempre há os espectadores, ou plateia, que demonstra indiferença durante a cena apresentada e não se envolve, mas devido sua convivência pelo silêncio e indiferença é naturalmente partícipe da prática do *bullying*. Silva (2010, p. 44) define os espectadores: “São aqueles alunos que testemunham as ações dos agressores contra as vítimas, mas não tomam nenhuma atitude em relação a isso; não saem em defesa do agredido, tampouco se juntam aos agressores” ademais, apresentam características diferenciadas, podendo ser classificados em três grupos distintos:

Espectadores passivos: receiam ser a próxima vítima, por esse motivo se sentem constrangidos, inibidos e até ameaçados temendo ser o próximo alvo.

Em geral, assumem essa postura por medo absoluto de se tornarem a próxima vítima. Recebem ameaças explícitas ou veladas, do tipo: “Fique na sua; caso contrário, a gente vai atrás de você”. Eles não concordam e até repelem as atitudes dos *bullies*, no entanto ficam de mãos atadas para tomar qualquer atitude em defesa das vítimas. Nesse grupo encontram-se aqueles que ao presenciar cenas de violência ou que trazem embaraços aos colegas, estão propensos a sofrer consequências psíquicas, uma vez que sua estrutura psicológica também é frágil. (SILVA, 2010, p. 44).

Aqueles que não se envolvem diretamente com a prática, são denominados espectadores ativos e apesar de receberem tal denominação, permanecem inertes, nada fazendo para resolver a situação, se divertem com o que presenciam, riem e incentivam os agressores.

Ainda, nos deparamos com os espectadores neutros, aqueles que por serem oriundos de ambientes onde a prática da violência é comum, não percebem que o que está acontecendo é errado, não demonstram sensibilidade com o próximo em relação às agressões e ao sofrimento a que são submetidos.

Com o passar dos tempos é notório o aumento do poder de intimidação mediante ameaças constantes e intimidação dos *bullies* em relação às vítimas e espectadores.

#### 2.4 FORMAS DA OCORRÊNCIA DO *BULLYING*

O ambiente escolar é o local que nos remete à sensação de segurança às crianças e adolescentes, onde o cuidar e o educar são primordiais, porém a ocorrência do *bullying* quer seja de forma velada ou deliberada é incontestável.

A prática do *bullying* se dá através de formas variadas entre agressor e vítima, podendo ser direta ou indireta. Pode ser física ou material como: espancamento, chutes, empurrões, roubo, furto e outras agressões; verbal, quando se dá mediante ofensas, insultos, piadas, zoação, gozação e comumente no ambiente escolar com apelidos vexatórios. Ainda, com o *bullying* psicológico, comumente conhecido como moral, através de intimidação, constrangimento, chantagens, humilhações, dominação de território, exclusão social e isolamento da vítima em relação a seus pares; e o sexual, desde as agressões brandas, como insinuações, sendo esta a forma mais devastadora como assédio, abuso e até mesmo a vítima ser violentada.

Com a modernidade, surgiu o *bullying* virtual, *cyberbullying* ou *sexting* e são os meios tecnológicos e via *internet* que de forma veloz, intensa e avassaladora proporcionam o ataque a estudantes. Essa forma de *bullying* ocorre com a utilização de celulares, acessíveis a todos, a qualquer momento e em qualquer ambiente. Assim, os *bullies* cibernéticos (*cyberbullying*), utilizam falsos perfis para caluniar, difamar, mentir, insultar, propagar boatos e ofensas. Nesta mesma modalidade pode ocorrer o compartilhamento de fotos (*nude selfie*), prática nominada de *sexting*, pois há conotação sexual com exposição da intimidade da vítima, fotos eróticas, mensagens picantes trocadas por casais que ao fim de um relacionamento, por vingança são lançadas nas redes sociais.

Podemos classificar o *bullying* em dois níveis hierárquicos: o horizontal e o vertical. Horizontal entre professores ou entre alunos, mesma esfera hierárquica, e vertical, quando há alternância de poder hierárquico, ou seja: entre aluno e professor ou vice-versa.

## 2.5 A REALIDADE DO *BULLYING* NO AMBIENTE ESCOLAR

Entre os processos-formais de ensino-aprendizagem, percebemos que há uma defasagem do currículo formal em relação ao que se trabalha sobre valores morais e disciplina no ambiente escolar. As instituições escolares necessariamente trabalham esses temas, porém não são formalizados no currículo escolar, passando a existir um currículo oculto para tal fim.

Questiona-se a necessidade do entendimento ético, então, o que é ser ético? Não seria este, um conteúdo a ser trabalhado nas escolas? O que é justiça? Como encontrar a dignidade? Temas visando a prevenção do *bullying* escolar e as soluções para coibição do problema.

Não encontramos nos currículos de graduação, nem de formação específica, inicial ou continuada o tema *bullying*, assim, os professores e demais funcionários sentem-se despreparados para orientar e tentar coibir esta prática no ambiente escolar. Além do que, muitas práticas, tais como: curtir com a cara de alguém, provocar, zoar, antes de se manifestarem no ambiente escolar, tem início nos lares, onde os limites deveriam ser estabelecidos e muitas vezes não o são.

As crianças deveriam aprender a empatia em relação ao semelhante e saber quais limites lhes são impostos e respeitá-los.

Na escola deverá haver um paralelo entre a definição de educação e da ausência de respeito, quer seja entre os colegas ou entre estudantes, professores e funcionários, pois quando essa prática voltada a orientação é infrutífera, surge então a indisciplina escolar. Podemos dizer que é cultural neste ambiente e é o reflexo da inadequação aos paradigmas da escola, do aluno *versus* escola ou escola *versus* aluno. Quanto à inadequação da escola em relação ao aluno, nos referimos às práticas, métodos e teorias adotadas, inclusive materiais utilizados. Eis então a necessidade da instituição mudar seu modo de oferecer essa educação, a qual deverá ser compatível às necessidades e padrões da clientela atendida no momento.

Assim, quando essa prática ocorre em escolas, com frequência e de forma intencional, denominamos de *bullying* escolar, conceituado por Fante (2005, p. 29) como “um comportamento cruel intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem

os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de brincadeiras que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar”. Normalmente se dá de forma velada em locais que a vítima se sente constrangida e intimidada.

Dentre os ambientes elencados para essa prática, nos cabe destacar a sala-de-aula, o pátio escolar durante o recreio, corredores, banheiros, imediações e portão escolar durante a chegada ou saída dos estudantes.

Os atos intencionais, repetitivos e com violência em relação à vítima, apresentam um contexto totalmente diferente de agressões esporádicas entre estudantes, típicas desta faixa etária, concebidas como normais no contexto escolar, nesse entendimento Constantini esclarece:

Não são conflitos normais ou brigas que ocorrem entre estudantes, mas verdadeiros atos de intimidação preconcebidos, ameaças, que, sistematicamente, com violência física e psicológica, são repetidamente impostos a indivíduos particularmente mais vulneráveis e incapazes de se defenderem, o que leva no mais das vezes a uma condição de sujeição, sofrimento psicológico, isolamento e marginalização (CONSTANTINI, 2004.p. 69).

È necessário apresentarmos uma escola que acolha os estudantes, que lhes dê liberdade de dialogar, confiar em seus professores, sentir que são ouvidos, que expressem seus sentimentos e não se sintam meros estudantes funcionais, cuja meta se restrinja apenas ao processo ensino-aprendizagem, mas sim o desenvolvimento da inteligência emocional.

#### *2.5.1 A incidência no ambiente escolar*

Fenômeno presente em todas as escolas, independente de serem públicas (municipais, estaduais ou federais), particulares ou filantrópicas, de periferia ou centralizadas.

No Brasil apenas as escolas públicas apresentam uma gestão mais enérgica e estão mais preparadas para o enfrentamento do problema, pois todos os casos envolvendo qualquer forma de violência são registrados e caso necessário, encaminhados ao Conselho Tutelar que toma as providências necessárias quando a situação ultrapassa os limites e competências da escola, apurando e elucidando os fatos e solucionando o problema.

As escolas particulares entendem que ao reconhecer a ocorrência do *bullying* no espaço escolar, refletirá negativamente e como as mesmas têm cunho mercantilista, omitem inúmeras situações de agressão que ali venham a ocorrer. Evidentemente, para essas escolas, o estudante e seus pais são clientes e é necessário que estejam satisfeitos com o produto

oferecido, o qual nem sempre é o ideal. Estes chegam a ser comunicados, mas normalmente optam por não registrar e mantêm tudo apenas em conversas, na informalidade.

### 2.5.2 Reflexos da exposição ao bullying

O ser humano encontra-se em constante desenvolvimento e a psicologia e a criminologia se voltam a entender e diferenciar situações suscetíveis aos impactos e reflexos do que este passa durante sua infância. Tais reflexos podem incidir em atos de violência ou crimes, dependendo da forma a que o ser humano foi exposto.

Para a teoria da aprendizagem, o ser humano aprende mediante observação, porém para isso são despendidos muitos esforços, havendo uma tênue diferença entre aprender e apresentar um bom desempenho.

No âmbito escolar, frente às situações de violência e agressividade, um estudante torna-se alvo e acaba exposto, apresenta baixa estima por simplesmente não encontrar-se em linha de igualdade aos agressores e acaba tornando-se alvo dos *bullies*.

Mediante constante observação e coleta de informações, surgem novos modelos de comportamento que se desenvolvem a partir de dois tipos distintos de efeito, sendo que o primeiro desencadeia respostas similares às já consolidadas no repertório e no segundo, nos deparamos a comportamentos desviantes, também conhecidos como proscritos. Caso haja punição desses comportamentos inaceitáveis pela sociedade, os mesmos serão enfraquecidos. Caso sejam enaltecidos pelos pares, as práticas serão reforçadas e os *bullies* se sentirão donos da razão e da situação, detentores de poder em relação à vítima.

Brandura, através de um experimento apresenta a propensão do ser humano, em especial as crianças, de aprender comportamentos agressivos mediante a observação:

O experimento de Brandura demonstra a capacidade que as crianças (e todos os seres humanos) possuem de aprender comportamentos agressivos apenas com a mera observação destes. Essa situação, no caso do *bullying*, se aplica para todos os envolvidos (inclusive espectadores e vítimas), que acabam internalizando esse padrão de comportamento (uso da violência) em suas vidas (CALHAU, 2011, p. 50).

Da mesma forma, para Chalita, as crianças se assemelham a uma esponja, pois absorvem grande parte do que ouvem, inclusive através de sua percepção no dia-a-dia. A convivência familiar reflete na formação de seu caráter, quer seja em relação aos grupos sociais que participa, em relação a ideologia, gênero, etnia, aspecto cultural e orientação sexual. Como se encontram em fase de formação, não ponderam o certo e o errado, mas

assimilam tudo o que ocorre à sua volta e refletem o aprendizado proveniente do seio familiar. Portanto, na formação do caráter de uma criança ou adolescente, faz-se necessária muita cautela, evitando que venham a ser futuros agressores ou vítimas.

Problemas e desavenças fazem parte do dia-a-dia no ambiente escolar, porém a busca pela harmonia deve ser constante, devendo para isso haver uma educação moral, ética e visando o crescimento pessoal; o clima de toda comunidade escolar deve ser propício, através de mediação, intervenção, prevenção e coibição da violência escolar e consequentemente da prática do *bullying*.

### 2.5.3 Currículo formal e currículo oculto

A escola é uma grande engrenagem, composta por um todo, ou seja, equipe pedagógica e administrativa, todos trabalhando constantemente, quer seja de maneira implícita ou explícita. Culturalmente sente-se na obrigação de se comprometer mais com a transmissão de conhecimentos e desenvolvimento intelectual e cognitivo de seus alunos, do que com práticas morais ou socioafetivas.

Tanto as escolas públicas como particulares manifestam a necessidade da inclusão desses temas no currículo formal, com o intuito de prevenir e amenizar a prática do *bullying* no ambiente escolar.

Este currículo explícito encontra-se formalizado em documentos, leis e normatizações, para Manzini (2017, p. 79) “[...] está presente por escrito e nas falas dos responsáveis pela instituição, sendo de fácil acesso a qualquer pessoa que desejar saber quais objetivos, disciplinas e atividades a escola pretende desenvolver com seus alunos”.

Porém, no seu cotidiano, passa a trabalhar crenças, práticas e valores; objetivos sociais e morais; conjunto esse que denominamos currículo oculto. Neste modelo de currículo, são desenvolvidas práticas sociais e pedagógicas, promovendo objetivos sociomoraes, inclusive procedimentos que venham a favorecer a apropriação racional das normas e valores, o autoconhecimento e o conhecimento do outro, a identificar e expressar seus sentimentos, a aprendizagem de forma mais justa e eficaz de sanar conflitos e desenvolver a autonomia.

Segundo o questionamento de Garcia, onde se dará o desenvolvimento de práticas que possibilitam este trabalho de desenvolvimento da inteligência emocional para a inibição da prática do *bullying* no ambiente escolar?

Quando os alunos ou adultos se sentem humilhados, expostos ou injustiçados, quais espaços possuem na escola para o diálogo, para colocarem o fato, tendo a certeza de que serão efetivamente ouvidos e que ações serão tomadas para restaurar a dignidade, a justiça e o respeito? (GARCIA, 2013, p. 80).

A consciência das emoções torna-se fator essencial para o desenvolvimento da inteligência emocional do indivíduo, este, deve aprender a desenvolver a capacidade de lidar com as próprias emoções: raiva, medo, felicidade, amor, surpresa, repugnância, tristeza e como esses tipos de emoção preparam o corpo para diferentes tipos de resposta.

Em *Trabalhando com a Inteligência Emocional*, propus uma estrutura que reflete como os espectros fundamentais do QE - autoconsciência, autocontrole, consciência social e a habilidade de gerenciar relacionamentos – se traduzem em sucesso profissional. Ao fazer isso, peguei emprestado um conceito de David MacClelland, o psicólogo de Havard que foi meu mentor na graduação de competência. Enquanto a inteligência emocional determina nosso potencial para aprender os fundamentos do autodomínio e afins, nossa competência emocional mostra o quanto desse potencial dominamos de maneira que ele se traduza em capacidades profissionais (GOLEMAN, p. 15, 2012).

Conforme ressalta Garcia (2013, p. 35), “teríamos duas pedagogias praticadas pelos professores, uma para ensinar e outra para disciplinar”. Num primeiro momento a preocupação se restringiria às informações, conteúdos e apostilas obrigatórios sob a ótica do currículo formal; num segundo momento na forma oculta, teríamos a formação moral entre ambos os sexos, seus sentimentos e pensamentos ante as adversidades psicológicas e morais apresentadas.

## 2.6 O OLHAR DA PSICOLOGIA E DA MEDICINA PARA A PRÁTICA DO *BULLYING*

São olhares diferentes, sobre o mesmo tema que nos remetem à mesma análise, como tentar coibir e amenizar as consequências da prática do *bullying*.

Piaget e outros autores no que se refere à Psicologia Moral destacam que os valores morais são construídos e não transmitidos, tal qual comumente as pessoas imaginam. Toda nossa história, nossas vivências, ambientes que frequentamos fazem parte desta construção. Garcia (2013, p. 55) destaca que “são vividos na experiência dos conflitos cotidianos em que se pode pensar sobre os problemas, ouvir os envolvidos que podem dizer como se sentem.” Ainda assevera Garcia (2013, p. 55) “que não gostam de serem violentados”, desta maneira

foi possível auxiliar estudantes que necessitam de sensibilidade moral, a se comover com o próximo. A Psicologia Cultural, conforme a própria denominação nos remete, afirma que o homem pode sofrer modificações, inclusive influenciar o meio em que vive, no caso a escola, especialmente quando nos referimos ao *bullying*, onde há interferências culturais, e reforça Manzini (2017, p. 47) “um dos fatores capazes de promover novas ações no espaço escolar e nas relações dentro da escola é a observação e reflexão acerca de práticas, crenças, valores e motivação das pessoas em interação”.

Inúmeros sinais e sintomas são listados para melhor identificação de alunos vítima de *bullying*, conforme Lopes Neto (2005) médico pediatra:

São eles: enurese noturna, alterações de sono, cefaleia, dor epigástrica, desmaios, vômitos, dores em extremidades, paralisias, hiperventilação, queixas visuais, síndrome do intestino irritável, anorexia, bulimia, isolamento, tentativas de suicídio, irritabilidade, agressividade, ansiedade, perda de memória, histeria, depressão, pânico, relatos de medo, resistência em ir à escola, demonstrações de tristeza, insegurança por estar na escola, mau rendimento escolar, atos deliberados e autoagressão. (PEREIRA, 2009, P. 64).

Os pais ignoram muitos sinais que os estudantes vítima de *bullying* dão, sejam físicos ou psicológicos, pois normalmente começam a se retrair e ter aversão à escola ou a determinado lugar, onde sofrem a prática do *bullying*, inconscientemente se preservam, pois isso lhes remete à tristeza, flagelo e insegurança. Pereira (2009, p. 64) relata a seguinte ocorrência: “o abandono da escola, por medo ou receio dos próximos ataques e nos casos mais graves pode chegar ao suicídio”.

## 2.7 BULLYING: ORNAMENTO JURÍDICO E LEGISLAÇÃO ESCOLAR

O ordenamento jurídico brasileiro através da Constituição Federal assegura de forma subjetiva o Princípio da Dignidade da Pessoa Humana, a todos sem distinção, tendo como fundamento o Estado Democrático de Direito.

A prática do *bullying* viola a dignidade do ser humano e anula sua autoestima. Quando a vítima é manipulada se descontrola e se sente a mercê da vontade alheia, passa a não gerir seus próprios atos. Não bastasse a violação a princípios constitucionais também são desrespeitados alguns direitos fundamentais elencados no artigo 5º da CF/88, dentre eles o direito de ir e vir e a inviolabilidade da intimidade, da honra e a submissão a tratamento degradante:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

[...]

II - ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei;

III - ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

[...]

X - são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação;

[...]

XV - é livre a locomoção no território nacional em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens;

[...]

XX - ninguém poderá ser compelido a associar-se ou a permanecer associado;

[...]

XLI - a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais;

[...]

XLII - a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei; [...]

Quanto à legislação escolar, nos remetemos a um ato normativo: Deliberação do Conselho Estadual de Mato Grosso do Sul nº 10.814, de 10 de março de 2016, a qual estabelece normas para a educação básica no Sistema Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul, a qual estabelece a abordagem de temas abrangentes e contemporâneos nos componentes curriculares e nas áreas de conhecimento:

DELIBERAÇÃO CEE/MS Nº 10.814, DE 10 DE MARÇO DE 2016. Estabelece normas para a educação básica no Sistema Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul.

## CAPÍTULO II DA ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Art. 15. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ser constituídos por uma base nacional comum, a ser complementada por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos estudantes.

§ 1º É obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nas etapas do ensino fundamental e do ensino médio.

§ 2º Os componentes curriculares e as áreas de conhecimento devem articular em seus conteúdos a abordagem de temas abrangentes e contemporâneos, entre outros:

I – direitos das crianças e dos adolescentes;

II – educação em direitos humanos;

III – educação ambiental;

IV – educação para o trânsito;

V – educação alimentar e nutricional;

VI – educação fiscal;

VII – educação financeira;

VIII – saúde, sexualidade e gênero, vida familiar e social;

IX – respeito, valorização e direitos dos idosos;

X – conscientização, prevenção e combate à intimidação sistemática (*bullying*);

XI – cultura sul-mato-grossense e diversidade cultural;

XII – superação de discriminações e preconceitos como racismo, sexismo, homofobia, e outros.

Determina que o tema *bullying*, seja trabalhado especificamente no que tange à conscientização da comunidade escolar, formas de intimidação, prevenção e combate. Ainda, ressalta que deverão ser abordados os direitos das crianças e dos adolescentes, direitos humanos, discriminações e preconceitos com o racismo, sexismo, homofobia, dentre outros, que estão interligados à sua prática.

A opção sexual ou gênero também deixam sérios lastros para a prática do *bullying* escolar, muitas vezes caracteriza a homofobia praticada por muitos estudantes, os quais não são devidamente orientados quanto ao respeito com o próximo, dignidade da pessoa humana e pelo ser humano que somos.

No que concerne à educação nutricional e alimentar, de certa forma poderá ser trabalhada a conscientização quanto à obesidade, haja vista ser uma comorbidade e não opção das crianças e adolescentes; além de outros temas polêmicos que poderão surgir neste ínterim.

Quanto à legislação escolar, na Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul, este tema encontra-se contemplado nos Regimentos Escolares de todas as escolas, quer sejam elas particulares, filantrópicas ou públicas: municipais e estaduais. Quanto às escolas públicas da Rede Estadual de MS, foi publicada a Resolução/SED nº 3.280, de 17 de maio de 2017, específica para a aprovação do Regimento Escolar das escolas da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul, contemplando no Título VIII – Das Disposições Gerais, em seu artigo 106, incisos de I a V, ações de prevenção e combate ao *bullying* e à violência escolar, dentre elas: capacitações, palestras, orientação às vítimas e aos agressores e ainda o envolvimento dos pais ou responsáveis no auxílio à solução deste problema.

RESOLUÇÃO/SED N. 3.280, DE 17 DE MAIO DE 2017.

Aprova o Regimento Escolar das escolas da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul. (Publicado no D. O. Nº 9.411 de 18 de maio de 2017 à p. 4 a 10)

TÍTULO VIII DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art.106. Esta escola desenvolverá ações de prevenção e combate ao *bullying* e à violência escolar, por meio de:

I - capacitação dos docentes e equipe pedagógica para a implementação das ações de prevenção, orientação e solução;

II - organização de palestras;

III - orientação às vítimas, visando à recuperação da autoestima, para não sofrer prejuízo em seu desempenho escolar;

IV - orientação e advertência aos agressores sobre as consequências dessas práticas;

V - envolvimento de pais e responsáveis pelos agressores e agredidos no processo de acompanhamento e solução do problema.

Percebe-se que não contempla orientação no que se refere aos espectadores, os quais são partícipes direta ou indiretamente da prática do *bullying*. Apesar de contar o desenvolvimento de ações, palestras, capacitações, as mesmas não são desenvolvidas a contento, pois o assunto ainda não é levado com a seriedade que merece, percebemos que consta no Regimento Escolar apenas em caráter formalista.

## CAPÍTULO III

### 3 DA ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, serão discutidos e analisados os diversos sentidos do discurso sobre o *bullying*, seus significados, interpretações, momentos históricos e ideologia. A mera mensagem realizada entre emissor e receptor não será o foco da análise, mas sim, o sujeito que a profere, sua ideologia, em qual época se dá e o papel que exerce na sociedade demonstrando como foi estabelecida esta relação entre discurso, sentido e momento histórico. E ainda, a ordem do discurso, o que o sujeito quer dizer, ocorrências sucessivas de um mesmo discurso, como indagações, afirmações que podem nos informar muito além do que ali está meramente representado em palavras escritas.

A ideologia do sujeito interfere em seu discurso, podendo conferir-lhe diversos sentidos. Assim, através da coleta metodológica e analítica de dados e informações contempladas em questionários respondidos por profissionais da área da educação: professor, coordenador pedagógico e diretor/diretor adjunto escolar, bem como da área da saúde: psicólogo e médico e da área jurídica: advogado foram realizados recortes das posições-sujeito que eles ocupam nos discursos sobre a problematização do *bullying* escolar. Nesta premissa vislumbra-se o aprofundamento da análise de forma minuciosa e pormenorizada a respeito do *bullying* por todos esses profissionais, os quais muitas vezes têm contato com a violência praticada e suas consequências.

Conforme Orlandi:

A análise de conteúdo, como sabemos, procura extrair sentidos dos textos, respondendo à questão: o que este texto quer dizer? Diferentemente da análise do conteúdo, a análise do Discurso considera que a linguagem não é transparente. Desse modo ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A questão que ela coloca é: como este texto significa? (ORLANDI, 2003, p.17)

Com o intuito de aprofundamento da pesquisa serão realizadas as análises dos discursos de forma pormenorizada. Os enunciados analisados serão por meio de algarismos arábicos que se encontram entre parênteses; estes, não seguem uma sequência numérica, aparecerão de forma não sequencial, haja vista a posição-sujeito do discurso. Logo, encontram-se agrupados conforme os mais variados significados, sentidos, produzindo inúmeras interpretações suscetíveis de análise.

### 3.1 DISCURSO DO PROFESSOR

Participaram da pesquisa no processo de análise do sujeito, três professoras que lecionam em duas escolas estaduais, destas, uma com 28 (vinte e oito) anos de profissão, ministrando aulas apenas ao Ensino Fundamental e as outras com 22 (vinte e dois) anos de profissão, ministrando aulas ao Ensino Fundamental e Médio. A análise iniciou com a construção e organização do *corpus*, sendo recortados os enunciados e posteriormente agrupados de 01 a 120 seguindo critérios de oposição, similaridade, temporalidade, gênero e o discurso proferido para análise e detalhamento sobre o tema pesquisado, produzindo sentidos em relação ao discurso.

#### *Turma disciplinada*

- (01) “é uma turma comprometida.” (Q1. F1. P2. PR)  
 (89) “responsável e preocupada com a aprendizagem.” (Q3. F1. P2. PR)  
 (51) “Alunos atentos, com vontade e interesse em aprender, ter curiosidade pelo conhecimento.” (Q2. F1. P2. PR)  
 (52) “Ter regras e metas a cumprir.” (Q2. F1. P2. PR)

#### *Turma indisciplinada*

- (02) “é a turma que o professor não consegue trabalhar, os estudantes não prestam atenção.” (Q1. F1. P3. PR)  
 (90) “Inresponsável, sem preocupação com a aprendizagem.” (Q3. F1. P3. PR)  
 (53) “Alunos desinteressados, sem foco, sem objetivos, sem sonhos, sem metas.” (Q2. F1. P3. PR)

Quanto à análise do discurso de turma disciplinada, no enunciado (01), “é uma turma comprometida”, o sentido da palavra “comprometida”, refere-se àquela empenhada em desenvolver as atividades propostas e responsável por afazeres a ela delegados, o mesmo discurso se faz no enunciado (89) “responsável e preocupada com a aprendizagem”, entretanto, esse conceito de turma disciplinada, ao analisarmos turma indisciplinada, demonstra desconexão, pois nos remete ao sentido de baderna, bagunça, confusão e não à falta de comprometimento.

Para o professor, o conceito se limita ao interesse do aluno em aprender, demonstrar atenção e cumprir regras e metas a ele propostas, tal como se observa nos enunciados (51) “Alunos atentos, com vontade e interesse em aprender, ter curiosidade pelo conhecimento” e (52) “Ter regras e metas a cumprir”.

Na sequência, nos reportamos a turma indisciplinada, onde o sujeito professor de plano faz referência à baderna, bagunça, como contemplado no enunciado (02) “é a turma que o professor não consegue trabalhar, os estudantes não prestam atenção”.

É perceptível a contradição entre os discursos de turma disciplinada e indisciplinada, no primeiro, conceitua-se como turma obediente, estudiosa, comprometida e interessada, e no que tange a turma indisciplinada, percebemos um discurso de confusão, de bagunça e desrespeito tanto com o professor em sala de aula como do estudante com seus pares.

Vejam os enunciados (90) “Inresponsável (*sic*), sem preocupação com a aprendizagem” e (53) “Alunos desinteressados, sem foco, sem objetivos, sem sonhos, sem metas”, nesses, o discurso é enfático sobre a ausência de qualquer perspectiva dos alunos em relação ao futuro, conforme o sentido das palavras: “desinteressados”, “sem foco”, “sem objetivos” “sem sonhos”, “sem metas” e do termo “sem preocupação com a aprendizagem”.

*Turma indisciplinada na minha época*

(93) “Era muito raro, mas existia” (Q3. F2. P6. PR)

(59) “Tinha maior respeito, o que o professor dizia era lei.” (Q2. F2. P6. PR)

(07) “Tínhamos regras, havia reprova” (Q1. F2. P6. PR)

(08) “Todos tinham medo de ser reprovado” (Q1. F2. P6. PR)

(58) “Era não fazer uma tarefa de casa.” (Q2. F2. P6. PR)

(94) “muitos alunos já sofriam na família algum tipo de carência afetiva e isso era levado para sala de aula.” (Q3. F2. P6. PR)

Em relação à temporalidade dos enunciados de turma indisciplinada na minha época, esse conceito mudou com o passar das décadas, conforme relatado, o aluno era suscetível à reprova, o que hoje pela análise do discurso proferido, comumente não acontece, vejamos os enunciados (58) “não fazer uma tarefa de casa”, fato que atualmente passa praticamente despercebido ou simplesmente o professor ignora, porém em outras épocas, os alunos eram penalizados por essa displicência e (07) “Tínhamos regras, havia reprova” e (08) “Todos tinham medo de ser reprovado”, o nível de indisciplinada era brando, conforme relatos, ela existia devido a “carência afetiva”, problemas emocionais, os quais, ao longo do tempo se intensificaram em padrões desproporcionais, apresentando-se explicitamente nos enunciados: (93) “Era muito raro, mas existia” e (94) “muitos alunos já sofriam na família (*sic*) algum tipo de carência afetiva e isso era levado para sala de aula”.

Concluindo o discurso, no enunciado (59) “Tinha maior respeito, o que o professor dizia era lei”, o professor era autoridade, conforme Borba (2002, p. 167), autoridade *1. direito de se fazer obedecer; jurisdição etc.* Bem como, com o decorrer dos anos, essa “autoridade” é latente ao professor, o qual se vê a mercê de inúmeras situações, cada vez mais submisso, não tendo autonomia para resolvê-las.

- (55) “Deboches, ofensas, xingamentos.” (Q2. F1. P4. PR)  
 (91) “Falta de valores, caráter e principalmente falta da presença da família.” (Q3. F1. P4. PR)  
 (03) “são vários tipos de violência” (Q1. F1. P4. PR)  
 (54) “Física, psicológica e verbal.” (Q2. F1. P4. PR)  
 (04) “a mais utilizada é a verbal, digital e física.” (Q1. F1. P4. PR)

No discurso de violência é importante considerar que (03) “são vários tipos de violência”, dentre essas, (54) “Física, psicológica e verbal.”, encontramos o discurso em ordem sequencial, conforme sua ocorrência se intensifica (04) “a mais utilizada é a verbal, digital e física”, percebemos que a violência que ocorre com maior incidência é a verbal, e se dá mediante (55) “Deboches, ofensas, xingamentos”, nesse sentido não identificamos violência física, mas aquela praticada com o menosprezo, humilhação, sensibilizando o sujeito, degradando a sua moral e ainda, (91) “falta de valores, caráter”, aqueles que praticam atos de violência, provavelmente não têm estrutura familiar, ferem os sentimentos do próximo, mediante manipulações, mentiras, lhes causando muito mal. Ademais, violência é definida (AURÉLIO, 2011 p. 908) como *1. Qualidade de violento. 2. Ato violento*. Segundo Levisky (1998), “quando a violência é banalizada ou não é identificada como sintoma de patologia social, corre-se o risco de transformá-la num valor cultural que pode ser assimilado pela criança e pelo jovem como forma de ser, um modo de autoafirmação” (PEREIRA, 2009, P. 14).

#### *Agressividade na escola*

- (05) “hoje somos agredidos verbalmente.” (Q1. F2. P5. PR)  
 (56) “Sem limites.” (Q2. F2. P5. PR)  
 (57) “Acham que podem tudo.” (Q2. F2. P5. PR)  
 (92) “Muitas vezes vem da falta de amor fraternal” (Q3. F2. P5. PR)  
 (06) “Física nunca presenciéi” (Q1. F2. P5. PR)

Interessante frisar que a conceituação de agressividade na escola expressa pelo professor que nos remete exclusivamente a forma verbal, não há o discurso de agressão física. Posto isso, nos questionamos a respeito do significado do termo agressão (AURÉLIO, 2011 p. 61) *1. Ato de agredir, ou o resultado deste ato. 2. Ataque: agressão física. 3. Provocação, hostilidade. 4. Ofensa: agressão verbal*. Este conceito abrange ambas as formas de agressão, física e verbal, porém é notório, conforme enunciado (6) não haver manifesto algum sobre a agressão física, declaram não haver presenciado. Quanto à verbal, as expressões (05) “hoje somos agredidos verbalmente.”, (56) “Sem limites” e (57) “Acham que podem tudo” indicam a forma como se dá atualmente: a verbal, na qual não há limites para sua prática, tendo os estudantes perdido a noção de limites, simplesmente acham que podem tudo, são detentores de poder, tal qual a expressão (92) “falta de amor fraternal”, ausência de amor pelo próximo, não há empatia nesse contexto de relações.

*Violência na escola na minha época*

- (95) “Existia mas não tão grave era resolvido com facilidade pela escola.” (Q3. F2. P7. PR)  
 (09) “respeito pelo professor.” (Q1. F2. P7. PR)  
 (60) “Não lembro, porque não tinha.” (Q2. F2. P7. PR)

Quando nos remetemos ao discurso sobre violência e agressividade em relação a um passado próximo, percebemos que seu desencadear era diferente da atualidade: mais brando, menos maléfico, merecendo ser lembrado de forma saudosa o “respeito pelo professor” tal qual vemos no recorte (09) “respeito pelo professor”, inclusive a inexistência da violência, que de forma veemente transparece no enunciado (60) “Não lembro, porque não tinha”, o fato de não se recordar, logo induz a sua inexistência e no (95) “Existia mas não tão grave era resolvido com facilidade pela escola”, que se reporta a sua existência, mas ressalta a facilidade de sua resolução pelo fato de não ser tão grave, demonstra que na atualidade ocorre com maior intensidade e gravidade.

*Agressividade na escola na minha época*

- (96) “quase não existia, era muito pouco.” (Q3. F2. P8. PR)  
 (61) “Eram brincadeiras bobas, sem fundamentos, ficar de mal, depois fazer as pazes.” (Q2. F2. P8. PR)  
 (10) “Eu não consigo definir, se não existia agressividade” (Q1. F2. P8. PR)  
 (11) “ou nós não enxergávamos como agressão.” (Q1. F2. P8. PR)

Relembrar é viver, assim, o professor profere seu discurso de maneira saudosista, rememora situações corriqueiras que já não fazem parte da contemporaneidade, como no enunciado (61) “Eram brincadeiras bobas, sem fundamentos, ficar de mal, depois fazer as pazes”, essas brincadeiras eram conceituadas como agressividade, hoje, encontram-se distantes dessa concepção, quisera que as crianças expressassem seus sentimentos ainda dessa forma. E, nos seguintes: (11) “não enxergávamos como agressão”, (10) “Eu não consigo definir, se não existia agressividade” e o (96) “quase não existia, era muito pouco” os enunciados deixam transparecer que não havia violência, sequer o fator hostilidade, logo, não configuravam agressividade.

*Diferenciação entre práticas violentas e bullying*

- (12) “não há diferença, pois ambas pode causar danos a quem sofre.” (Q1. F2. P9. PR)  
 (62) “São sinônimas, já que são práticas onde apenas um se diverte, quer ser o maioral, mandar naquele espaço.” (Q2. F4. P23. PR)  
 (13) “não acredito que seja intensão.” (Q1. F4. P23. PR)

Os enunciados descritos, tematizam práticas violentas e o *bullying* no ambiente escolar. Ao considerar o que diferencia essas práticas, é perceptível que aos olhos do professor, ambas percorrem os mesmos caminhos, não havendo distinção, tal qual se percebe

nos fragmentos dos enunciados (12) “não há diferença” e (62) “são sinônimas”. Fica claro também que eles acreditam não ser intencional, conforme o enunciado (13) “não acredito que seja intensão”, mas no fundo, em seu íntimo, sabem que a maldade aflora em determinadas circunstâncias, dando vazão a todo mal que se possa imaginar e de forma premeditada na maioria das vezes.

*Definição de bullying escolar*

- (63) “Uma prática desnecessária e intolerável.” (Q2. F2. P11. PR)
- (64) “Algo inadmissível.” (Q2. F2. P11. PR)
- (97) “vem aumentando a cada dia.” (Q3. F6. P34. PR)
- (65) “não é brincadeira, não é legal, isso machuca e dói muito.” (Q2. F6. P34. PR)
- (14) “hoje as pessoas dão mais importância do que deveria.” (Q1. F2. P10. PR)
- (15) “Alunos criam grupos para expor estudantes.” (Q1, F2, P11, PR)
- (16) “casos de racismo.” (Q1. F2. P11. PR)

Quando temos clareza em diferenciar práticas violentas de *bullying* escolar, o conceito de *bullying* flui com maior naturalidade especialmente para o sujeito professor.

Primeiramente, nos recortes (63) “Uma prática desnecessária e intolerável.” e (64) “Algo inadmissível.”, transparece em seu discurso a definição de *bullying*, o quanto sua prática é nefasta, intolerável e desnecessária. Fere profundamente o ser humano, logo, causa consequências físicas e psicológicas imensuráveis. Porém, no recorte (14) “hoje as pessoas dão mais importância do que deveria”, nos induz a pensar que essa prática é irrelevante, que suas consequências foram sendo potencializadas pelas pessoas e que na atualidade não é tão agressiva e cruel. Ao mesmo tempo a afirmação sobre o aumento da incidência da prática é exposta enfaticamente no (97) “vem aumentando a cada dia”.

Por fim, é apresentado o discurso de como se dá a organização para sua prática como no enunciado (15) “Alunos criam grupos para expor estudantes”, certamente grupos de estudantes e também grupos de *whatsapp* os quais infelizmente fogem do controle dos pais e da própria escola, sendo uma forma de agressão sem controle e que ocorre de forma velada. Infelizmente os “casos de racismo” são os mais evidentes na prática do *bullying*, conforme explícito no recorte (16) a cada dia se tornando mais intoleráveis e repudiantes.

*Como percebem ou identificam a ocorrência do bullying escolar*

- (66) “Sempre tem um querendo ser o dono do pedaço, ser o valentão.” (Q2. F2. P11. PR)
- (98) “existe em quase todas as turmas” (Q3. F2. P11. PR)
- (99) “se torna uma prática cotidiana.” (Q3. F2. P11. PR)
- (102) “observando os grupos existentes em sala de aula.” (Q3. F3. P14. PR)
- (20) “Sim, normalmente, são os estudantes mais agressivos.” (Q1. F3. P14. PR)
- (69) “Vai da convivência.” (Q2. F3. P14. PR)
- (67) “Algo constrangedor, ofensivo” (Q2. F3. P12. PR)
- (100) “com codinomes, apelidos ou chacotas entre os alunos.” (Q3. F3. P12. PR)
- (18) “chamavam de pente de ferro” (Q1. F3. P12. PR)

Por ser uma prática realizada de forma dissimulada no ambiente escolar, ela é evidenciada quando algum estudante quer se sobressair aos demais; via de regra, são os mais agressivos da turma e de alguma forma os demais estudantes passam a observar, como relatado no recorte (66) “Sempre tem um querendo ser o dono do pedaço, ser o valentão”, ainda, (20) “Sim, normalmente, são os estudantes mais agressivos”, isso significa que percebem o que se passa e que alguém está sendo humilhado de forma contínua e rotineira. Aparentemente não há controle e até lhes parece normal, conforme o enunciado (98) “existe em quase todas as turmas” e, (99) “se torna uma prática cotidiana”. Surpreendentemente, acaba caindo na rotina e a essas agressões não é atribuída a devida importância, inclusive passando despercebidas ou ignoradas pelos colegas e demais profissionais da escola. Já, os recortes (69) “Vai da convivência” e (102) “observando os grupos existentes em sala de aula” fica evidenciado que quem convive diariamente em sala de aula, quer seja por curtos ou longos períodos, de forma sequencial e rotineira, identifica facilmente o desencadear da prática do *bullying*.

Relatam que ocorre de forma dolorosa, dramática, hostil e invasiva nos sentimentos da vítima, conforme discursos (67) “Algo constrangedor, ofensivo”, (100) “com codinomes, apelidos ou chacotas entre os alunos” e (18) “chamavam de pente de ferro”, de forma maldosa se referem aos cabelos da vítima, assim fragilizam e humilham de tal forma que esta acaba neutralizada e sem reação e nesse contexto, eis a tortura diária da prática do *bullying*.

#### *Como previnem o bullying escolar*

- (19) “Nós tentamos diariamente prevenir, combater, prevenir, mas é muito difícil erradicar.” (Q1. F3. P13. PR)
- (68) “Desde sempre alertar, conversar, prevenir e ouvir.” (Q2. F3. P13. PR)
- (101) “através de projetos de empatia e conscientização.” (Q3. F3. P13. PR)
- (74) “Prevenção; orientação; diálogos.” (Q2. F4. P19. PR)
- (30) “palestras, filmes, psicólogos.” (Q1. F4. P19. PR)
- (117) “através de projetos específicos realizados na escola.” (Q3 F5. P29. PR)
- (45) “Acredito que podemos intervir, porém não depende só do professor.” (Q1. F5. P29. PR)
- (85) “Apoio família e escola.” (Q2 F5. P29. PR)

Quanto a prevenção da prática do *bullying*, o discurso se repete: tentativas cotidianas de prevenção, combate, diálogo, alertas, conscientização, desenvolvimento de projetos, mas da mesma forma deixam claro sobre a dificuldade de sua erradicação. Vejamos os enunciados que ressaltam essas tratativas: (19) “Nós tentamos diariamente prevenir, combater, prevenir, mas é muito difícil erradicar”, (68) “alertar, conversar, prevenir e ouvir” e (101) “projetos de empatia e conscientização”, (117) “através de projetos específicos realizados na escola”, (74) “Prevenção; orientação; diálogos”, (30) “palestras, filmes, psicólogos”. Essa é postura é

tomada pelo sujeito professor na sua rotina escolar, porém atitudes mais rigorosas não são tomadas, tudo se restringe a mero discurso de prevenção, que não tem uma continuidade em ações, pois se esse diálogo não resultar em nada, o que será feito? Qual atitude será tomada? A real prevenção não ocorre, em suma, é uma cortina de fumaça que abarca a prevenção.

É evidente que o professor demonstra descontentamento, e tem a lucidez de esclarecer que não depende apenas dele, mas do grupo familiar e da comunidade escolar como um todo, trabalhando em prol da mesma causa e com objetivos determinados para isso: (45) “Acredito que podemos intervir, porém não depende só do professor” e (85) “Apoio família e escola”.

*Tratativas e mediação da prática do bullying escolar*

(103) “É feito uma sondagem e um diálogo com os alunos.” (Q3. F3. P15. PR)

(21) “Normalmente a direção convida os estudantes e os pais para uma conversa, advertem, suspendem.” (Q1. F3. P15. PR)

(22) “Em alguns casos registram B. O.” (Q1. F3. P15. PR)

(31) “são várias as medidas tomadas” (Q1. F4. P19. PR)

(29) “Normalmente os professores observam, comentam com a direção, que toma as providências necessárias.” (Q1. F4. P19. PR)

(107) “É feito ocorrência e chamado os pais.” (Q3. F4. P19. PR)

Quando se reportam a tratativas e mediação, a sutileza em abrandar a situação é muito evidente, inclusive pela forma que relatam tal qual o enunciado (21) “Normalmente a direção convida os estudantes e os pais para uma conversa, advertem, suspendem” e (103) “É feito uma sondagem e um diálogo com os alunos”, vejam, tudo de forma branda e furtiva, com o intuito de não expor ninguém, nem vítima, agressor ou espectador. Ainda, nos enunciados (107) “É feito ocorrência e chamado os pais”, (31) “são várias as medidas tomadas”, mas quais medidas são essas? Convidar os pais a comparecerem à escola? Dialogar com os estudantes? Permanecer observando e não tomar atitudes para penalizar os agressores? (29) “Normalmente os professores observam, comentam com a direção, que toma as providências necessárias”. O papel do professor, conforme o discurso se restringe a mero espectador, o qual só observa, observa e observa e por fim, reporta à direção que deverá tomar as providências cabíveis, quer seja: convidar os pais, provavelmente da vítima e do agressor a comparecerem à escola.

Eis que surge um recorte mais enfático (22) “Em alguns casos registram B. O.”. Quem registra? Pais ou responsáveis legais dos estudantes que nesse contexto se apresentam como vítimas? Diante da situação, entendemos que sim. Indubitavelmente percebemos a

gravidade que tal prática alcança no ambiente escolar, ultrapassando seus muros em busca da tutela do Estado.

*Diferenças do bullying praticado por meninos e por meninas*

(70) “hoje em dia todos praticam da mesma forma ou maneira.” (Q2. F3. P16. PR)

(23) “Não vejo diferença.” (Q1. F3. P16. PR)

(104) “alguns fazem por hábitos, outros fazem por maldade”. (Q3. F3. P16. PR)

A prática do *bullying* quanto ao gênero, ou seja, tudo aquilo que foi definido ao longo tempo e que a nossa sociedade entende como o papel, função ou comportamento esperado de alguém com base em seu sexo biológico, a análise dos enunciados referentes a meninos e meninas requer muita atenção, haja vista se portarem de maneiras distintas tanto em suas ações e àquilo a que são expostos em caso de sofrer a agressão.

De maneira generalista, o sujeito professor identifica que quanto a prática do *bullying*, ambos os sexos agem da mesma forma, (70) “hoje em dia todos praticam da mesma forma ou maneira”, (23) “Não vejo diferença”, inclusive o motivo que desencadeia a prática é o mesmo em ambos os sexos, quer seja, (104) alguns fazem por hábitos, outros fazem por maldade”. É notório que alguns agressores acabam se acostumando com a prática, lhes sendo peculiar ao cotidiano; outros, porém, lhes causa prazer e a executam por maldade.

*Características do bullying praticado por meninos*

(26) “se juntam para colocar apelidos, tirar sarro.” (Q1. F3. P17. PR)

(25) “em grupos.” (Q1. F3. P17. PR)

(24) “a falta de respeito.” (Q1. F3. P16. PR)

(71) “Bater em outros menores.” (Q2. F3. P17. PR)

(105) “é relacionado ao peso ou tamanho dos meninos.” (Q3. F3. P17. PR)

(72) “Tomar material, sem a permissão.” (Q2. F3. P17. PR)

Com certeza, os meninos agem de forma mais agressiva, com brutalidade, nunca sozinhos, sempre em grupos, apelam para a força física, onde os maiores agredem os menores e os mais fortes judiam os mais fracos, ainda subtraem material escolar, apelidam as vítimas e continuamente tiram sarro delas perante os colegas. Quanto a agressividade, os recortes a seguir evidenciam a força física: (71) “Bater em outros menores” (105) “é relacionado ao peso ou tamanho dos meninos”, (72) “Tomar material, sem a permissão”, percebe-se que a prática se dá em relação ao poder de mando, superioridade física a que a vítima fica exposta e vulnerável. Ainda, (24) “a falta de respeito” é uma evidência, pois normalmente não se respeita aquele que se acredita não oferecer risco algum, assim, mais uma evidência do nível de superioridade exercido pelo menino agressor. E por fim, se asseguram agindo em grupos, não de forma isolada: (25) “em grupos”, para nunca se encontrarem em desvantagem.

*Características do bullying praticado por meninas*

- (73) “Mais por ofensas, xingamentos, apelidos.” (Q2. F3. P18. PR)  
 (28) “são mais invejosas, acabam expondo mais as colegas.” (Q1. F3. P18. PR)  
 (27) “a falta de respeito.” (Q1. F3. P16. PR)

Ao passo que as meninas, agem de maneira furtiva, são dissimuladas, o discurso do professor em relação as atitudes delas é bem claro: (28) “são mais invejosas, acabam expondo mais as colegas”, (27) “a falta de respeito” e (73) “Mais por ofensas, xingamentos, apelidos”. São indubitavelmente ardilosas, não agem mediante força, porém destilam toda sua maldade de forma tétrica. Magoam com pequenas atitudes, como ignorar ou desprezar a vítima.

*Diferenças do bullying praticado por alunos do ensino fundamental e médio*

- (47) “No fundamental são mais infantis, ensino médio, mais agressivas.” (Q1. F5. P31. PR)  
 (119) “de acordo com a idade vai ficando mais grave.” (Q3. F5. P31. PR)  
 (87) “Porque acham que são maiores e querem ser valentões.” (Q2. F5. P31. PR)  
 (106) “O peso e o tamanho do corpo.” (Q3. F3. P18. PR)

Da mesma forma que encontramos diferenças na prática do *bullying* entre meninos e meninas e em relação aos estudantes do ensino fundamental e médio essa diferença também é perceptível. Posto isso, frisa-se que conforme os anos escolares cursados avançam, a faixa etária aumenta (119) “de acordo com a idade vai ficando mais grave”, o nível de agressividade se acentua, (47) “No fundamental são mais infantis, ensino médio, mais agressivas”, (87) “Porque acham que são maiores e querem ser valentões”, logo, acham que podem tudo, inclusive o próprio biotipo daqueles de idade mais acentuada colaboram para que isso aconteça (106) “O peso e o tamanho do corpo”, via de regra são maiores e mais fortes.

*Consequências nas vítimas do bullying em sala de aula*

- (109) “se sentem reprimidas.” (Q3. F4. P21. PR)  
 (76) “Timidez. Pouco rendimento.” (Q2. F4. P21. PR)  
 (77) “Não participa ativamente.” (Q2. F4. P21. PR)  
 (33) “Normalmente aqueles que sofrem, acabam praticando também.” (Q1. F4. P21. PR)

Quando nos reportamos à escola pública, logo associamos a salas superlotadas e apesar da rotina estressante do professor, ele, com sua sensibilidade percebe as reações e atitudes de alguns de seus estudantes, através de pequenos detalhes que podem fazer a diferença no contexto escolar. São sinais, tais como o rendimento escolar de um estudante que de um momento para outro decai, apatia e tristeza aparente que são reflexos de uma vítima de *bullying*, tal qual define o professor nos enunciados: (109) “se sentem reprimidas”, (76) “Timidez. Pouco rendimento” e (77) “Não participa ativamente”.

Por outro lado, o enunciado (33) “Normalmente aqueles que sofrem, acabam praticando também”, explicita que a vítima, muitas vezes acaba se tornando um agressor em potencial, de vítima passa a ser o vilão. Após tantas humilhações a que é submetida, passa a achar normal e quer se vingar das agruras a que foi submetida, destilando sua raiva em outro estudante que por sua vez é mais vulnerável, quer seja através de força física, emocional, tudo dependendo da faixa etária e gênero desse agressor.

*Como são tratados os alunos vítimas do bullying escolar*

(108) “Acolhimento.” (Q3. F4. P20. PR)

(32) “Nós procuramos ouvir, acolher e apoiar.” (Q1. F4. P20. PR)

(75) “Apoio. Valorização.” (Q2. F4. P20. PR)

Certamente o termo acolhimento a que os professores se reportam (108) “Acolhimento”, (32) “Nós procuramos ouvir, acolher e apoiar” é o termo que melhor expressa o apoio desprendido às vítimas do *bullying*. Por ser um momento de extrema fragilidade, reflexo de situações extremas a que foram submetidas as vítimas é de fundamental importância esse suporte emocional. Ainda, no enunciado (75) “Apoio. Valorização”, o professor procura elevar a autoestima da vítima, momento no qual se encontra fragilizada, visando amenizar ou superar os traumas inerentes à sua exposição ao *bullying* escolar.

*Postura do espectador em caso de bullying entre alunos*

(48) “Ou compram a briga e aproveitam para ensinar.” (Q1. F5. P32. PR)

(49) “Ou fecham os olhos e ignoram.” (Q1. F5. P32. PR)

(88) “Ficam calados, quietos.” (Q2. F5. P32. PR)

Por outro lado, em relação ao espectador, os enunciados (49) “Ou fecham os olhos e ignoram” e (88) “Ficam calados, quietos”, transparece o medo a que os espectadores são acometidos, onde através do sentido figurado de “fechar os olhos” o sujeito professor nos remete ao entendimento que nada viram, nada sabem e pronto, não querem envolvimento com nenhuma situação que lhes possa trazer problemas ou aborrecimentos. Essa conotação consolida que às vezes o simples fato de ignorar se torna mais fácil do que se envolver ou tomar partido em determinadas situações. O discurso segue com o recorte (48) “Ou compram a briga e aproveitam para ensinar”, entretanto, há o espectador que não se conforma com o que presencia, opta por se posicionar por um lado, o que julga ser o correto, aquele que está sendo injustiçado, onde, por sua vez, conforme recorte (48) “Ou compram a briga e aproveitam para ensinar”, são empáticos, se colocam no lugar da vítima, a apoiam e acabam dando uma lição no agressor.

Dessa forma, o professor também é sujeito da pesquisa em relação a ocorrência do *bullying* praticado pelo profissional professor.

*Entre professores e alunos*

- (37) “Acredito que pode acontecer, sem que o professor perceba.” (Q1. F4. P23. PR)  
 (38) “Não acredito que seja intensão.” (Q1. F4. P23. PR)  
 (79) “Acredito que não.” (Q2. F4. P23. PR)

Ao analisarmos os enunciados, logo percebemos que o professor exime a si mesmo e a seus pares da prática do *bullying* com os estudantes: (79) “Acredito que não”, expressam dúvida, porém, caso aconteça, não é intencional, como segue nos enunciados: (37) “Acredito que pode acontecer, sem que o professor perceba”, isso significa que o professor pode realizar certas brincadeiras que não são prazerosas para alguns estudantes, mas se furta de qualquer responsabilidade por simplesmente não haver intenção, tal qual discorre também no enunciado (38) “Não acredito que seja intensão”.

*Entre professores*

- (36) “acredito que levam a brincadeira.” (Q1. F4. P22. PR)  
 (78) “Exemplo a ser seguidos.” (Q2. F4. P22. PR)  
 (35) “normalmente tiram sarro” (Q1. F4. P22. PR)  
 (34) “Não observo” (Q1. F4. P22. PR)  
 (110) “desconheço.” (Q3. F4. P22. PR)

Por outro lado, em relação aos seus pares, o sujeito professor enaltece a classe a qual pertence: (78) “Exemplo a ser seguidos”, relata a não ocorrência de forma enfática: (110) “desconheço” e logo após: (34) “Não observo”, ou seja, aparentemente faz questão de não se comprometer, alegando não observar, ou não saber pelo fato de não observar e por fim nos enunciados: (35) “normalmente tiram sarro” e (36) “acredito que levam a brincadeira”, fica evidente que ocorre, porém não o conceituam como tal.

*Entre professores e técnico-administrativos*

- (40) “Se acontece, não presenciei” (Q1. F4. P24. PR)  
 (39) “nunca observei.” (Q1. F4. P24. PR)  
 (112) “Desconheço” (Q3. F4. P24. PR)  
 (80) “Não. Nada a declarar.” (Q2. F4. P24. PR)

*Entre professores e coordenação pedagógica*

- (113) “Desconheço” (Q3. F4. P25. PR)  
 (41) “nunca observei.” (Q1. F4. P25. PR)  
 (42) “se acontece, acredito que a nossa geração é leve, costuma levar na brincadeira.” (Q1. F4. P25. PR)  
 (81) “Profissionais, tem que dar o exemplos.” (Q2. F4. P25. PR)

*Entre professores e direção*

- (114) “Desconheço” (Q3. F5. P26. PR)  
 (82) “Nada a declarar.” (Q2. F5. P26. PR)  
 (43) “é leve, não se leva a sério.” (Q1. F5. P26. PR)  
 (111) “Desconheço” (Q3. F4. P23. PR)

Em contrapartida, quanto a prática envolvendo o professor com os demais profissionais da educação, quer seja: técnico-administrativos, coordenação pedagógica e direção, o discurso da não ocorrência é enfático, vejamos os recortes: (39) “nunca observei”, (112) “Desconheço”, (80) “Não. Nada a declarar”, (113) “Desconheço”, (41) “nunca observei”, (114) “Desconheço”, (82) “Nada a declarar” e (111) “Desconheço”. Um determinado discurso reitera que o profissional da educação deve ser espelho e dar exemplo: (81) “Profissionais, tem que dar o exemplos”. Ainda há o discurso do “SE...” (40) “Se acontece, não presenciei” e (42) “se acontece, acredito que a nossa geração é leve, costuma levar na brincadeira”, ou seja, uma forma sutil de não fornecer informação, provavelmente exista, porém não querem relatar e (43) “é leve, não se leva a sério”, determinadas coisas não absorvem como ofensa, provavelmente são interpretadas como brincadeira.

*Consequências nas vítimas de bullying entre professores, técnico-administrativos, coordenação pedagógica e direção*

(83) “Não há. Seria inimizades.” (Q2. F5. P27. PR)

(115) “Clima de desconforto.” (Q3. F5. P27. PR)

*Providências em relação a ocorrência de casos de bullying entre professores, técnico-administrativos, coordenação pedagógica e direção*

(44) “tomado as medidas necessárias.” (Q1. F5. P28. PR)

(116) “Com muito cuidado e cautela.” (Q3. F5. P28. PR)

(84) “Advertência, mas não há.” (Q2. F5. P28. PR)

Quanto às consequências das vítimas da prática do *bullying* entre professores e demais profissionais da educação, conforme enunciados (83) “Não há. Seria inimizades” e (115) “Clima de desconforto”, verifica-se que resulta em inimizades, clima pesado, descontentamento, porém, não há relatos de problemas psicológicos nos profissionais, talvez devido a maturidade dos adultos, o problema se torna um fardo mais leve. Esses são mais frequentes em estudantes que sofrem *bullying*.

Fica claro no discurso sobre as providências que deveriam ser tomadas: (44) “tomado as medidas necessárias”, que infelizmente não ocorrem, pelo fato dos gestores escolares acharem desnecessário, ou que não configuram agressão, ou também associarem essas atitudes a meras brincadeiras. Da mesma forma, no enunciado (84) “Advertência, mas não há”, uma das medidas necessárias no entendimento do sujeito professor seria advertir os agressores, o que também não ocorre nessa esfera escolar. Desse modo, ainda justificam que, caso ocorresse a advertência, que vários cuidados deveriam ser tomados: (116) “Com muito cuidado e cautela”.

*Possibilidade de redução ou prevenção dos casos de bullying entre professores, técnico-administrativos, coordenação pedagógica e direção*

(118) “a direção deve ficar atenta e projetar tarefas específicas nas escolas.” (Q3. F5. P30. PR)

(46) “todos devem partir da seguinte teoria: não faça aos outros, o que não gostaria que fizessem a você.” (Q1. F5. P30. PR)

(86) “sim. Todos são adultos” (Q2. F5. P30. PR)

Quando o professor é questionado em relação à possibilidade de redução ou prevenção desses casos de *bullying* entre seus pares: (46) “todos devem partir da seguinte teoria: não faça aos outros, o que não gostaria que fizessem a você”, mas o que é uma teoria? *É o conhecimento obtido por meio de estudos, hipóteses, experimentações e observações que quando aplicadas, apresentam resultados que corroboram com o objetivo a ser alcançado.* Ou seja, se nos colocarmos no lugar do próximo, jamais teríamos certas atitudes ou agiríamos de maneira a prejudicar ou ofender alguém. Ainda (86) “sim. Todos são adultos”, nem sempre ser adulto significa ter maturidade e discernimento para não tomar certas atitudes que possam prejudicar o próximo, logo, tal afirmação, não é sinônimo de que adultos não tomariam atitudes erradas. No enunciado (118) “a direção deve ficar atenta e projetar tarefas específicas nas escolas”, a atenção constante por parte dos gestores é fundamental, tanto quanto a execução de projetos específicos à redução e prevenção da prática do *bullying*.

*Postura do espectador em caso de bullying entre professores, técnico-administrativos, coordenação pedagógica e direção*

(120) “Ficam atentos e desconfortáveis com a situação.” (Q3. F6. P33. PR)

(50) “o respeito é fundamental.” (Q1. F6. P33. PR)

Inegavelmente a postura do espectador do *bullying* entre os profissionais da Educação, apresenta um desconforto, sensação de mal estar, a ocorrência não lhes passa de forma imperceptível, porém é algo inoportuno, como bem explicitado no recorte (120) “Ficam atentos e desconfortáveis com a situação”, enfatizam que (50) “o respeito é fundamental”, respeito por parte do espectador, da vítima e do agressor. Pressupomos que nesse caso não haveria nenhuma agressão.

### 3.2 DISCURSO DO DIRETOR/DIRETOR ADJUNTO ESCOLAR

A análise do sujeito diretor/diretor adjunto envolveu profissionais de duas escolas estaduais. Foram coletados enunciados de dois diretores, um do sexo masculino e outro do feminino e uma diretora adjunta. Quanto ao tempo de profissão: um diretor com 18 (dezoito) anos, uma diretora com 33 (trinta e três) e uma diretora adjunta com 17 (dezessete). A

numeração se deu de forma sequencial, sendo recortados e agrupados de 121 a 214, seguindo critérios de oposição, similaridade, temporalidade, gênero e discurso proferido. Em relação aos sentidos do discurso analisado, foram ponderados posicionamentos divergentes entre estes profissionais, inclusive entre diretor e diretor adjunto de uma mesma escola.

*Diferença de valores em relação a sua época de aluno*

(121) “os valores foram trocados ou invertidos.” (Q1. F1. P1. D)

(122) “Muitos valores se perderam, dentre eles destaco o respeito pelos professores.” (Q2. F1. P1. D)

(123) “Ainda estudei em um período onde a educação tradicional era mais forte, hoje vivemos em um período de uma educação mais libertária.” (Q3. F1. P1. D)

Quando questionados em relação a valores vislumbrados na atualidade e na época em que os mesmos eram alunos foram incisivos quanto ao discurso proferido, no recorte (121) “os valores foram trocados ou invertidos” fica claro que aquele que deveria respeitar, desrespeita os estudantes em relação aos professores, no (122) “Muitos valores se perderam, dentre eles destaco o respeito pelos professores”, na mesma linha de pensamento, reitera que as regras a serem seguidas, não mais o são: o respeito pelo professor e no (123) “Ainda estudei em um período onde a educação tradicional era mais forte, hoje vivemos em um período de uma educação mais libertária”, contrapõe dois tipos de educação, a tradicional, onde as regras eram rígidas: o professor deveria ensinar e estudante obedecer e conseqüentemente aprender, e a libertária, na qual o estudante de forma autônoma e crítica acha que pode tudo.

*Turma disciplinada*

(125) “[...] turma em que o professor consegue desenvolver o seu plano de aula sem interrupção por conta de conversas, bagunças e que participa efetivamente das aulas.” (Q2. F1. P2. D)

(124) “[...] está para estudar, com ânimo e boa vontade.” (Q1. F1. P2. D)

(126) “turma silenciosa, passiva.” (Q3. F1. P2. D)

*Turma indisciplinada*

(127) “[...] estudantes desanimados ou com foco em outras coisas menos em estudar.” (Q1. F1. P3. D)

(128) “falta de respeito prevalece, muita conversa, bagunça, falta de respeito entre os estudantes e falta de comprometimento.” (Q2. F1. P3. D)

(129) “Na visão do professor uma turma barulhenta. Que não cumpre o que é proposto pelo professor.” (Q3. F1. P3. D)

O discurso é uníssono: na concepção deles, turma disciplinada é aquela em que o silêncio e o respeito reinam no ambiente e os estudantes mantêm o foco no estudo, desprezando interesse, sem transgredir as regras impostas no contexto escolar, tal qual vislumbramos nos enunciados (125) “[...] turma em que o professor consegue desenvolver o

seu plano de aula sem interrupção por conta de conversas, bagunças e que participa efetivamente das aulas”, (124) “[...] está para estudar, com ânimo e boa vontade” e (126) “turma silenciosa, passiva”.

Em contraponto destacam que turma indisciplinada é aquela totalmente oposta, onde os estudantes pouco se importam com o estudo, têm como foco outros interesses, não cumprem regras, desrespeitam os professores, não tem comprometimento e apresentam apatia (127) “[...] estudantes desanimados ou com foco em outras coisas menos em estudar” e (128) “falta de respeito prevalece, muita conversa, bagunça, falta de respeito entre os estudantes e falta de comprometimento”; ressaltamos o discurso do diretor/diretor adjunto, onde encontramos: (129) “Na visão do professor uma turma barulhenta. Que não cumpre o que é proposto pelo professor”, nos questionamos então, por qual motivo o sujeito diretor/diretor adjunto relata a visão do professor? Pensaria ele igual o professor ou diferente? Ou apenas está reiterando a visão de toda classe docente?

*Indisciplina na escola na sua época de aluno*

(135) “Muito rara.” (Q1. F2. P6. D)

(136) “Existia mas o respeito prevalecia.” (Q2. F2. P6. D)

(137) “Consistia em física ou verbal, porém não havia o termo *bullying*, era tratada de forma leve, como se fosse uma brincadeira entre crianças e adolescentes.” (Q3. F2. P6. D)

Logo, confrontando o atual conceito de indisciplina analisado acima e o do passado, quando o diretor/diretor adjunto figurava o papel de aluno, destacam que ela era eventual e o respeito se sobrepunha como vemos nos recortes: (135) “Muito rara” e (136) “Existia, mas o respeito prevalecia”. Por fim, no enunciado (137) “Consistia em física ou verbal, porém não havia o termo *bullying*, era tratada de forma leve, como se fosse uma brincadeira entre crianças e adolescentes”, destaca que eram brincadeiras típicas de crianças, inocentes e se davam na forma verbal, através de termos proferidos ou mediante agressões físicas, posto isto, nos transmite a mensagem do que hoje seria a prática do *bullying*.

*Violência na escola*

(130) “Quando estudantes entre si praticam violência física, psicológica e ou outras contra outrem” (Q1. F1. P4. D)

(132) “Agressão física e verbal. Entre pares, aluno x aluno, ou entre professor x aluno, aluno x professor.” (Q3. F1. P4. D)

(131) “[...] violência verbal, violência psicológica (*bullying*) e casos isolados de violência física entre estudantes.” (Q2. F1. P4. D)

*Agressividade na escola*

(133) “[...] não tem controle sobre seu temperamento.” (Q1. F2. P5. D)

(134) “É a prática de agressão verbal ou física que se torna comum, hoje conhecida como *bullying*”. (Q3. F2. P5. D)

*Violência na escola na sua época de aluno*

(138) “Praticamente não existia.” (Q1. F2. P7. D)

(139) “Não tenho memória de prática de violência dessa época.” (Q2. F2. P7. D)

(140) “Consistia em ameaça ou agressão, era mais comum brigas de rua.” (Q3. F2. P7. D)

*Agressividade na escola na sua época de aluno*

(141) “Não havia” (Q1. F2. P8. D)

(142) “A forma de agredir era a mesma, verbal ou física, porém hoje há uma carga maior, talvez pela popularização do direito, e com a criação do termo *bullying*.” (Q3. F2. P8. D)

No decorrer das análises, pontuamos a visão geral entre violência e agressividade na concepção dos entrevistados, tanto na atualidade como na época em que compunham o corpo discente. Nos chama a atenção dois momentos pontuais: ao definir agressividade, indiretamente o sujeito a classifica como *bullying*: (134) “É a prática de agressão verbal ou física que se torna comum, hoje conhecida como *bullying*”, também nas entrelinhas do enunciado (131) “[...] violência verbal, violência psicológica (*bullying*) e casos isolados de violência física entre estudantes”, pontua o *bullying* como parte da violência e no recorte (142) “A forma de agredir era a mesma, verbal ou física, porém hoje há uma carga maior, talvez pela popularização do Direito, e com a criação do termo *bullying*.”, fica demonstrado que o *bullying* sempre existiu, desde os tempos primórdios, apenas enfatiza que a atualidade nos trouxe sua classificação como intimidação sistemática, conforme o Art. 2º da Lei 13.185/2015, com um olhar diferenciado para a forma de agir dos estudantes e a intensificação de sua criminalização.

Art. 2º Caracteriza-se a intimidação sistemática (***bullying***) quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda:

I - ataques físicos;

II - insultos pessoais;

III - comentários sistemáticos e apelidos pejorativos;

IV - ameaças por quaisquer meios;

V - grafites depreciativos;

VI - expressões preconceituosas;

VII - isolamento social consciente e premeditado;

VIII - pilhérias.

Parágrafo único. Há intimidação sistemática na rede mundial de computadores (*cyberbullying*), quando se usarem os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial.

Nessa premissa, observamos a semelhança existente entre agressividade, violência e o *bullying* propriamente dito: (130) “Quando estudantes entre si praticam violência física, psicológica e ou outras contra outrem” e (132) “Agressão física e verbal. Entre pares, aluno x aluno, ou entre professor x aluno, aluno x professor”, ambos enunciados destacam tanto a violência física como a psicológica, e ao conceituar agressividade, fica claro haver um

transtorno de conduta, marcado por brigas e crueldade, vemos: (133) “[...] não tem controle sobre seu temperamento”, o agressor não se controla, causando danos físicos e psicológicos à sua vítima. Quanto a violência e a agressividade no passado, relatam enfaticamente não haver, (141) “Não havia”, (138) “Praticamente não existia” e (139) “Não tenho memória de prática de violência dessa época”, no máximo pontuam brigas de rua, as quais eram o auge de uma agressão naquela época: (140) “Consistia em ameaça ou agressão, era mais comum brigas de rua”.

*Diferença entre Indisciplina, violência e agressividade na escola dão o nome de bullying*

(143) “Há o mínimo de diferença, mas são irmãs, caminham juntas.” (Q1. F2. P9. D)

(144) “A indisciplina acontece no espaço da sala de aula, na relação professor x aluno, a violência se dá de forma verbal ou física e machuca o outro, a agressividade é reiterada, física ou verbal e caracteriza o *bullying*.” (Q3. F2. P9. D)

Ante as informações coletadas, identificamos semelhanças entre as quatro classificações, talvez alguns detalhes que as diferenciam, como identificamos no enunciado (143) “Há o mínimo de diferença, mas são irmãs, caminham juntas”, detalhes esses mais explicitados no recorte (144) “A indisciplina acontece no espaço da sala de aula, na relação professor x aluno, a violência se dá de forma verbal ou física e machuca o outro, a agressividade se dá de forma reiterada, física ou verbal e caracteriza o *bullying*”, novamente se referem a agressividade tendo as mesmas características do *bullying*.

*Generalização de qualquer tipo de violência como sendo bullying*

(148) “[...] existe hoje uma apologia a este, e muitos casos nem chegam a ser, o que só causa desgaste.” (Q1. F2. P10. D)

(147) “A palavra “*bullying*” foi muito utilizada nos últimos anos e há uma grande confusão com o verdadeiro sentido da palavra.” (Q2. F2. P9. D)

(146) “No passado *bullying* era considerado uma brincadeira, quem não teve um apelido na escola. Hoje isso se tornou uma infração às regras e portanto quem se ofende deve ser respeitado.” (Q3. F6. P33. D)

(149) “Existe muitas vezes de forma velada e em outras situações de forma equivocada onde tudo virou *bullying*.” (Q2. F2. P10. D)

(145) “precisamos filtrar esta questão, pois muitos estão se tornando fracos e fazendo com que tudo seja *bullying*.” (Q1. F6. P33. D)

Os enunciados analisados nos remetem de forma uniforme que o entendimento desse conceito foi generalizado e o que antes era mera brincadeira passou a configurar *bullying*: (146) “No passado *bullying* era considerado uma brincadeira, quem não teve um apelido na escola? Atualmente, isso se tornou uma infração às regras e, portanto, quem se ofende deve ser respeitado”, todas as formas de agressão muitas vezes são interpretadas de forma errônea como sendo *bullying*, causando confusão e desgaste aos envolvidos: (148) “[...] existe hoje uma apologia a este, e muitos casos nem chegam a ser *bullying*, o que só causa desgaste”,

(149) “Existe muitas vezes de forma velada e equivocada onde tudo virou *bullying*”, percebemos que indiscriminadamente conceituam diversas agressões como se configurassem a prática de *bullying*. No recorte (147) “A palavra “*bullying*” foi muito utilizada nos últimos anos e há uma grande confusão com o verdadeiro sentido da palavra” e no (145) “precisamos filtrar esta questão, pois muitos estão se tornando fracos e fazendo com que tudo seja *bullying*”, logo, percebemos que o termo muitas vezes está sendo utilizado para justificar a fragilidade das pessoas e isso acende um alerta de precaução para que não sejam cometidas injustiças nem com a vítima, nem ao agressor.

*Diferença entre bullying praticado por alunos e alunas*

(166) “os meninos tendem a ser mais cruéis.” (Q1. F3. P16. D)

(167) “meninos geralmente fazem *bullying* mais agressivo e as meninas utilizam muito as redes sociais para essa finalidade.” (Q2. F3. P16. D)

(168) “mais comuns casos de *bullying* entre meninas. Não sei explicar o porquê, porém acredito que devido a cultura da beleza.”(Q3. F3. P16. D)

*Relato de caso de bullying praticado por meninas*

(173) “Redes sociais”(Q2. F3. P18. D)

(174) “seu biotipo, por ser estudiosa, até pela posição de seus pais na sociedade.” (Q3. F3. P18. D)

(172) “forma física, relacionado a beleza ou não.” (Q1. F3. P18. D)

*Relato de caso de bullying praticado por meninos*

(169) “Contra menina por conta de cor.” (Q1. F3. P17. D)

(170) “Agressão verbal, apelidos maldosos e até agressão física.” (Q2. F3. P17. D)

(171) “Em aula de Educação Física quando alguém não sabe jogar determinada modalidade esportiva. Fique claro que é bem raro.” (Q3. F3. P17. D)

Ao discorrer sobre a prática de *bullying* entre meninos e meninas, o discurso proferido é que os meninos agem com crueldade e maior agressão, literalmente na brutalidade, (166) “os meninos tendem a ser mais cruéis”, (167) “meninos geralmente fazem *bullying* mais agressivo e as meninas utilizam muito as redes sociais para essa finalidade.” A execução por parte das meninas se dá por meios mais articulados, via redes sociais (173) “Redes sociais”, procurando fragilizar suas vítimas e de maneira sutil vão ofendendo, perseguindo, postando algo sobre a composição física, (172) “forma física, relacionado a beleza ou não, características de sua cor, raça, credo, opção sexual, ser estudiosa, nível social, entre outras que possam desestabilizar a vítima, vejamos: (174) “seu biotipo, por ser estudiosa, até pela posição de seus pais na sociedade”. As meninas naturalmente são mais invejosas, vaidosas, egoístas e narcisistas e se valem da dissimulação para ofender a vítima por elas escolhida.

Isso não significa que o sexo masculino não se valha também dessa prática para ofendê-las, vejamos os relatos a seguir sobre a prática de *bullying* pelos meninos: (169) “Contra menina por conta de cor” e (170) “Agressão verbal, apelidos maldosos e até agressão física”, aqui já vemos o reflexo da prática de *bullying* em maior intensidade contra as meninas, eles as apelidam, agridem verbalmente, insultando, imitando e por fim partem para agressão física. Num dos recortes (171) “Em aula de Educação Física quando alguém não sabe jogar determinada modalidade esportiva. Fique claro que é bem raro”, o simples motivo de alguém não dominar certa prática desportiva pode ser o pivô para desencadear a maldade e a prática do *bullying*.

*Diferença na prática de bullying entre estudantes do ensino fundamental ou médio*

(209) “Não vejo diferença.” (Q2. F5. P30. D)

(208) “Não, talvez o fundamental seja um pouco mais infantilizada.” (Q1. F5. P30. D)

(210) Sim, o ensino fundamental, 12 a 15 anos, tem brincadeiras que ferem o outro que são mais inocentes, às vezes nem tem noção do que estão fazendo. Os estudantes de Ensino Médio, quando cometem já tem noção do que estão fazendo, são mais veladas e mais maldosos. “(Q3. F5. P30. D)

Quanto às etapas do ensino fundamental e médio há um relato de não haver diferença referente à forma da prática do *bullying* (209) “Não vejo diferença”, nessa conjuntura, outro recorte afirma não haver, porém na sequência apresenta uma diferenciação, quer seja o nível de infantilidade das crianças do ensino fundamental (208) “Não, talvez o fundamental seja um pouco mais infantilizada”, isso demonstra haver diferença; e por fim, de forma detalhada o último recorte analisado pontua as faixas etárias atendidas em cada etapa e o que diferencia essas práticas, como transcrito a seguir: (210) “Sim, o ensino fundamental, 12 a 15 anos, tem brincadeiras que ferem o outro que são mais inocentes, às vezes nem tem noção do que estão fazendo. Os estudantes de Ensino Médio, quando cometem já têm noção do que estão fazendo, são mais veladas e mais maldosos”; assim, fica claro que conforme a faixa etária aumenta, se elevam: o nível de agressividade, a malícia e a perversidade.

*Possibilidade de reduzir ou prevenir casos bullying entre professores(as), técnico administrativos, coordenação pedagógica e direção*

(207) “Da mesma maneira que os alunos, punição imediata, assim que identificado, e conscientização.” (Q3. F54. P29. D)

(206) “trabalhando sobre o tema sempre que possível, de modo atrativo e dinâmico.” (Q1. F54. P29. D)

*Possibilidade de reduzir ou prevenir casos de bullying entre alunos*

(205) “através da punição imediata, quando identificado e da conscientização ou seja “falar sempre o mesmo”.” (Q3. F5. P28. D)

(203) “com a parceria com pais e responsáveis” (Q1. F5. P28. D)

(204) “Com trabalho de conscientização, palestras e vídeos sobre o tema.” (Q2. F5. P28. D)

Quanto à possibilidade de redução ou prevenção dos casos de *bullying* entre alunos e funcionários, independente das esferas horizontal e vertical, o discurso se repete. Vejamos o enunciado em relação aos funcionários: (207) “Da mesma maneira que os alunos, punição imediata, assim que identificado, e conscientização”, e quanto aos estudantes: (205) “através da punição imediata, quando identificado e da conscientização, ou seja, “falar sempre o mesmo”. É inquestionável que há relatos das formas a conscientizar os estudantes envolvidos: (204) “Com trabalho de conscientização, palestras e vídeos sobre o tema” e (203) “com a parceria com pais e responsáveis”, porém não apresentam detalhadamente como ocorre essa conscientização, inclusive as palestras e os vídeos contemplam qual assunto especificamente? Ainda destacam a parceria com os pais ou responsáveis legais; que parceria é esta e qual o grau de compreensão dos pais sobre o que se passa naquele momento? Quanto aos funcionários técnico-administrativos e corpo docente, destacamos o recorte (206) “trabalhando sobre o tema sempre que possível, de modo atrativo e dinâmico”, logo, se não for algo atrativo que desperte o interesse dos mesmos de forma dinâmica e funcional, o foco proposto neste árduo trabalho se perde, não havendo resultados positivos nas ações propostas.

*Ocorrência de bullying na escola onde é Diretor(a) ou Adjunto(a)*

(152) “Acontece com frequência, sendo mais comum o verbal.” (Q3. F2. P11. D)

(153) “Acontece em sua maioria entre alunos, e se dá qdo alguém ou um grupo incomoda, agredindo reiteradamente um outro estudante.” (Q3. F2. P10. D)

(151) “Sim. Muitas ocorrências são registradas pq começaram nas redes sociais e acabam vindo p/ dentro do ambiente escolar.” (Q2. F2. P11. D)

(150) “Neste ano letivo, até o momento não.” (Q1. F2. P11. D)

Há discrepância no discurso proferido em relação aos diretores de duas escolas distintas. Isso pode ser reflexo da clientela atendida por cada escola, pois uma está mais centralizada, com atendimento em tempo parcial e a outra atende estudantes de determinado bairro e da zona rural, em tempo integral, vejamos: na primeira (152) “Acontece com frequência, sendo mais comum o verbal.”, (153) “Acontece em sua maioria entre alunos, e se dá qdo alguém ou um grupo incomoda, agredindo reiteradamente um outro estudante” e (151) “Sim. Muitas ocorrências são registradas pq começaram nas redes sociais e acabam vindo p/ dentro do ambiente escolar”, são relatos incisivos, do diretor e da diretora adjunta os quais de maneira uníssona relatam a ocorrência frequente e que na sua maioria ocorrem de maneira verbal e migram das redes sociais para o ambiente escolar, ou seja, necessariamente não são desencadeadas na escola, mas a culminância dessa prática se dá no ambiente escolar. Na outra escola o discurso muda: (150) “Neste ano letivo, até o momento não”, relata não haver registros de ocorrência em relação ao *bullying*. Frisa-se que o ano letivo está

praticamente finalizado e no decorrer de praticamente 365 (trezentos e sessenta e cinco) dias não houve registros de casos de *bullying*.

*Como chega ao diretor a informação sobre bullying*

(156) “Através dos próprios alunos vítimas, através dos pais das vítimas e pela denúncia de estudantes espectadores.” (Q3. F3. P12. D)

(154) “Pelos próprios estudantes ou responsáveis.” (Q1. F3. P12. D)

(155) “pelos pais, muitos estudantes não procuram a direção e/ou a coordenação.” (Q2. F3. P12. D)

São os estudantes na maioria das vezes, que levam ao conhecimento da direção escolar os casos de *bullying*, dentre esses temos os espectadores e até a própria vítima, quando se encoraja e resolve por um fim na situação (156) “Através dos próprios alunos vítimas, através dos pais das vítimas e pela denúncia de estudantes espectadores”, (154) “Pelos próprios estudantes ou responsáveis”, os pais ou responsáveis legais, também buscam solução junto à gestão escolar, pelo fato de muitas vezes a vítima se sentir coibida e não denunciar o agressor, desta feita a única alternativa é a família se posicionar e buscar uma solução: (155) “pelos pais, muitos estudantes não procuram a direção e/ou a coordenação”.

*Providências em relação a casos de bullying praticados por alunos na sua escola*

(164) “com o que é prescrito no regimento escolar.” (Q2. F3. P15. D)

(176) “Seguimos sempre o regimento interno, levando em consideração a especificidade de cada caso.” (Q2. F4. P19. D)

(165) “[...] é realizado um registro, os pais, responsáveis são comunicados e as providências conforme preconiza o Regimento Escolar são tomadas.” (Q3. F3. P15. D)

(177) “Através de registro, comunicado presencial aos pais e providências conforme o Regimento Escolar.” (Q3. F4. P19. D)

(180) “São orientados das providências tomadas para garantir seus direitos preservados enquanto estudantes.” (Q3. F4. P20. D)

(159) “através da punição imediata de casos iniciais e da conscientização ao corpo discente.” (Q3. F3. P13. D)

(163) “Trabalho em conjunto com os pais, coordenações e direção para que haja conhecimento e gravidade até criminosa da prática.” (Q1. F3. P15. D)

(175) “Primeiro com os próprios estudantes, seguidamente pais e responsáveis e até mesmo nas aulas”. (Q1. F4. P19. D)

(178) “São assistidos pela direção, coordenação, professores, passado aos pais.” (Q1. F4. P20. D)

(179) “procuramos resolver para que o *bullying* acabe imediatamente.” (Q2. F4. P20. D)

(157) “Trabalhando em todas as áreas de conhecimento, o respeito, a empatia e tantos outros valores e virtudes.” (Q1. F3. P13. D)

(158) “É possível esclarecer os estudantes sobre o tema, prevenir não sei se seria a palavra adequada.” (Q2. F3. P13. D)

Conforme relatado ocorre o diálogo de forma presencial com os pais e a aplicação da legislação escolar conforme normas do Regimento Escolar: (164) “com o que é prescrito no regimento escolar”, (176) “Seguimos sempre o regimento interno, levando em consideração a especificidade de cada caso”, (165) “[...] é realizado um registro, os pais, responsáveis são comunicados e as providências conforme preconiza o Regimento Escolar são tomadas” e

(177) “Através de registro, comunicado presencial aos pais e providências conforme o Regimento Escolar”; na sequência os estudantes recebem orientações de seus direitos de estudantes, em busca da coibição imediata da prática do *bullying*: (180) “São orientados das providências tomadas para garantir seus direitos preservados enquanto estudantes” e (159) “através da punição imediata de casos iniciais e da conscientização ao corpo discente.”, são aplicadas as normas do regimento escolar.

Ressalta-se que os pais ou responsáveis legais a partir do momento que a gestão tem conhecimento da ocorrência da prática de *bullying* são imediatamente comunicados, dando sequência a intensificação de um trabalho realizado pelos professores, coordenação pedagógica e direção em sala de aula: (163) “Trabalho em conjunto com os pais, coordenações e direção para que haja conhecimento e gravidade até criminosa da prática”, (175) “Primeiro com os próprios estudantes, seguidamente pais e responsáveis e até mesmo nas aulas, (178) “São assistidos pela direção, coordenação, professores, passado aos pais”, para que cesse imediatamente a prática do *bullying*, (179) “procuramos resolver para que o *bullying* acabe imediatamente” (157) “Trabalhando em todas as áreas de conhecimento, o respeito, a empatia e tantos outros valores e virtudes” e por fim (158) “É possível esclarecer os estudantes sobre o tema, prevenir não sei se seria a palavra adequada”, paira no ar a incógnita se há possibilidade de prevenção da prática do *bullying*. Aparentemente os gestores relatam ser possível apenas esclarecimentos e conscientização sobre o tema e não a prevenção.

*É possível identificar possíveis alunos que podem praticar bullying?*

(162) “Sem uma observação ou denúncia prévia não é possível. Como diz o ditado: “Quem vê cara não vê coração”.” (Q3. F3. P14. D)

(160) “Não. Às vezes vem de onde menos se espera.” (Q1. F3. P14. D)

(161) “Sim. Muitos professores percebem em sala e informam a direção.” (Q2. F3. P14. D)

*Consequências nas vítimas em sala de aula*

(181) “tornar-se retraídos, tristes, desanimando até mesmo dos estudos.” (Q1. F4. P21. D)

(182) “Desinteresse em frequentar a escola, medo e pânico.” (Q2. F4. P21. D)

(184) “se a situação se estender pode causar danos mentais, depressão, consequências a longo prazo”. (Q3. F4. P21. D)

(183) “Se forem tomadas providências imediatas as consequências são nulas ou mínimas” (Q3. F4. P21. D)

Prosseguindo a análise, surpreendentemente os recortes nos elucidam que a prática do *bullying* é proveniente de onde menos se espera. O estudante não aparenta ser um agressor em potencial, pois normalmente é dissimulado e transparece a imagem de boa pessoa, não de delinquente ou revoltado, tal qual relatam os enunciados: (162) “Sem uma observação ou denúncia prévia não é possível. Como diz o ditado: “Quem vê cara não vê coração” e (160)

“Às vezes vem de onde menos se espera”; por vezes são os professores que percebem a prática em sala de aula e comunicam à gestão escolar para que sejam tomadas as providências cabíveis (161) “Sim. Muitos professores percebem em sala e informam a direção”.

Dentre as consequências observadas em sala de aula, destacamos a tristeza, desânimo, retração e o desinteresse, neste caso muitos estudantes começam a achar pretextos para não comparecer às aulas: (181) “tornar-se retraídos, tristes, desanimando até mesmo dos estudos”, (182) “Desinteresse em frequentar a escola, medo e pânico”, ainda, conforme o recorte (184) “se a situação se estender pode causar danos mentais, depressão, consequências a longo prazo”; pode haver reflexos, como desencadear depressão e problemas mentais, síndrome do pânico e ansiedade, muito comuns atualmente, porém (183) “Se forem tomadas providências imediatas as consequências são nulas ou mínimas”, se identificado precocemente e tomadas as providências necessárias, praticamente não haverá sequelas.

*Reação dos espectadores em relação aos casos de bullying entre alunos*

(212) “Inicialmente tem medo de se tornar a próxima vítima mas quando percebem que o *bullying* não ficará em pune auxiliam para a solução do caso.” (Q3. F5. P31. D)

(211) “Interferem” (Q1. F5. P31. D)

Comumente os espectadores estudantes interferem, (211) “Interferem”, porém, com medo de ser alvo do agressor, não se posicionam, evitando assim se tornar a próxima vítima, (212) “Inicialmente tem medo de se tornar a próxima vítima mas quando percebem que o *bullying* não ficará em pune (*sic*) auxiliam para a solução do caso”; ao perceberem que providências são tomadas dando um fim às agressões, passam a colaborar para que a justiça seja feita.

*Prática de bullying entre professores*

(187) “É raro, mas acontece. É bem velado também, devido a formação e informação que o professor tem na “bagagem”. (Q3. F4. P22. D)

(185) “Muito sutil, mas acontece, infelizmente.” (Q1. F4. P22. D)

(186) “Não.” (Q2. F4. P22. D)

*Prática de bullying entre professores(as) e técnico-administrativos*

(190) “Hoje não observo tanto, no passado era mais um distanciamento entre o corpo docente e administrativo da escola.” (Q3. F4. P23. D)

(188) “[...] de modo disfarçado, mas com muita observação é possível perceber”. (Q1. F4. P23. D)

(189) “Não.” (Q2. F4. P23. D)

Conforme recortes, a prática do *bullying* na esfera horizontal, entre professores, não ocorre habitualmente, mas de forma esporádica: (187) “É raro, mas acontece. É bem velado também, devido a formação e informação que o professor tem na “bagagem”, ou seja, o

professor sabe a gravidade da prática do *bullying* e suas sanções e conscientemente preserva a si e aos colegas e (185) “Muito sutil, mas acontece, infelizmente”, há um único relato que não ocorre, mas sem apresentar qualquer justificativa.

Da mesma forma, ainda na esfera horizontal, entre professores e técnico-administrativos os relatos são semelhantes, há um destaque em relação à cronologia, não se referindo à prática de *bullying*, mas sim a um distanciamento ante os cargos ocupados, considerando o de professor ser mais relevante que o do administrativo, (190) “Hoje não observo tanto, no passado era mais um distanciamento entre o corpo docente e administrativo da escola” e outro recorte que destaca a forma velada da prática: (188) “[...] de modo disfarçado, mas com muita observação é possível perceber”, por fim de forma incisiva um (189) “Não”, relatando não ocorrer entre esses dois cargos no ambiente escolar.

*Prática de bullying entre professores e coordenação pedagógica*

(192) “Não.” (Q2. F4. P24. D)

(193) “Não, devido a coordenação estar posicionada hierarquicamente acima do corpo docente.” (Q3. F4. P23. D)

(191) “mais restrita.” (Q1. F4. P24. D)

*Prática de bullying entre professores e direção*

(195) “Não.” (Q2. F4. P22. D)

(196) Não, devido a direção, assim como a coordenação, estar posicionada hierarquicamente acima do corpo docente. (Q3. F4. P22. D)

(194) “é muito velada.” (Q1. F4. P25. D)

Por outro lado, na esfera vertical, é dada ênfase quanto a não ocorrência de *bullying*, refletida nos recortes a seguir: (192) “Não” e (193) “Não, devido a coordenação estar posicionada hierarquicamente acima do corpo docente”; provavelmente o professor se sente intimidado ante ao grau hierárquico no âmbito escolar, sendo um contraponto para não praticar *bullying* e ainda que o faça, (191) “mais restrita”, percebam, ocorre de maneira velada e muito bem articulada para não ser descoberto.

O mesmo discurso se repete em relação aos professores e direção, onde há o relato da não ocorrência: (195) “Não e (196) Não, devido a direção, assim como a coordenação pedagógica, estar posicionada hierarquicamente acima do corpo docente e por fim, caso venha a ocorrer se dá de forma dissimulada: (194) “é muito velada.”

*Posicionamento dos espectadores de bullying entre professores, técnico administrativos, coordenação pedagógica e direção*

(213) “vão interferir e proteger a vítima.” (Q1. F6. P32. D)

(214) “reitero que é menos comum ou raro, visto se tratar de adultos.” (Q3. F6. P32. D)

*Consequências para as vítimas de bullying entre professores, técnico administrativos, coordenação pedagógica e direção*

(198) “se identificado de imediato, as consequências são nulas ou mínimas.” (Q3. F5. P26. D)

(199) “se a vítima não se posicionar e sofrer calada pode ter doenças socioemocionais por toda a vida.” (Q3. F5. P26. D)

(197) “Podem se isolarem.” (Q1. F5. P26. D)

*Providências tomadas em relação aos casos bullying entre professores, técnico-administrativos, coordenação pedagógica e direção*

(201) “registro escrito, providências conforme o Regimento Escolar e Estatuto dos Servidores Públicos” (Q3. F5. P27. D)

(202) “se for reiterado, nunca aconteceu, pode ser que dê Processo Administrativo ao infrator.” (Q3. F5. P27. D)

(200) “buscando promover o respeito, bons relacionamentos interpessoais, bem querer, com dinâmicas e reflexões.” (Q1. F5. P27. D)

De maneira geral os espectadores ao se depararem com a prática do *bullying* entre profissionais da educação, tanto na esfera horizontal como na vertical acabam interferindo, tentando mediar e amenizar a situação, sempre em favor da vítima (213) “vão interferir e proteger a vítima”; porém isso ocorre com pouca frequência, devido a maturidade e o nível de conhecimento sobre o tema pelos docentes (214) “reitero que é menos comum ou raro, visto se tratar de adultos”.

Em relação às consequências nas vítimas, essas não divergem muito dos estudantes: (198) “se identificado de imediato, as consequências são nulas ou mínimas”, caso a resolução do problema se dê de forma imediata, não haverá sequelas, caso contrário, conforme descrito no recorte: (199) “se a vítima não se posicionar e sofrer calada pode ter doenças socioemocionais por toda a vida”, poderão ser desencadeados problemas graves de saúde mental, dentre essas: síndrome do pânico, depressão e em casos extremos tendência ao suicídio, pois em seu subconsciente, acreditam que colocarão um ponto final no problema. As vítimas poderão ainda tentar o isolamento, entendendo que seria uma maneira paliativa para evitar contato com o agressor.

A postura dos gestores em relação a ocorrência da prática do *bullying* entre funcionários da educação recebe o mesmo direcionamento aplicado aos estudantes, ou seja, as normas do Regimento Escolar e por se tratar de funcionário público, também são aplicadas as do Estatuto de Servidores, em relação aos seus direitos e deveres: (201) “registro escrito, providências conforme o Regimento Escolar e Estatuto dos Servidores Públicos”, para isso deverá ser apurada a veracidade dos fatos, se realmente ocorreu a agressão, ou não passa de mera distorção, para que então, de maneira justa sejam tomadas as providências: (202) “se for reiterado, nunca aconteceu, pode ser que dê processo administrativo ao infrator”, nesta

premissa, dá-se a busca incessante, valendo-se de diversas dinâmicas que buscam a reflexão, a empatia e ao respeito pelo próximo, e conseqüentemente ao ambiente escolar harmônico em sua plenitude. (200) “buscando promover o respeito, bons relacionamentos interpessoais, bem querer, com dinâmicas e reflexões”.

### 3.3 DISCURSO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO

Participaram do processo de coleta de dados e análise do sujeito coordenador pedagógico três profissionais de duas escolas estaduais, atuantes no ensino fundamental e médio. Quanto ao exercício da profissão, uma exerce a 19 (dezenove) anos, outra a 13 (treze) e a última a 6 (seis). A construção deu-se com a organização do *corpus*, com enunciados sequenciais à numeração do sujeito diretor/diretor adjunto, recortados e agrupados de 215 a 315 pontuando e comparando espaço e tempo em relação a conceitos e acontecimentos, similaridade, gênero e respectivo discurso proferido. Houve a análise e detalhamento sobre o tema pesquisado, produzindo sentidos em relação ao discurso.

#### *Diferença de valores dos alunos de hoje em relação a sua época de aluno*

(215) “A escola era considerada mais importante, os professores mais valorizados”. (Q1. F1. P1. CO)

(217) “Os estudantes tinham respeito e as famílias eram parceiras da escola” (Q3. F1. P1. CO)

(216) “valores na atualidade estão esquecidos” (Q2. F1. P1. CO)

Ao confrontarmos valores do passado e presente sob a ótica do sujeito coordenador quando aluno, percebemos certo saudosismo, vejamos no recorte (215) “A escola era considerada mais importante, os professores mais valorizados”, tal qual no (217) “Os estudantes tinham respeito e as famílias eram parceiras da escola”, assim, a escola era considerada importante e fundamental, respeitada e valorizada, tanto quanto aqueles que a representavam diretamente: professores e funcionários técnico-administrativos; nesta linha tênue entendemos que esse respeito era proveniente tanto por parte dos estudantes como de seus familiares ou responsáveis legais. O discurso se apresenta de maneira incisiva no recorte (216) “valores na atualidade estão esquecidos”, ou seja, toda comunidade escolar se encontra na mesma conjuntura, não há respeito pelo próximo, pairando a dúvida se isso ocorre apenas na esfera horizontal, na vertical ou em ambas.

#### *Turma disciplinada*

(219) “tem respeito, procura ser proativo, tem bom relacionamento interpessoal, dedicado em suas responsabilidades”. (Q2. F1. P2. CO)

(218) “estudantes respeitam o professor, realizam todas as atividades propostas e se respeitam”. (Q1. F1. P2. CO)

(220) “cumprem regras” (Q3. F1. P2. CO)

Sucintamente, no conceito de turma disciplinada, encontramos como principal definição o respeito, vejamos: (219) “tem respeito, procura ser proativo, tem bom relacionamento interpessoal, dedicado em suas responsabilidades”, (218) “estudantes respeitam o professor, realizam todas as atividades propostas e se respeitam”, respeitar as diferenças, os sentimentos do outro, ter empatia; logo, no (220) “cumprem regras”, demonstra que paralelamente com o respeito, temos regras a serem cumpridas em sala de aula, as quais regulam as formas de agir na sala de aula.

*Indisciplina escolar na minha época*

(231) “Era muito menor” (Q1. F2. P6. CO)

(232) “realizavam as atividades propostas pelo professor e prestavam atenção em sua aula”. (Q1. F2. P6. CO)

(233) “era raro [...] o respeito era em primeiro lugar” (Q2. F2. P6. CO)

(234) “mantinham o respeito e cumpriam regras estabelecidas”. (Q3. F2. P6. CO)

*Turma indisciplinada*

(224) “viola e desobedece as regras” (Q3. F1. P3. CO)

(222) “Ocorrem brigas entre os estudantes”. (Q1. F1. P3. CO)

(221) “estudantes não realizam as atividades, não respeitam os professores”. (Q1. F1. P3. CO)

(223) “não adquiriram o interesse pelo estudo, pelo conteúdo [...] dificuldades com regras, limites [...] noção de valores” (Q2. F1. P3. CO)

*Violência na escola*

(225) “Atos que ferem o próximo, não só físicos, mas também sua saúde mental”. (Q1. F1. P4. CO)

(226) “falta de limites física, emocional” (Q2. F1. P4. CO)

*Violência escolar na minha época*

(237) “não se tinha” (Q2. F2. P7. CO)

(238) “Pouco se tinha” (Q3. F2. P7. CO)

(235) “de maneira reduzida”. (Q1. F2. P7. CO)

(236) “Não iam para a *internet*” (Q1. F2. P7. CO)

Ao confrontarmos turma indisciplinada sob o conceito atual e o de alguns anos atrás, temos o seguinte paralelo: antigamente (233) “era raro [...] o respeito era em primeiro lugar” e (231) “Era muito menor”, indicam que praticamente não existia indisciplina; (232) “realizavam as atividades propostas pelo professor e prestavam atenção em sua aula” e (234) “mantinham o respeito e cumpriam regras estabelecidas”, percebemos que o recorte nos passa a informação que em contrapartida às informações prestadas, os estudantes atualmente não realizam as atividades propostas, não prestam atenção às aulas, não têm mais respeito, sequer cumprem regras. Ratificando as análises, nos remetemos ao discurso de indisciplina na atualidade: (224) “viola e desobedece as regras”, (222) “Ocorrem brigas entre os estudantes”, (221) “estudantes não realizam as atividades, não respeitam os professores”, (223) “não adquiriram o interesse pelo estudo, pelo conteúdo [...] dificuldades com regras, limites [...]

noção de valores”, percebemos que o aumento da indisciplina com o passar dos anos é comprovada.

Quanto à violência na escola, seu conceito fica muito próximo ao *bullying*, nos recortes (225) “Atos que ferem o próximo, não só físicos, mas também sua saúde mental” e (226) “falta de limites física, emocional”, percebemos a prática de atos que ferem a integridade da saúde física e mental, porém não há relatos que essa ocorrência se dá de forma reiterada e intencional. Ainda, quanto a cronologia, reiteradamente declaram a não ocorrência, ou que ocorria de forma sutil no passado: (237) “não se tinha”, (238) “Pouco se tinha”, (235) “de maneira reduzida” e “Não iam para a *internet*”; quanto a *internet*, grande parcela da população não tinha acesso e as que tinham, não a utilizavam para denigrir o próximo.

#### *Agressividade na escola*

(230) “várias formas: ações físicas e agressões verbais” (Q3. F2. P5. CO)

(228) “Não só agressões físicas, mas também verbais (“apelidos” com os colegas, palavrões)” (Q1. F2. P5. CO)

(229) “é o não saber lidar com suas emoções [...] reflexo de como é tratado em seu próprio meio” (Q2. F2. P5. CO)

#### *Agressividade escolar na minha época*

(239) “maneira reduzida” (Q1. F2. P8. CO)

(242) “era conhecida como o que hoje chamamos de *bullying*, mais não sabíamos”. (Q3. F2. P8. CO)

(241) “verbal” (Q2. F2. P8. CO)

Quando o sujeito coordenador define agressividade, percebemos alto grau de similaridade ao *bullying*, configurando agressões físicas, verbais e apelidos tal qual, nos enunciados (230) “várias formas: ações físicas e agressões verbais”, “Não só agressões físicas, mas também verbais (“apelidos” com os colegas, palavrões)”, por fim relatam refletir a forma como esses estudantes são tratados, nos levando a crer que não há empatia no ser humano. Por fim, nos recortes referentes a épocas remotas, define a agressividade como o *bullying* propriamente dito, mas destaca que existia porém não se tinha noção disso. Vejamos: (242) “era conhecida como o que hoje chamamos de *bullying*, mas não sabíamos”, (241) “verbal” e (239) “maneira reduzida”, ainda que ocorresse com menor intensidade.

#### *Práticas violentas e o que é bullying escolar*

(245) “não há diferença”. (Q3. F2. P9. CO)

(243) “envolvem tanto o físico como o psicológico”. (Q1. F2. P9. CO)

(244) “acredito que sim, há uma diferença entre elas”. (Q2. F2. P9. CO)

#### *Bullying escolar*

(251) “através de ameaças e agressões psicológicas e verbais. [...] através dos ditos ‘apelidos’ [...] associados a padrões de beleza”. (Q3. F2. P11. CO)

(248) “atos de intimidação, violência, ameaças e agressões físicas ou psicológicas recorrentes”. (Q3. F2. P10. CO)

(247) “[...] a longo prazo provoca frustrações emocionais e psicológicas”. (Q2. F2. P10. CO)

(249) “estudantes estão em processo de transformação e características que fogem à regra”. (Q1. F2. P11. CO)

(253) “sim. Geralmente entre estudantes, que por muitas vezes são imaturos”. (Q2. F3. P12. CO)

(250) “sim. Constantemente” (Q2. F2. P11. CO)

Ao adentrarmos na análise sobre o que diferencia práticas violentas de *bullying* no ambiente escolar, no recorte (245) “não há diferença”, por envolverem agressões físicas e psicológicas, como relatado no enunciado (243) “envolvem tanto o físico como o psicológico”, percebemos uma tênue diferença, vejamos o fragmento (244) “acredito que sim, há uma diferença entre elas”, nos reporta à seguinte reflexão: de forma sutil é o *bullying* ocorrer de forma reiterada e a indisciplina ser casual e normalmente de forma não intencional.

Quanto ao *bullying* escolar, são inúmeras as formas da ocorrência desta prática entre estudantes: (251) “através de ameaças e agressões psicológicas e verbais. [...] através dos ditos ‘apelidos’ [...] associados a padrões de beleza”, (248) “atos de intimidação, violência, ameaças e agressões físicas ou psicológicas recorrentes” e (247) “[...] a longo prazo provoca frustrações emocionais e psicológicas”; os apelidos, ameaças, frustrações emocionais, compõem o *bullying* psicológico, aquele que afeta a vítima através da intimidação; a violência e as agressões físicas configuram o *bullying* físico, onde a vítima passa a apresentar hematomas e escoriações pelo corpo. O sujeito coordenador relata que esta prática muitas vezes se dá em razão das alterações físicas que ocorrem na adolescência, despertando o poder irônico e maldoso no agressor: (249) “estudantes estão em processo de transformação e características que fogem à regra”, (253) “sim. Geralmente entre estudantes, que por muitas vezes são imaturos” e infelizmente, afirma que isso ocorre de forma contínua, como podemos verificar no recorte (250) “sim. Constantemente”.

#### *Diferença da prática de bullying por meninos e meninas*

(271) “independente do sexo [...] verbal, psicológico e material. (Q3. F3. P17. CO)

#### *Bullying praticado por meninas*

(270) “as alunas [...] partem para o lado emocional, psicológico” (Q2. F3. P17. CO)

(267) “meninas... é por ciúmes... características positivas são motivo para a prática”. (Q1. F3. P17. CO)

(276) “pela colega ser alta, bonita, andar sempre arrumada” (Q2. F4. P19. CO)

(277) “gerando um determinado ‘ciúmes’ (Q2. F4. P19. CO)

(278) “foi físico, onde depois de alguns dias de *bullying* verbal as duas meninas partiram para agressões físicas, através de socos, tapas, chutes e outros mais”. (Q3. F4. P19. CO)

#### *Bullying praticado por meninos*

(269) “Alunos são menos cruéis” (Q2. F2. P17. CO)

(272) “tímido e acima do peso [...] chamando-o de gordo e gay”. (Q1. F3. P18. CO)

(268) “meninos... características do corpo... ou é mais fechado”. (Q1. F3. P17. CO)

(273) “meninos constrangendo outro menino, pelo seu modo de agir e falar e por considerar amizades mais femininas” (Q2. F3. P18. CO)

Fica claro que todas as formas de *bullying* são praticadas por ambos os sexos, tal qual descrito no enunciado (271) “independente do sexo [...] verbal, psicológico e material,

porém algumas ocorrem de maneira peculiar e com mais frequência pelo sexo feminino e outras pelo masculino, vejamos a seguir: no enunciado (269) “Alunos são menos cruéis”, evidencia nas entrelinhas que os meninos não são tão cruéis quanto as meninas; não agem com a maldade e a perversidade que elas agem; estas são dissimuladas, destilam seu veneno aos poucos, até que sua presa seja abatida. O foco das meninas é o lado emocional e psicológico; muitas vezes por ciúmes ante a beleza de uma colega que chama a atenção e se sobrepõe às demais, causando desconforto e gerando ciúme doentio em seus pares, como demonstrado nos recortes (277) “gerando um determinado ‘ciúmes’”, (267) “meninas... é por ciúmes... características positivas são motivo para a prática”, (270) “as alunas [...] partem para o lado emocional, psicológico”, (276) “pela colega ser alta, bonita, andar sempre arrumada”. Ainda, não comumente, nos deparamos com casos extremos onde, após alimentar a discórdia e ofensas verbais de forma reiterada, as meninas partem para agressões físicas: (184) “foi físico, onde depois de alguns dias de *bullying* verbal as duas meninas partiram para agressões físicas, através de socos, tapas, chutes e outros mais”.

Quanto aos meninos, o biotipo físico, forma de falar mais afeminada, delicada, a participação de grupos de meninas, o excesso de peso corporal e vice-versa, outras características físicas são o gatilho para despertar a inveja, a maldade e até mesmo o ódio de seus colegas, vejamos: (268) “meninos... características do corpo... ou é mais fechado”, (273) “meninos constrangendo outro menino, pelo seu modo de agir e falar e por considerar amizades mais femininas” e (272) “tímido e acima do peso [...] chamando-o de gordo e gay”. Desta maneira, a situação vai se agravando e culmina muitas vezes no pior, onde o menino acha pretextos para se esquivar dos demais.

*Bullying... das redes sociais para o mundo... cyberbullying*

(315) “Olhar atento para as redes sociais”. (Q1. F6. P33. CO)

(240) “a internet acaba ampliando as situações [...] levando para o mundo”. (Q1. F2. P8. CO)

(246) “a internet acaba amplificando as situações [...] tem se tornado maiores e fora do alcance da escola por esse motivo”. (Q1. F2. P10. CO)

(274) “*cyberbullying*, onde o menino gravou uma briga e jogou nas redes sociais”. (Q3. F3. P18. CO)

(227) “agressões físicas, verbais, materiais, *cyberbullying*, social e psicológica” (Q3. F1. P4. CO)

(252) “pela altura [...] foi para a internet com ‘memes’.” (Q1. F3. P12. CO)

(275) “*memes* [...] por ser mais alta e possuir o corpo de uma menina mais velha”. (Q1. F4. P19. CO)

A forma e a velocidade como o *bullying* se propaga através das redes sociais é muito preocupante. Sob a ótica do sujeito coordenador, é de suma importância o acompanhamento das postagens midiáticas, pois situações restritas e corriqueiras acabam viralizando, sem limites ou controle, estando acessíveis a grande parcela de internautas. Os recortes (215) “Olhar atento para as redes sociais”, (240) “a internet acaba ampliando as situações [...]

levando para o mundo” e (246) “a *internet* acaba amplificando as situações [...] tem se tornado maiores e fora do alcance da escola por esse motivo” evidenciam essa disseminação e suas consequências. O *cyberbullying* é praticado através da mídia e das tecnologias digitais, no momento que o agressor posta conteúdos para menosprezar e intimidar a vítima, tais como (274) “*cyberbullying*, onde o menino gravou uma briga e jogou nas redes sociais (227) “agressões físicas, verbais, materiais, *cyberbullying*, social e psicológica”, incluindo esta prática dentre todas as outras formas da prática do *bullying*. Também comumente utilizados pela juventude, temos os *memes*, configurando e satirizando imagens, informações maldosas e até alterações humorísticas da vítima, como observamos no recorte (275) “*memes* [...] por ser mais alta e possuir o corpo de uma menina mais velha”, onde o biotipo da vítima é alvo do agressor, ainda o (252) “pela altura [...] foi para a *internet* com ‘*memes*’”, satirizando a estatura elevada.

*Bullying* na esfera horizontal: entre professores e destes em relação ao corpo técnico administrativo

(290) “nunca presenciei” (Q1. F4. P23. CO)

(291) “Nunca presenciei” (Q2. F4. P23. CO)

(301) “Nunca presenciei” (Q2. F5. P27. CO)

(300) “deixa de ser um ambiente tranquilo. A produtividade diminui”. (Q1. F5. P27. CO)

Em relação à prática do *bullying* na esfera horizontal - com o mesmo nível hierárquico temos o seguinte panorama entre professores ou entre eles e o corpo técnico-administrativo: enunciados (290), (291) e (301) “nunca presenciei”, afirmam não ter presenciado, logo supomos não ocorrer, até que no recorte (300) “deixa de ser um ambiente tranquilo. A produtividade diminui”, percebemos a sua ocorrência e como esta abala o desempenho do serviço prestado pela vítima e afeta o ambiente de trabalho.

*Bullying* na esfera vertical: entre professores e destes em relação a coordenação pedagógica e direção

(299) “Não vejo”. (Q3. F5. P26. CO)

(293) “Nunca presenciei” (Q2. F4. P24. CO)

(294) “não está aberto” (Q3. F4. P24. CO)

(296) “Nunca presenciei” (Q2. F4. P25. CO)

(297) “nunca presenciei” (Q1. F5. P26. CO)

(298) “Nunca presenciei” (Q2. F5. P26. CO)

(198) “nunca presenciei, mas acho que sim” (Q1. F4. P24. CO)

(295) “nunca presenciei, mas acho que sim” (Q1. F4. P25. CO)

O mesmo ocorre na esfera vertical - relação de professores com seus superiores hierárquicos: coordenadores pedagógicos e direção. Na análise do relato (299) “Não vejo”, acreditamos que não exista, logo, não o vemos, aparecendo reiteradamente nas afirmações:

“nunca presenciei”, dos enunciados (293), (296), (297) e (298), porém, de forma veemente, apesar da afirmação de não ter presenciado, os recortes (292) e (295) “nunca presenciei, mas acho que sim”, (200) “não está aberto”, deixam claro que deve ocorrer de forma velada.

*Comportamento do espectador em caso de bullying entre professores, técnico-administrativos, coordenação pedagógica e direção*

(313) “não sei” (Q1. F6. P32. CO)

(314) “Nunca presenciei”. (Q2. F6. P32. CO)

Na mesma vertente e de forma coerente, como relatam não ter presenciado a prática de *bullying* entre profissionais escolares, afirmam também não saber ou não ter presenciado tal prática enquanto espectadores tal qual transparece nos recortes (313) “não sei” e (314) “Nunca presenciei”.

*Possibilidade de redução ou prevenção dos casos de bullying entre professores, técnico-administrativos, coordenação pedagógica e direção*

(309) “Nunca presenciei” (Q2. F5. P30. CO)

(308) “lidar com adulto é mais difícil” (Q1. F5. P30. CO)

*Como resolver casos de bullying entre professores, técnico-administrativos, coordenação pedagógica e direção*

(303) “Nunca presenciei” (Q2. F5. P28. CO)

(304) “não se detectou”. (Q3. F5. P28. CO)

(302) “conversa e orientação”. (Q1. F5. P28. CO)

Quanto à postura da instituição escolar em relação à prevenção ou redução dos casos de *bullying* entre profissionais no ambiente de trabalho, o discurso (309) “Nunca presenciei” é pontual; assim, o sujeito coordenador frisa que (308) “lidar com adulto é mais difícil”, ou seja, apesar de ser mais elevada a incidência de casos de *bullying* entre os alunos, ainda sim, os poucos casos identificados entre profissionais, geram maior desconforto para serem sanados. Ao detectar a prática do *bullying* em ambas as esferas, nos recortes (303) “Nunca presenciei” e (304) “não se detectou”, reiteram a mensagem da não ocorrência dessa prática e caso ocorram, as tratativas se resumem em diálogo e conselhos, nada, além disso, como podemos identificar de forma expressa no enunciado (302) “conversa e orientação”.

*Prevenção, mediação e tratativas da prática do bullying escolar*

(258) “com ações, estratégias para conscientização”. (Q2. F3. P14. CO)

(257) “Conscientização [...] olhar mais atento da escola”. (Q1. F3. P14. CO)

(264) “realizado um trabalho (conversa) individual” (Q2. F3. P16. CO)

(282) “chamados para diálogo” (Q3. F4. P20. CO)

(266) “chamados para um diálogo e conscientização do seu ato”. (Q3. F3. P16. CO)

(280) “Conversa particular com o estudante e família” (Q2. F4. P20. CO)

(279) “diálogo com o estudante e principalmente com sua família”. (Q1. F4. P20. CO)

(263) “Conversa com o estudante e seus responsáveis [...] são aplicadas as punições previstas no regimento escolar”. (Q1. F3. P16. CO)

(259) “campanhas, palestras de conscientização, união da família com a escola, apoio emocional” (Q3. F3. P14. CO)

- (265) “coloca-se em prática o que rege o Regimento Escolar”. (Q2. F3. P16. CO)  
 (281) “Registro de ocorrências, aplicando ações do Regimento Escolar” (Q2. F4. P20. CO)  
 (283) “Punição conforme o regimento da escola”. (Q3. F4. P20. CO)

Por ser no ambiente escolar que crianças e adolescentes passam grande parte do seu dia, os profissionais da educação em conjunto com as famílias, buscam identificar, prevenir e mediar a prática do *bullying*. Quanto a prevenção, nos enunciados (258) “com ações, estratégias para conscientização”, (257) “Conscientização [...] olhar mais atento da escola”, (264) “realizado um trabalho (conversa) individual” e (282) “chamados para diálogo”, descrevem o trabalho realizado para que se previna essa prática que a cada dia se intensifica, quer seja através de conscientização, relatando os prós e contras ao tomarem certas atitudes, conscientização de que suas atitudes podem configurar crime e, caso sejam os estudantes menores, seus pais responderão pelo delito, ainda, acolhimento dos funcionários da escola, dando importância aos relatos da ocorrência de *bullying* no ambiente escolar.

A partir do momento que os gestores escolares tomam conhecimento, conforme o enunciado, os pais ou responsáveis legais são (266) “chamados para um diálogo e conscientização do seu ato”, os estudantes de forma individual, são conduzidos para uma conversa, onde a intenção se restringe em conscientização da negatividade dos atos praticados por eles, na sequência ocorre uma (280) “Conversa particular com o estudante e família” e (279) “diálogo com o estudante e principalmente com sua família”, ou seja, quando estudante menor, a família é chamada à escola, informada a respeito da infração cometida e em seguida a evolução se dá para (259) “campanhas, palestras de conscientização, união da família com a escola, apoio emocional”; essas campanhas são de prevenção, conscientização, referentes ao apoio que a família pode prestar tanto ao agressor, à vítima, ao espectador e até mesmo para outros estudantes que estejam envolvidos direta ou indiretamente nesta prática.

Por fim ocorre a aplicação das normas a serem seguidas no âmbito escolar, tal qual consta nos enunciados (265) “coloca-se em prática o Regimento Escolar”, (281) “Registro de ocorrências, aplicando ações do Regimento Escolar” e, só então quando esgotadas todas as possibilidades, ocorre a punição (283) “Punição conforme o regimento da escola”.

*Relatos da ocorrência da prática de bullying escolar*

- (256) “pela própria vítima ou algum colega próximo”. (Q3. F3. P13. CO)  
 (255) “através de professores, pais e do próprio aluno”. (Q2. F3. P13. CO)  
 (254) “pelos pais [...] redes sociais”. (Q1. F3. P13. CO)

Apesar de todos conhecerem o ambiente escolar muitas informações podem passar despercebidas, especialmente sobre a prática de *bullying*. Normalmente, se tem conhecimento

dos fatos, conforme elucidado pelos enunciados (256) “pela própria vítima ou algum colega próximo” e (255) “através de professores, pais e do próprio aluno”; e a escola passa ter consciência do delito através da própria vítima, quando se sente encorajada, por algum colega próximo que toma as dores e sai em busca de socorro e providências, ainda por professores, conforme apresentado no recorte (254) ou “pelos pais [...] redes sociais”, quando os pais, ao perceberem no filho reações adversas à normalidade ou terem conhecimento através das redes sociais, buscam auxílio na escola através da gestão escolar.

*Identificação da prática bullying - agressor*

(260) “pode ser qualquer um”. (Q1. F3. P15. CO)

(261) “Sim [...] geralmente age da mesma forma”. (Q2. F3. P15. CO)

(262) “o aluno que pratica *bullying* procura alguém que seja diferente daquilo que eles tem como normais”. (Q3. F3. P15. CO)

*Consequências nas vítimas de bullying em sala de aula*

(289) “Piora no desempenho escolar, solidão, crises de ansiedade e depressão”. (Q3. F4. P22. CO)

(287) “o rendimento em sala de aula diminui, [...] mais calados [...] prática de *bullying* com outros colegas”. (Q1. F4. P22. CO)

(288) “emocionais e psicológicas [...] transtornos psicológicos, baixa estima, ansiedade” (Q2. F4. P22. CO)

Essas condutas intencionais e reiteradas entre alunos podem ser identificadas no ambiente que os rodeia; primeiramente os profissionais da educação devem ter em mente que qualquer pessoa pode configurar como agressor (260) “pode ser qualquer um”, ainda não há diversidade na forma de agir, comumente mantém a forma de agir (261) “Sim [...] geralmente age da mesma forma” e os principais alvos são estudantes que apresentam algo incomum, chamam a atenção ou se destacam pela beleza ou pelo biotipo diferenciado (262) “o aluno que pratica *bullying* procura alguém que seja diferente daquilo que eles tem como normais”.

São muitos os reflexos dos traumas passados pela vítima, podendo lhe acompanhar por longos anos, mas um dos primeiros indicativos é a sala de aula, caindo seu desempenho, ausentando-se, tendo crises de ansiedade e solidão, ou seja, o estudante evita se aproximar de colegas ou participar de grupos, vejamos: (289) “Piora no desempenho escolar, solidão, crises de ansiedade e depressão”, (287) “o rendimento em sala de aula diminui, [...] mais calados [...] prática de *bullying* com outros colegas”, desta maneira a vítima pode passar a figurar no papel de agressor tentando se vingar de seus desafetos com outras vítimas que não tem vínculo algum com a situação e por fim (288) “emocionais e psicológicas [...] transtornos psicológicos, baixa estima, ansiedade”, são desencadeadas crises emocionais, como ansiedade, falta de autoconfiança e abalo psicológico.

*Redução ou prevenção dos casos de bullying na escola*

- (284) “acolhidos”. (Q1. F4. P21. CO)  
 (286) “atendidos de forma amigável” (Q3. F4. P21. CO)  
 (285) “Orientação à vítima e família” (Q2. F4. P21. CO)  
 (305) “através da conscientização”. (Q1. F5. P29. CO)  
 (307) “Programas de conscientização”. (Q3. F5. P29. CO)  
 (306) “palestras, ações pedagógicas”. (Q2. F5. P29. CO)

Posto isto serão implementadas formas de acolhimento, orientação, conscientização, tanto à vítima, ao agressor e aos familiares, não partindo em momento algum para a agressividade ou condenação, principalmente do agressor, como relatado nos recortes (286) “atendidos de forma amigável”, (284) “acolhidos”, (305) “através da conscientização” (285) “Orientação à vítima e família” e no decorrer do ano letivo, programas de conscientização são desenvolvidos, através de palestras e outras ações pedagógicas: (307) “Programas de conscientização” e (306) “palestras, ações pedagógicas”.

#### *Comportamento dos espectadores*

- (312) “costumam tomar partido de alguma das partes”. (Q3. F5. P30. CO)  
 (311) “chama a atenção [...] não tem nenhuma reação”. (Q2. F5. P310. CO)  
 (310) “acolhendo e entendendo”. (Q1. F5. P31. CO)

Quanto aos espectadores, normalmente tomam partido de A ou B, assim lhes é chamada a atenção e na sequência são acolhidos e após muito diálogo são reintegrados no ambiente escolar tal qual os recortes apresentados a seguir: (312) “costumam tomar partido de alguma das partes”, (311) “chama a atenção [...] não tem nenhuma reação” e (310) “acolhendo e entendendo”.

### 3.4 DISCURSO DO PSICÓLOGO

Quanto ao processo de análise do sujeito psicólogo, os recortes foram organizados do enunciado 316 ao 415, também foram destacados oposição, similaridade, temporalidade, salientando que três psicólogas responderam os questionários, das quais, uma com 7 (sete) anos de experiência, outra com 17 (dezessete) e por fim uma com 38 (trinta e oito), sendo muito enriquecedor o detalhamento, propiciando uma análise aprofundada sobre o tema.

Dentre a riqueza de detalhes pesquisados, foram coletadas informações sobre a escolha da profissão de psicólogo.

#### *Como se deu a escolha da profissão de psicólogo*

- (318) “sempre tive interesse em compreender o comportamento humano. Essa profissão é muito gratificante para quem se preocupa com o bem estar do outro.” (Q3. F1. P1. PS)  
 (317) “Desde o Ensino Médio me interesse pela psicologia [...] comecei Psicologia em 2010 e com certeza foi a melhor escolha.” (Q2. F1. P1. PS)

(316) “Lendo o manual das inscrições no vestibular sobre as profissões. Achei características parecidas comigo e resolvi arriscar.” (Q1. F1. P1. PS)

Todas, de forma pontual, destacam o amor pela psicologia, motivo pelo qual foram motivadas a escolhê-la como profissão. Vejamos: (318) “sempre tive interesse em compreender o comportamento humano. Essa profissão é muito gratificante para quem se preocupa com o bem estar do outro”, destaca a empatia pelo ser humano, seu bem estar, a compreensão aliada ao comportamento para ajudar ao ser humano melhor compreender a si mesmo. No recorte (317) “Desde o Ensino Médio me interesse pela psicologia [...] comecei Psicologia em 2010 e com certeza foi a melhor escolha.” (Q2. F1. P1. PS), o destaque se dá quando declaradamente o sujeito enaltece ter sido sua melhor escolha, assim, não restam dúvidas que nunca se arrependeu e se sente realizada com sua profissão. No último recorte analisado, há o relato da ponderação de características da profissional, seu perfil, conforme orientação vocacional constante no manual de vestibular, havendo se identificado com a Psicologia e sendo direcionada a optar por esta profissão: (316) “Lendo o manual das inscrições no vestibular sobre as profissões. Achei características parecidas comigo e resolvi arriscar.”

Definição de *bullying* pela Psicologia

(333) “*Bullying* é uma prática sistemática e repetitiva de atos de violência física e psicológica de uma pessoa ou grupo contra um indivíduo.” (Q3. F2. P6. PS)

(331) “São atos de violência física, psicológica ou sexual que se repetem de forma de perseguição por um tempo determinado que atinge e abala a vítima gerando muitas vezes psicopatas com a ansiedade, depressão e às vezes pensamentos suicidas.” (Q1. F2. P6. PS)

(332) “É uma forma de agressão/violência praticada por uma pessoa ou um grupo de pessoas contra um indivíduo. Essa violência pode ser física ou verbal e gera sofrimento à vítima.” (Q2. F2. P6. PS)

De forma sucinta descrevem o que é *bullying* e de forma harmoniosa destacam a prática repetitiva e reiterada de agressão física e psicológica: (333) “*Bullying* é uma prática sistemática e repetitiva de atos de violência física e psicológica de uma pessoa ou grupo contra um indivíduo” e (331) “São atos de violência física, psicológica ou sexual que se repetem em forma de perseguição por um tempo determinado que atinge e abala a vítima gerando muitas vezes psicopatas e desencadeando ansiedade, depressão e às vezes pensamentos suicidas”; no último recorte há o destaque para a violência sexual, a qual também pode desencadear a psicopatia na vítima e até pensamentos suicidas. Por fim o enunciado (332) “É uma forma de agressão/violência praticada por uma pessoa ou um grupo de pessoas contra um indivíduo. Essa violência pode ser física ou verbal e gera sofrimento à vítima”, desta forma destaca a prática que pode se dar de forma individual ou em grupo.

*Vias pelas quais os pacientes vítimas de bullying chegam ao consultório*

(401) “Os adultos voluntariamente, mas atualmente me deparo com as situações de *bullying* nas escolas.” (Q2. F7. P24. PS)

(400) “Geralmente os pais tem buscado ajuda, pois os filhos ficam chorosos e relatam o desejo de se matar. Os pais tentam resolver mas não conseguem.” (Q1. F7. P24. PS)

(402) “Como estou sempre no ambiente escolar algumas queixas chegam pelas próprias crianças além daquelas encaminhadas pela coordenação.” (Q3. F7. P24. PS)

Em busca de amenizar suas dores ou buscar auxílio, normalmente os adultos buscam ajuda: (401) “Os adultos voluntariamente, mas atualmente me deparo com as situações de *bullying* nas escolas”, porém quando nos referimos a crianças e adolescentes, este auxílio vem do grupo familiar, que após tentativas infrutíferas de acalmar a vítima, buscam auxílio psicológico para o enfrentamento do problema, tal qual no relato: (400) “Geralmente os pais tem buscado ajuda, pois os filhos ficam chorosos e relatam o desejo de se matar. Os pais tentam resolver mas não conseguem”; nas escolas que contam com o profissional da área da psicologia, os próprios estudantes levam suas queixas à coordenação pedagógica ou diretamente ao psicólogo.

*Quanto ao atendimento de:*

*Criança e adolescente vítimas de bullying*

(320) “Nunca atendi.” (Q2. F1. P2. PS)

(319) “Sim. Não são muitas, mas às vezes sou procurada pelos pais.” (Q1. F1. P2. PS)

*Pessoas jovens e adultas vítimas de bullying*

(322) “Adultos são meus alvos de atendimentos e as demandas pelos atendimentos a adolescentes tem aumentado, principalmente após a pandemia.” (Q1. F2. P3. PS)

(324) “Atendo jovens e adultos em psicoterapia que apresentam ansiedade, depressão, traumas, *stress* entre outros.” (Q3. F2. P3. PS)

(323) “Sim, faço atendimento clínico com jovens e adultos desde 2019”. (Q2. F2. P3. PS)

*Estudantes vítimas de bullying*

(329) “Sim.” (Q2. F2. P5. PS)

(330) “Sim.” (Q3. F2. P5. PS)

(328) “Somente um caso específico, porém só foram 3 sessões.” (Q1. F2. P5. PS)

O índice de crianças e adolescentes vítimas de *bullying* atendidas por psicólogos, não é elevado, uma das entrevistadas relata nunca ter prestado atendimento: (320) “Nunca atendi.” A outra discorre que os atendimentos não são muitos e normalmente são os pais que buscam este auxílio: (319) “Sim. Não são muitas, mas às vezes sou procurada pelos pais”.

Porém, ao serem questionadas sobre o atendimento de jovens e adultos, a realidade apresentada é outra: (322) “Adultos são meus alvos de atendimentos e as demandas pelos atendimentos a adolescentes tem aumentado, principalmente após a pandemia”; ficando claramente demonstrado, que esse número de atendimentos elevou-se pós pandemia e que a amplitude dos sintomas do *bullying*, vai muito além, vejamos: (324) “Atendo jovens e

adultos em psicoterapia que apresentam ansiedade, depressão, traumas, *stress* entre outros”, ou seja, muitos destes decorrentes de *bullying*, outros não. Uma das entrevistadas apenas afirma atender essa clientela: (323) “Sim, faço atendimento clínico com jovens e adultos desde 2019”.

Todas afirmam prestar atendimento a estudantes vítimas de *bullying*: (329) “Sim.”, (330) “Sim.” e no recorte (328) “Somente um caso específico, porém só foram 3 sessões”, neste terceiro recorte, encontramos o relato de poucas sessões prestadas para o atendimento de vítimas estudantes.

*Nível de ocorrência de bullying no ambiente escolar que recebe em seu consultório*

*Aluno - aluno*

(410) “O mais frequente dos casos são entre os próprios estudantes.” (Q2. F7. P27. PS)

(409) “Mais comum, porem percebo que é mais fácil de se resolver.” (Q1. F7. P27. PS)

*Administrativo - professor / professor - administrativo*

(414) “Nenhum.” (Q1. F7. P27. PS)

*Aluno - professor / professor - aluno*

(412) “Já peguei, mais complicado pois gera mais danos à identidade.” (Q1. F7. P27. PS)

*Professor - diretor / diretor - professor*

(413) “Nenhum- mas críticas de não saber lidar com a situação.” (Q1. F7. P27. PS)

Seguramente, sob a ótica do sujeito psicólogo o nível de ocorrência na esfera horizontal entre alunos ocorre com frequência e apresenta certa facilidade de resolução: (410) “O mais frequente dos casos são entre os próprios estudantes” e (409) “Mais comum, porem percebo que é mais fácil de se resolver”.

Oportunamente, ainda nesta esfera, entre administrativo - professor e vice-versa, não há relatos de ocorrência: (414) “Nenhum”.

Da mesma forma, na esfera vertical, entre aluno - professor e vice-versa, conforme o recorte: (412) “Já peguei, mais complicado pois gera mais danos à identidade”, apresenta maiores dificuldades de resolução, pois a identidade do estudante acaba sendo afetada e este passa a não mais acreditar em seu potencial e perde sua auto-estima.

Ainda na esfera vertical, entre professor-diretor e vice-versa, não há relatos, porém nas entrelinhas percebe-se ocorrer, pelo fato de declarar a dificuldade de saber lidar com a situação: (413) “Nenhum- mas críticas de não saber lidar com a situação”.

*Questões narradas em seus atendimentos dos casos de bullying*

(343) “Joguinhas mentais, que afetam a identidade e a autoestima. Apelidos e obrigam a vítima a burlar regras e se comportarem mal. Agressões físicas. Crises de ansiedade, isolamento social, medo de ficar sozinho, pensamentos suicidas, pesadelos.” (Q1. F3. P8. PS)

(345) “Eles manifestam sentimentos de raiva e medo referentes ao agressor e desmotivação escolar.” (Q3. F3. P8. PS)

(344) “Já ouvi de uma criança que reprovou que os colegas a chamavam de burra. Vejo mais questões relacionadas a preconceitos como gordofobia, racismo e homofobia.” (Q2. F3. P8. PS)

Conforme relatos são inúmeras as formas de intimidação à vítima de *bullying*, tais como: (343) “Joguinhas mentais, que afetam a identidade e a autoestima. Apelidos e obrigam a vítima a burlar regras e se comportarem mal. Agressões físicas. Crises de ansiedade, isolamento social, medo de ficar sozinho, pensamentos suicidas, pesadelos”, causando sequelas gravíssimas inclusive induzindo a vítima ao pensamento suicida, dentre outras, vejamos: (345) “Eles manifestam sentimentos de raiva e medo referentes ao agressor e desmotivação escolar”. Relato de preconceito em relação ao peso, cor, raça, opção sexual, desmotivando totalmente a vítima de sua vida: (344) “Já ouvi de uma criança que reprovou, que os colegas a chamavam de burra. Vejo mais questões relacionadas a preconceitos como gordofobia, racismo e homofobia”. Enfim, consequências desastrosas à personalidade do ser humano, as quais se não forem devidamente acompanhadas e tratadas com sua devida atenção, com o passar do tempo poderão fatalmente desencadear traumas eternos.

#### *Conhecimento de casos de bullying*

(325) “Raros. Alguns relatam algum tipo de *bullying* na infância, mas nada que encaixe 100% somente traços a parte da repetição e perseguição não. Casos de abusos são mais frequentes.” (Q1. F2. P4. PS)

(327) “Como psicóloga educacional procuro identificar os casos de *bullying* e promover as intervenções necessárias no enfrentamento e prevenção do mesmo.” (Q3. F2. P4. PS)

(326) “já recebi relatos e já atendi adultos com marcas profundas devido ao *bullying* na infância.” (Q2. F2. P4. PS)

Ao passo que em relação aos casos de *bullying*, todas relatam terem conhecimento, uma destaca não se configurar propriamente ao *bullying*, mas a casos de abusos com certa frequência e nível de perseguição que se encaixam na tipicidade do mesmo: (325) “Raros. Alguns relatam algum tipo de *bullying* na infância, mas nada que encaixe 100% somente traços a parte da repetição e perseguição não. Casos de abusos são mais frequentes”, outros enunciados onde há o destaque da identificação, mas não através de denúncia realizada por outro estudante: (327) “Como psicóloga educacional procuro identificar os casos de *bullying* e promover as intervenções necessárias no enfrentamento e prevenção do mesmo” e por fim o recorte que de maneira enfática demonstra as sequelas causadas pelo *bullying* escolar, especialmente na infância, onde o ser humano encontra-se em fase de formação: (326) “já recebi relatos e já atendi adultos com marcas profundas devido ao *bullying* na infância”.

*Perfil do estudante vítima de bullying*

(346) “Geralmente os que tem aparência de dócil, gordinhos. Os mais inteligentes. Neste caso específico um menino de classe média.” (Q1. F3. P9. PS)

(347) “Geralmente são os estudantes mais vulneráveis emocionalmente. O agressor faz uma vez e percebe que a vítima é ou está vulnerável e se aproveita da situação.” (Q2. F3. P9. PS)

(348) “Geralmente o estudante é retraído no âmbito escolar e familiar, inseguro, baixa autoestima e emotivo (choro fácil).” (Q3. F3. P9. PS)

(321) “apresentam dificuldades cognitivas, emocionais e comportamentais.” (Q3. F1. P2. PS)

Normalmente o perfil do estudante que sofre *bullying* no ambiente escolar não diverge. Os perseguidos são os ditos bonzinhos, obesos, inteligentes ou retraídos (346) “Geralmente os que tem aparência de dócil, gordinhos. Os mais inteligentes. Neste caso específico um menino de classe média”, ainda aqueles que apresentam baixa estima emocional e se deixam abalar facilmente: inseguros, emotivos, dóceis: (347) “Geralmente são os estudantes mais vulneráveis emocionalmente. O agressor faz uma vez e percebe que a vítima é ou está vulnerável e se aproveita da situação” e (348) “Geralmente o estudante é retraído no âmbito escolar e familiar, inseguro, baixa autoestima e emotivo (choro fácil)”, os que apresentam certas dificuldades para o aprendizado e se emocionam e choram facilmente: (321) “apresentam dificuldades cognitivas, emocionais e comportamentais”, ou seja, a vítima necessariamente deve ser uma presa fácil e vulnerável, facilitando assim a ação do agressor.

*Perfil do estudante agressor*

(350) “são os mais valentões e populares da turma.” (Q2. F3. P10. PS)

(349) “são meninos de vila, repetente e que é negligenciado, fica sozinho, solto, sem a presença dos pais, principalmente e mãe trabalha muito e não tem tempo.” (Q1. F3. P10. PS)

(351) “demonstra hostilidade, parece não se importar com o mal que pratica e nem com o sofrimento de sua vítima.” (Q3. F3. P10. PS)

Seguramente os recortes sobre o estudante agressor são pontuais, nos remetendo a agressividade e valentia, atreladas a negligência familiar na sua criação e em seu acompanhamento escolar: (350) “são os mais valentões e populares da turma”, (349) “são meninos de vila, repetente e que é negligenciado, fica sozinho, solto, sem a presença dos pais, principalmente e mãe trabalha muito e não tem tempo”; além da hostilidade, não tem empatia pelo próximo, lhe causando o mal e não se importando pelo sofrimento causado (351) “demonstra hostilidade, parece não se importar com o mal que pratica e nem com o sofrimento de sua vítima”.

*Perfil dos espectadores do bullying*

(393) “são os que assistem e não fazem nada pois têm medo de que possam sofrer *bullying* no futuro.” (Q2. F6. P21. PS)

(394) “São passivos, inseguros, amedrontados, não se posicionam, portanto não possuem estratégias de enfrentamento.” (Q3. F6. P21. PS)

(392) “Apatia, por não saber o que fazer não falam nada e por medo de serem alvos, Às vezes se juntam p/ agredir p/ não serem agredidos (alvos).” (Q1. F6. P21. PS)

Sem dúvida, os espectadores do *bullying* temem ser a próxima vítima, posto isto, nada fazem (393) “são os que assistem e não fazem nada pois têm medo de que possam sofrer *bullying* no futuro”, ainda, apresentam (392) “Apatia, por não saber o que fazer não falam nada e por medo de serem alvos, às vezes se juntam p/ agredir p/ não serem agredidos (alvos)”, (394) “São passivos, inseguros, amedrontados, não se posicionam, portanto não possuem estratégias de enfrentamento”, da mesma forma, agem de forma pacífica, como se nada tivesse acontecendo, pois a insegurança lhes toma conta, fazendo com que se sintam amedrontados e acovardados pela situação.

*Diferença entre bullying e indisciplina escolar:*

(334) “*Bullying* se caracteriza por uma perseguição a vítima, sua humilhação a indisciplina seria a quebra de normas e regras.” (Q1. F2. P7a. PS)

(336) “A indisciplina se refere a comportamentos que violam as normas fixadas pela escola e pode atingir a todos nesse contexto. O *bullying* se refere à prática de violência de uma pessoa ou grupo contra um indivíduo.” (Q3. F2. P7. PS)

(335) “Uma criança indisciplinada é aquela que não obedece as regras, desrespeita os colegas e professores. Já o *bullying* é o ato de agressão contra o colega.” (Q2. F2. P7. PS)

Sem dúvida as diferenças pontuadas entre *bullying* e indisciplina escolar são de fácil entendimento: o *bullying* configura a perseguição, agressão de forma reiterada, já a indisciplina é resumidamente a quebra das regras, normas, violação de tudo o que deve ser respeitado no ambiente escolar. De forma transparente os enunciados os definem: (334) “*Bullying* se caracteriza por uma perseguição a vítima, sua humilhação a indisciplina seria a quebra de normas e regras” e (336) “A indisciplina se refere a comportamentos que violam as normas fixadas pela escola e pode atingir a todos nesse contexto. O *bullying* se refere à prática de violência de uma pessoa ou grupo contra um indivíduo”, ainda o recorte (335) “Uma criança indisciplinada é aquela que não obedece as (*sic*) regras, desrespeita os colegas e professores. Já o *bullying* é o ato de agressão contra o colega”, relata a postura de uma criança ante a indisciplina e a prática do *bullying*.

*Diferença entre bullying e Violência*

(337) “Estão muito atreladas, pode ter no *bullying* violência física, psicológica e até virtual que vão deformando a vítima e sua personalidade.” (Q1. F2. P7b. PS)

(339) “*bullying* é um tipo de violência que tem características próprias como a emissão de um comportamento intencional e repetitivo.” (Q3. F2. P7. PS)

(338) “*Bullying* é um tipo de violência praticado contra alguém por uma característica física, emocional...” (Q2. F2. P7. PS)

Nos três recortes, percebemos que *bullying* e violência encontram-se intrinsecamente ligados, um complementa o outro, tanto que o *bullying* é definido como um tipo de violência: (337) “Estão muito atreladas, pode ter no *bullying* violência física, psicológica e até virtual que vão deformando a vítima e sua personalidade”, (339) “*bullying* é um tipo de violência que tem características próprias como a emissão de um comportamento intencional e repetitivo.”, o que o diferencia da violência é a constância da prática violenta, sua repetição e intencionalidade. Ainda, (338) “*Bullying* é um tipo de violência praticado contra alguém por uma característica física, emocional...”. Logo, percebemos que o *bullying* traz consigo características próprias, determinantes para a consecução da prática.

#### Diferença entre *bullying* e agressividade

(342) “No *bullying* o comportamento tem a intenção de provocar sofrimento, desigualdade e repetição levando a ridicularização de característica física, psíquica e comportamental da vítima. Na agressividade o comportamento agressivo acontece no contexto geral de maneira pluri, auto e multi direcionado.” (Q3. F3. P7. PS)

(340) “No *bullying* a agressividade é sutil, atrelada a brincadeira, é constante. Às vezes é privada, bem direcionada somente a vítima.” (Q1. F3. P7c. PS)

(341) “A agressividade faz parte do *bullying*, mas o agressor/agressores praticam contra uma única pessoa, a agressividade é voltada para uma única vítima.” (Q2. F3. P7. PS)

Para uma das entrevistadas o *bullying* é um comportamento específico, repetitivo onde a ridicularização da vítima é fator preponderante; já o conceito de agressividade está totalmente desvinculado dele, ocorrendo de maneira generalizada: (342) “No *bullying* o comportamento tem a intenção de provocar sofrimento, desigualdade e repetição levando a ridicularização de característica física, psíquica e comportamental da vítima. Na agressividade o comportamento agressivo acontece no contexto geral de maneira pluri, auto e multi direcionado”. Por fim, nos recortes: (340) “No *bullying* a agressividade é sutil, atrelada a brincadeira, é constante. Às vezes é privada, bem direcionada somente a vítima” e (341) “A agressividade faz parte do *bullying*, mas o agressor/agressores praticam contra uma única pessoa, a agressividade é voltada para uma única vítima”, a agressividade se encontra inserida no contexto do *bullying*, apenas o que os diferencia, é a constância e o direcionamento específico à vítima.

*Psicossomático*

(353) “Mãos suadas, náuseas e vômitos, dor de cabeça, dor abdominal, ansiedade, alterações do sono.” (Q3. F4. P11.

(352) “crianças que possuem dificuldade de falar, que sofrem sozinhas.” (Q2. F4. P11. PS)

*Transtorno do Pânico*

(354) “Medo constante de ficar sozinho, andar sozinho, sair sozinho, e de ir a escola, medo de falar e se expressar.” (Q1. F4. P11. PS)

(355) “Geralmente acontece na escola - palpitações, dor no peito, dor de cabeça, transpiração, falta de ar, náusea.” (Q3. F4. P11. PS)

Diversos sintomas refletem a angústia pela qual a vítima passa ao ser exposta à prática do *bullying*, dentre eles, temos o psicossomático, reunindo corpo e mente e culminando, nos mais variados sintomas, quer seja: (353) “Mãos suadas, náuseas e vômitos, dor de cabeça, dor abdominal, ansiedade, alterações do sono”, também (352) “crianças que possuem dificuldade de falar, que sofrem sozinhas”.

Do mesmo modo pode ser desencadeado o Transtorno do Pânico. A vítima é acometida de um mal-estar intenso, acompanhado por crises de ansiedade, apresentando: (354) “Medo constante de ficar sozinho, andar sozinho, sair sozinho, e de ir a escola, medo de falar e se expressar”, fica de certa forma neutralizada, tamanho o pânico que sente apenas em pensar em fazer algo ou ir há algum lugar. Essas crises comumente são desencadeadas no ambiente escolar, tal qual demonstrado no enunciado (355) “Geralmente acontece na escola - palpitações, dor no peito, dor de cabeça, transpiração, falta de ar, náusea”.

*Fobia escolar*

(357) “Alguns adolescentes/crianças ficam com medo de ir para escola e sofrer alguma agressão ou humilhação.” (Q2. F4. P11. PS)

(358) “Medo e/ou ansiedade frente a qualquer aspecto relacionado a escola com duração de seis meses ou mais.” (Q3. F4. P11. PS)

(356) “Solicita mudar de escola e de sala, crise todo início de ano letivo, pois quer estudar com quem está acostumado”. (Q1. F4. P11. PS)

Certamente, a fobia escolar é o pânico que o estudante vítima do *bullying*, sente, ao imaginar que tem de ir a escola e conseqüentemente se submeter a inúmeras agressões: (357) “Alguns adolescentes/crianças ficam com medo de ir para escola e sofrer alguma agressão ou humilhação” e (358) “Medo e/ou ansiedade frente a qualquer aspecto relacionado a escola com duração de seis meses ou mais”; logo, para se caracterizar fobia escolar, o período de rejeição à escola deve extrapolar seis meses, chegando ao ponto do estudante não achar mais pretextos para não ir às aulas e por fim pede para ser desligado daquele ambiente, tal qual descrito a seguir: (356) “Solicita mudar de escola e de sala, crise todo início de ano letivo,

pois quer estudar com quem está acostumado”. Sua zona de conforto e segurança se resume aos colegas de sala em quem confia e profissionais da educação que lhes transmitem segurança.

#### *Depressão*

(359) “Isolamento social, baixa estima, perda do rendimento escolar, pensamento suicida, desejam morrer.” (Q1. F4. P11. PS)

(360) “Casos de *bullying* podem fazer com que a pessoa desenvolva depressão durante o período escolar ou após na vida adulta.” (Q2. F4. P11. PS)

Além dos outros sintomas relatados, o *bullying* desencadeia a depressão (360) “Casos de *bullying* podem fazer com que a pessoa desenvolva depressão durante o período escolar ou após na vida adulta” e esta por sua vez, abre as portas para outros sintomas, tais como: isolamento, baixo rendimento escolar, pensamento suicida: (359) “Isolamento social, baixa estima, perda do rendimento escolar, pensamento suicida, desejam morrer”.

#### *Anorexia*

(361) “Principalmente para as vítimas que sofrem de gordofobia ou são tratadas de gordo.” (Q2. F4. P11. PS)

#### *Bulimia*

(362) “Em estudantes vítimas que são chamados de gordo e para acabar com o estereótipo desenvolvem bulimia.” (Q2. F4. P11. PS)

Ademais, as crianças e adolescentes obesos, após serem apelidados, rotulados por sua condição corporal fora dos padrões considerados normais, podem desenvolver a anorexia, como relatado: (361) “Principalmente para as vítimas que sofrem de gordofobia ou são tratadas de gordo”, estas para tentarem alcançar o padrão de peso almejado, pois apesar de serem magras, continuam se vendo e se sentindo obesas. Bem como podem desencadear a bulimia, haja vista saciar seu apetite comendo exageradamente e na sequência provocar vômito ou ingerir laxantes como fator compensatório para eliminar o que lhes pode engordar, vejamos: (362) “Em estudantes vítimas que são chamados de gordo e para acabar com o estereótipo desenvolvem bulimia”.

#### *Transtorno Obsessivo-Compulsivo - TOC*

(363) “Algum sinal de criação de rituais.” (Q1. F4. P11. PS)

#### *Transtorno obsessivo Pós-Traumático - TEPT*

(364) “Casos de *bullying* durante a vida escolar pode sim desencadear TEPT causando um enorme sofrimento à vítima.” (Q2. F4. P11. PS)

*Transtorno Dismórfico Corporal*

(365) “Transtorno dismórfico corporal - atendi um adulto viciado em cirurgia plástica, pois na infância era gordinho e sofreu *bullying*.” (Q2. F4. P11. PS)

Comumente são desencadeados transtornos, um deles é o Transtorno Obsessivo-Compulsivo (363) “Algum sinal de criação de rituais”, onde a vítima passa a criar rituais como meio de fuga daquilo que lhe aflige, ou seja, passa organizar ou limpar excessivamente algo como forma de compensação.

Além disso, (364) “Casos de *bullying* durante a vida escolar pode sim desencadear TEPT causando um enorme sofrimento à vítima”, o Transtorno obsessivo Pós-Traumático tem como gatilho gerador episódios traumáticos em que a vítima sente risco eminente e passa por angústia contínua, não se restabelecendo facilmente.

Por fim, nos dias atuais o Transtorno Dismórfico Corporal também está se sobressaindo, neste a vítima busca a constante perfeição corporal através de procedimentos estéticos, quer mais e mais, nunca estando satisfeita: (365) “Transtorno dismórfico corporal - atendi um adulto viciado em cirurgia plástica, pois na infância era gordinho e sofreu *bullying*”.

*Consequências psicológicas relatadas por pais/responsáveis*

(366) Começam a ter medo de tudo, pesadelo, choro, relatam o desejo de morrer, isolamento social”. (Q1. F5. P12. PS)

(368) “isolamento, desmotivação escolar, ansiedade, queda no rendimento escolar.” (Q3. F5. P12. PS)

(367) “pode desenvolver sim algum quadro como por exemplo ansiedade. Porém, há pais que acreditam que o *bullying* é frescura.” (Q2. F5. P12. PS)

São inúmeras consequências relatadas por pais ou responsáveis, entre as psicológicas destacamos: (366) “Começam a ter medo de tudo, pesadelo, choro, relatam o desejo de morrer, isolamento social”. Assim, o pânico toma conta da vítima, a qual acaba inclusive tendo o desejo de morrer para se furtar da violência sofrida. Ainda, (368) “isolamento, desmotivação escolar, ansiedade, queda no rendimento escolar” e (367) “pode desenvolver sim algum quadro como de ansiedade. Porém, há pais que acreditam que o *bullying* é frescura.” devido a ansiedade a que são expostas são afetadas em seu desenvolvimento e rendimento escolar por encontrarem-se desmotivadas. Interessante ressaltar que os próprios

pais muitas vezes acabam questionando o sentimento da vítima alegando ser frescura, ou seja, desculpa por não estarem apresentando bom rendimento escolar.

*Consequências físicas relatadas por pais/responsáveis pelos estudantes*

(369) “Machucados e choros repentinos.” (Q1. F5. P13. PS)

(370) “Onicofagia, vômitos frequentes, cefaleia.” (Q3. F5. P13. PS)

Da mesma maneira, consequências físicas são desencadeadas, tal qual choro involuntário, queixas de dor de cabeça, roer as unhas, náuseas repentinas e escoriações pelo corpo, vejamos os recortes: (369) “Machucados e choros repentinos” e (370) “Onicofagia, vômitos frequentes, cefaleia”.

*Surgimento do bullying escolar*

(373) “surgiu nos anos 70 na Suécia quando a sociedade demonstrou preocupação com a violência entre estudantes e sua consequência no ambiente escolar.” (Q3. F5. P14. PS)

(372) “surgiu há muito tempo, de fato não sei mensurar quanto tempo, mas existe e sempre existiu.” (Q2. F5. P14. PS)

(371) “Série que iniciam após a alfabetização, destaque escolar. A partir da 2ª série do fundamental. Pior se há mistura com alunos repetentes e agressivos.” (Q1. F5. P14. PS)

Em relação ao discurso do surgimento do *bullying* escolar, uma análise nos remete a conhecimento histórico e pontual sobre o assunto: (373) “surgiu nos anos 70 na Suécia quando a sociedade demonstrou preocupação com a violência entre estudantes e sua consequência no ambiente escolar”, em outro enunciado, percebe-se a dúvida em relação ao questionamento (372) “surgiu há muito tempo, de fato não sei mensurar quanto tempo, mas existe e sempre existiu”, porém, categoricamente o entrevistado afirma que existe e sempre existiu, sem hesitar em momento algum. De maneira mais detalhada, em relação as etapas de ensino e anos escolares, nos remete ao período pós alfabetização, ou seja, os estudantes que já são alfabetizados e leitores, ressaltando que aumenta a intensidade com estudantes repetentes, ou seja, o agressor é de faixa etária mais avançada que a vítima: (371) “Série que iniciam após a alfabetização, destaque escolar. A partir da 2ª série do fundamental. Pior se há mistura com alunos repetentes e agressivos”.

*Proporção de ocorrência em relação às meninas e meninos*

(380) “Meninos.” (Q1. F6. P17. PS)

(381) “Aparentemente com meninos.” (Q2. F6. P17. PS)

(382) “Em meninos. A agressão física e ameaça verbal acontece mais com os meninos. O meio ambiente tende a reforçar o comportamento agressivo do menino.” (Q3. F6. P17. PS)

De maneira geral o discurso é que a maior ocorrência se dá entre os meninos (380) “Meninos” e (381) “Aparentemente com meninos” e (382) “Em meninos. A agressão física e ameaça verbal acontece mais com os meninos. O meio ambiente tende a reforçar o comportamento agressivo do menino”, isso ocorre naturalmente, haja vista os meninos serem mais agressivos, tanto na forma física como na verbal.

#### *Índice de casos de bullying*

(378) “Ao meu ver está só aumentando, assim como os preconceitos, gordofobia, homofobia, racismo só aumentam na sociedade, na escola não é diferente.” (Q2. F5. P16. PS)

(379) “Aumentado, acredito que está relacionado a F. desestruturada – pais que negligenciam a responsabilidade das necessidades físicas e emocionais dos filhos; rivalidade e falta de igualdade entre irmãos e relações tóxicas entre os pais.” (Q3. F5. P16. PS)

(377) “Penso que eles tem aparecido mais, mas não significa que há um aumento, mas sim mais atenção, combate e informação. Há necessidade de um acompanhamento melhor, tanto da vítima como do agressor.” (Q1. F5. P16. PS)

O índice de casos de *bullying* tem aumentado consideravelmente, decorrente a preconceitos relacionados ao peso, cor, opção sexual: (378) “Ao meu ver está só aumentando, assim como os preconceitos, gordofobia, homofobia, racismo só aumentam na sociedade, na escola não é diferente”, outro relato afere ao grupo familiar desestruturado, que negligencia seus filhos, potencializando relações tóxicas entre familiares e desencadeando agressões tal como relatado a seguir: (379) “Aumentado, acredito que está relacionado a F. desestruturada – pais que negligenciam a responsabilidade das necessidades físicas e emocionais dos filhos; rivalidade e falta de igualdade entre irmãos e relações tóxicas entre os pais”; por fim, o enunciado (377) “Penso que eles tem aparecido mais, mas não significa que há um aumento, mas sim mais atenção, combate e informação. Há necessidade de um acompanhamento melhor, tanto da vítima como do agressor”, descreve a potencialização da atenção dada a essa agressão, não significa ter aumentado, mas as pessoas estão dando mais ênfase e evidenciando os casos que configuram *bullying*.

#### *Diferença na prática de bullying entre meninos e meninas*

(383) “Não peguei nenhum caso.” (Q1. F6. P18. PS)

(384) “Entre as meninas parece que há mais “fofoca”, falam e comentam geralmente em grupinhos. Já os meninos parece que a violência é mais escancarada.” (Q2. F6. P18. PS)

(385) “Os meninos tendem a demonstrar maior propensão à agressão direta, enquanto as meninas apresentam maior propensão à agressão indireta.” (Q3. F6. P18. PS)

Uma das entrevistadas relata não ter atendido nenhum caso relacionado a *bullying*: (383) “Não peguei nenhum caso”, porém, no enunciado seguinte (385) “Os meninos tendem a

demonstrar maior propensão à agressão direta, enquanto as meninas apresentam maior propensão à agressão indireta” é notório que os meninos são mais agressivos, partem para agressão física, em contrapartida das meninas que são mais ardilosas, agem com maldade, articulam situações e propagam fofocas: (384) “Entre as meninas parece que há mais “fofoca”, falam e comentam geralmente em grupinhos. Já os meninos parece que a violência é mais escancarada”.

*Maior nocividade para a vítima entre a prática física e moral de bullying*

(387) “A moral tem maior nocividade, pois a física dói na hora da agressão. A moral se não for tratada pode levar a problemas mais sérios no futuro. Ambas são nocivas e têm consequências.” (Q2. F6. P19. PS)

(386) “A moral tem abalado mais, geralmente são as que mais doem.” (Q1. F6. P19. PS)

(388) “Todas são graves e criam consequências negativas. A capacidade de enfrentamento do estudante contribui para determinar a solução do problema.” (Q3. F6. P19. PS)

Partindo da premissa que normalmente os meninos agem através de agressões físicas e as meninas atacam a moral, analisemos as consequências e o impacto dessas práticas em relação à vítima.

Indubitavelmente os recortes evidenciam maior nocividade em relação a agressão moral: (386) “A moral tem abalado mais, geralmente são as que mais doem” e (387) “A moral tem maior nocividade, pois a física dói na hora da agressão. A moral se não for tratada pode levar a problemas mais sérios no futuro. Ambas são nocivas e têm consequências”, isso não significa que a agressão física não seja prejudicial, porém a agressão moral é mais prejudicial e suas sequelas refletem a longo prazo (388) “Todas são graves e criam consequências negativas. A capacidade de enfrentamento do estudante contribui para determinar a solução do problema”, o que fica claro é que a inteligência emocional é fator preponderante para a vítima superar seus traumas.

*Desajuste familiar propicia o agressor em potencial?*

(390) “o estudante canaliza tudo que sente devido ao desajuste em alguém e pode sim ser um agressor em potencial. O desajuste familiar pode ser um dos motivos.” (Q2. F6. P20. PS)

(391) “Famílias desajustadas estão despreparadas para compreender, administrar e tolerar seus conflitos propiciando assim o agressor em potencial.” (Q3. F6. P20. PS)

(389) “Geralmente a negligência, falta de tempo de qualidade, acompanhamento geram revolta e esse desconta a frustração nos colegas da escola e procuram drogas e outros.” (Q1. F6. P20. PS)

(411) “A maioria dos agressores e algumas vítimas, provém de famílias desestruturadas marcadas pela carência afetiva e emocional, desorganização de personalidade, entre outros.” (Q3. F7. P27. PS)

De forma unânime, a concepção de grupo familiar desajustado corrobora para o desenvolvimento de agressores em potencial, vejamos os enunciados: (390) “o estudante canaliza tudo que sente devido ao desajuste em alguém e pode sim ser um agressor em

Potencial. O desajuste familiar pode ser um dos motivos”, (391) “Famílias desajustadas estão despreparadas para compreender, administrar e tolerar seus conflitos propiciando assim o agressor em potencial” e (389) “Geralmente a negligência, falta de tempo de qualidade, acompanhamento geram revolta e esse desconta a frustração nos colegas da escola e procuram drogas e outros”, ainda, (411) “A maioria dos agressores e algumas vítimas, provém de famílias desestruturadas marcadas pela carência afetiva e emocional, desorganização de personalidade, entre outros”, a constituição de um agressor em potencial é o reflexo do meio em que este é negligenciado, neste caso, o familiar, passa por carência afetiva e emocional, e tem como forma de escape, descontar nos colegas sua revolta com tudo e com todos valendo-se da prática do *bullying*.

*Cyberbullying* tem o mesmo efeito ou consequência do *bullying* presencial?

(395) “Sim. Me atrevo dizer que é pior, pois o alcance é maior. Muitos veem e é rápido a disseminação das imagens e geralmente os pais não ficam sabendo.” (Q1. F7. P22. PS)

(397) “Não. No *cyberbullying*, o agressor não se identifica na maioria dos casos, usam perfis falsos potencializando a crueldade, ultrapassando qualquer fronteira física, tirando da vítima qualquer possibilidade de escapar dos ataques e as consequências podem ser extremamente negativas.” (Q2. F7. P22. PS)

(396) “Não tem o mesmo efeito pois não há a violência física, mas as consequências podem ser devastadoras assim como o presencial.” (Q2. F7. P22. PS)

As consequências do *cyberbullying* em comparação com o *bullying* na forma presencial desastrosas. Num dos recortes percebe-se que a entrevistada a princípio reitera que ambos têm os mesmos efeitos e consequências, porém na sequência discorre que na forma digital (*cyberbullying*) é pior, tendo em vista a rapidez com que se propagam as postagens devastadoras. (395) “Sim. Me atrevo dizer que é pior, pois o alcance é maior. Muitos veem e é rápido a disseminação das imagens e geralmente os pais não ficam sabendo”. Ainda no enunciado (397) “Não. No *cyberbullying*, o agressor não se identifica e na maioria dos casos usam perfis falsos potencializando a crueldade, ultrapassando qualquer fronteira física, tirando da vítima qualquer possibilidade de escapar dos ataques e as consequências podem ser extremamente negativas”, a maior facilidade na disseminação de calúnias sobre a vítima é o anonimato do agressor, se sentindo em campo seguro, pois não será fácil ser desmascarado e facilitando assim as postagens que irão denegrir sua vítima. Salienta-se que a agressão na forma digital não ocorre com violência física, isso poderia ser um atenuante em nossa interpretação, porém ocorre em grande potencial em relação à violência psicológica, devastando o emocional da vítima, tal qual: (396) “Não tem o mesmo efeito, pois não há a violência física, mas as consequências podem ser devastadoras assim como o presencial”.

*Consequência que o sexting acarreta a vítima*

(398) “Ainda não atendi nenhum caso de *sexting*.” (Q2. F7. P23. PS)

(399) “Culpa, humilhação, vergonha, constrangimento, isolamento, stress. Há casos em que o indivíduo não consegue enfrentar a situação levando a intensificar os sintomas de maneira assustadora desencadeando assim a ideação suicida.” (Q3. F7. P23. PS)

Interessante relatar que uma das profissionais relata não ter atendido nenhum caso de *sexting*, a outra não se manifestou em relação a esta agressão (398) “Ainda não atendi nenhum caso de *sexting*” e a terceira entrevistada ressalta todos os sentimentos relatados pelas vítimas, dentre eles (399) “Culpa, humilhação, vergonha, constrangimento, isolamento, stress. Há casos em que o indivíduo não consegue enfrentar a situação levando a intensificar os sintomas de maneira assustadora desencadeando assim a ideação suicida”, inclusive, quando não tratada a tempo esses sintomas se intensificam e a vítima se torna suscetível ao suicídio.

*Estratégias para prevenção do bullying no ambiente de trabalho*

(406) “Treinamento e sensibilização, pois o agressor do *bullying* na escola será aquele que assedia no ambiente de trabalho.” (Q1. F6. P26. PS)

(407) “Ações voltadas principalmente sobre o Assédio moral no ambiente de trabalho.” (Q2. F6. P26. PS)

(408) “Promover palestras, seminários e eventos na área de segurança e saúde (física e mental). Roda de conversa mensal sobre a satisfação no trabalho a nível pessoal e interpessoal.” (Q3. F6. P26. PS)

*Estratégias para prevenção de bullying no ambiente escolar*

(415) “Há necessidade de executar projetos de combate e prevenção ao *bullying*, também na Educação Infantil onde os princípios/valores começam a serem internalizados.” (Q3. F7. P28. PS)

(404) “Ações que envolva os estudantes, pais e professores. Ações de conscientização e prevenção.” (Q2. F6. P25. PS)

(405) “Oportunizam espaços de acolhimento, de escuta empática com os estudantes em situação de conflito intra e interpessoal. Incentivas profs e coord. A abordarem o tema com os estudantes e ficarem atentos aos comportamentos dos mesmos.” (Q3. F6. P25. PS)

(403) “Acompanhamento da psicologia escolar e sensibilização de prof e alunos. Precisa ter um canal de acesso e busca de tratamento do agressor e vítima.” (Q1. F6. P25. PS)

Há uma linha tênue entre a prática do *bullying* nos ambientes de trabalho e escolar. Estratégias e posicionamentos diferentes deverão ser tomados, uma vez que o agressor da escola pode ser futuramente o mesmo no ambiente de trabalho. Primeiramente deverá haver conscientização sobre o que configura *bullying* ou assédio moral, vejamos: (407) “Ações voltadas principalmente sobre o Assédio moral no ambiente de trabalho”, dentre essas ações deverão elucidar o que é aceito ou não para o homem médio, ou seja, o que entendemos como normal e quais atitudes excedem essa normalidade. Ainda, (406) “Treinamento e sensibilização, pois o agressor do *bullying* na escola será aquele que assedia no ambiente de trabalho” e (408) “Promover palestras, seminários e eventos na área de segurança e saúde

(física e mental). Roda de conversa mensal sobre a satisfação no trabalho a nível pessoal e interpessoal”, diante tais recortes, percebe-se que há necessidade de priorizar reuniões, diálogo, promoção da empatia perante o próximo, inclusive palestras voltadas à saúde mental e física dos colaboradores.

No ambiente escolar, projetos pautados na ética, bom senso e empatia deverão ser desenvolvidos em todas as etapas da educação: (415) “Há necessidade de executar projetos de combate e prevenção ao *bullying*, também na Educação Infantil onde os princípios/valores começam a serem internalizados”; nesses projetos deverão ser oportunizados momentos de reflexão para toda comunidade escolar, quer seja alunos, pais, responsáveis legais e profissionais da educação em sua amplitude, (404) “Ações que envolva os estudantes, pais e professores. Ações de conscientização e prevenção” e (405) “Oportunizam espaços de acolhimento, de escuta empática com os estudantes em situação de conflito intra e interpessoal. Incentivas profs e coord. A abordarem o tema com os estudantes e fiquem atentos aos comportamentos dos mesmos”, por fim relatam a necessidade de (403) “Acompanhamento da psicologia escolar e sensibilização de prof e alunos. Precisa ter um canal de acesso e busca de tratamento do agressor e vítima”. Sabemos que não há o profissional em psicologia no ambiente escolar, especialmente nas escolas estaduais, apesar de estar consolidado na Lei nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019, legislação específica para redes públicas de educação básica, que dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica, mas esta não é a realidade com a qual nos deparamos.

*Campanhas de prevenção/conscientização surtem efeito de forma geral?*

(376) “As campanhas tem contribuído de forma satisfatória para prevenir e combater o *bullying* nas escolas com a implementação de ações de prevenção, orientação e solução de problema.” (Q3. F5. P15. PS)

(375) “Sentem efeitos sim, as campanhas contribuem para que as vítimas se encoragem e fale para a direção/coordenação e para a família.” (Q2. F5. P15. PS)

(374) “com a informação eles buscam ajuda e falam.” (Q1. F5. P15. PS)

Analisando os enunciados, de forma positiva, as campanhas de prevenção e conscientização contribuem para o combate ao *bullying*, quer seja no ambiente familiar, escolar ou mesmo no ambiente de trabalho ao evitar o assédio moral: (376) “As campanhas tem contribuído de forma satisfatória para prevenir e combater o *bullying* nas escolas com a implementação de ações de prevenção, orientação e solução de problema” e (375) “Sentem efeitos sim, as campanhas contribuem para que as vítimas se encoragem e fale para a

direção/coordenação e para a família”; ou seja, de forma translúcida o ponto fundamental para a prevenção é a informação e orientação sobre as causas e consequências provocadas pelo *bullying*, proporcionando à vítima coragem para compartilhar as agressões por ela sofridas e buscar ajuda.

### 3.5 DISCURSO DO MÉDICO

Quanto a análise dos recortes do médico, a coleta de dados foi realizada conforme a disponibilidade dos mesmos, sendo três colaboradores: um psiquiatra com 23 (vinte e três) anos de profissão, um especialista cabeça e pescoço com 27 (vinte e sete) anos e um médico generalista com 2 (dois) anos; a numeração se deu de forma sequencial, sendo recortados e agrupados de 416 a 458, seguindo critérios de oposição, similaridade, temporalidade, gênero e discurso proferido. Em relação aos sentidos do discurso, os enunciados foram analisados de forma pormenorizada. Ressalta-se que apenas dois profissionais confirmam atender casos de *bullying* em seus consultórios, um destes relata não chegar até ele tais atendimentos.

#### *Escolha pela profissão*

(416) “Escolhi a área da saúde pela possibilidade de ajudar o próximo”. (Q1. F1. P1. ME)

(417) “Família de médicos, influência familiar”. (Q2. F1. P1. ME)

(418) “A psiquiatria foi na minha vida paixão por afinidade em relacionar com as pessoas. A possibilidade de investigar causas orgânicas em comportamentos patológicos ou não e por fim, as diversas explicações para o comportamento humano do biológico ao cultural”. (Q3. F1. P1. ME)

Foram pontuais ao relatarem a motivação em relação a escolha da medicina como profissão. Há um relato da influência do meio em que vive, ou seja: (417) “Família de médicos, influência familiar”; no segundo enunciado, o amor ao próximo na sua singularidade é destacado como propulsor da escolha (416) “Escolhi a área da saúde pela possibilidade de ajudar o próximo” e por fim o terceiro profissional descreve a motivação da escolha da especialidade em psiquiatria para sua profissão: (418) “A psiquiatria foi na minha vida paixão por afinidade em relacionar com as pessoas. A possibilidade de investigar causas orgânicas em comportamentos patológicos ou não e por fim, as diversas explicações para o comportamento humano do biológico ao cultural”. São muitas influências determinantes na opção por determinada profissão.

#### *Definição de bullying pela medicina*

(421) “A medicina entende o *bullying* como expressão de adoecimento da vítima, do agressor e do sistema em que convivem”. (Q3. F1. P2. ME)

(419) “Qualquer tipo de agressão contra alguém mesmo que na forma de brincadeira, que cause sofrimento na vítima normalmente de forma contínua”. (Q1. F1. P2. ME)

(420) “Violência física e/ou psicológica através de atos de humilhação”. (Q2. F1. P2. ME)

Interessante destacar que um dos recortes, o conceito do *bullying* vai além do adoecimento da vítima e do agressor, mas também do sistema, onde convivem: vítima, agressor e espectadores: (421) “A medicina entende o *bullying* como expressão de adoecimento da vítima, do agressor e do sistema em que convivem”, frise-se do sistema em que convivem, todos adoecem indistintamente. Ainda, (419) “Qualquer tipo de agressão contra alguém mesmo que na forma de brincadeira, que cause sofrimento na vítima normalmente de forma contínua”, apesar do agressor, justificar suas agressões como mera brincadeira, o sofrimento oriundo desta, é indescritível, pois se dá de maneira contínua, agredindo o físico e o psicológico da vítima e estimulando humilhações constantes: (420) “Violência física e/ou psicológica através de atos de humilhação”.

#### *Frequência de atendimentos de casos de bullying*

##### *Baixa*

(422) “Poucos casos”. (Q1. F2. P4. ME)

##### *Média*

(423) “Entendo que é média frequência pois a maioria dos casos são vistos posteriormente, não como a queixa principal que levou a busca do tratamento”. (Q3. F2. P4. ME)

Não houve relatos de alta frequência de atendimentos. Um dos profissionais relata atender poucos casos: (422) “Poucos casos” e outro profissional esclarece que o principal motivo de busca a atendimentos em seu consultório, não está vinculado diretamente ao *bullying*, os pacientes apresentam outras queixas, as quais posteriormente induzem a causa principal: (423) “Entendo que é média frequência pois a maioria dos casos são vistos posteriormente, não como a queixa principal que levou a busca do tratamento”.

#### *Casos de bullying atendidos*

##### *Mais comuns*

(424) “Piadas sobre aparência”. (Q1. F2. P5a. ME)

(425) “Aspectos físicos-raciais ou obesidade”. (Q3. F3. P5b. ME)

##### *Mais ou menos comuns*

(426) “Exclusão da vítima de grupos”. (Q1. F3. P5b. ME)

(427) “Doenças ou características como gagueira ou outra deficiência como por exemplo as expressões do Transt. Espectro Autista”. (Q3. F3. P5b. ME)

##### *Mais raros*

(428) “Agressão física”. (Q1. F3. P5c. ME)

(429) “P/ um aspecto específico do comportamento ou característica física”. (Q3. F3. P5c. ME)

Não fugindo à regra dos casos mais comuns, uma das peculiaridades do *bullying* são as brincadeiras de mau gosto, as piadas indesejáveis e a sátira referente aos aspectos físicos da vítima, quer seja: obesidade, cor, raça, biotipo referente a sua opção sexual: (424) “Piadas sobre aparência” e (425) “Aspectos físicos-raciais ou obesidade”.

Dentre os casos mais ou menos comuns, destacamos aqueles que ocorrem com menos frequência: a gagueira e as características de pessoas com deficiência, especialmente com TEA – Transtorno do Espectro Autista (427) “Doenças ou características como gagueira ou outra deficiência como por exemplo as expressões do Transt. Espectro Autista”, normalmente os autistas apresentam trejeitos e atitudes rotineiras, chamando a atenção dos demais e muitas vezes despertando a maldade do próximo. Ainda, comumente as vítimas são expulsas dos grupos escolares, como forma de punição ou simplesmente alvo de gozação: (426) “Exclusão da vítima de grupos”.

Configuram como casos mais raros, aqueles relacionados a agressões físicas, como espancamento, beliscões e empurrões: (428) “Agressão física” e os específicos a comportamento ou características físicas da vítima, como percebemos em quem apresenta alguma deficiência, ou relacionados aos aspectos raciais, cor, entre outros: (429) “P/ um aspecto específico do comportamento ou característica física”.

#### *Traumas que vítimas sofrem*

##### *Por agressões físicas*

(430) “Fisicamente: traumas leves, como pequenos cortes, aranhões”. (Q1. F3. P6. ME)

(431) “Na minha experiência as agressões físicas são raras e dissimuladas como tropeço, rasteiras ou deixam coisas p/ a pessoa se machucar”. (Q3. F3. P6. ME)

##### *Por agressões psicológicas*

(433) “Mais frequentes, como “gozação”; brincadeiras inadequadas, assuntos invasivos, apelidos ou afirmações sobre a pessoa com características agressivas, isolamento também é muito comum”. (Q3. F3. P6. ME)

(432) “Podem desenvolver transtornos como ansiedade, depressão, principalmente nos casos repetitivos”. (Q1. F3. P6. ME)

Ao nos reportarmos aos traumas decorrentes de agressões físicas na prática do *bullying*, os enunciados evidenciam que não são graves, configuram pequenos cortes, agressões, porém ocorrem de forma repetitiva: (430) “Fisicamente: traumas leves, como pequenos cortes, aranhões”. O agressor procura agir sorrateiramente, de forma dissimulada e através de emboscadas, para que a vítima se machuque: (431) “Na minha experiência as agressões físicas são raras e dissimuladas como tropeço, rasteiras ou deixam coisas p/ a

peessoa se machucar”. Porém, apelidos, brincadeiras inconvenientes e a neutralização da vítima para que não possa participar de grupos, compõem as agressões psicológicas na prática do *bullying*: (433) “Mais frequentes, como “gozação”; brincadeiras inadequadas, assuntos invasivos, apelidos ou afirmações sobre a pessoa com características agressivas, isolamento também é muito comum”. Devido a constância das agressões psicológicas, a vítima poderá desenvolver transtornos, dentre esses: ansiedade e depressão (432) “Podem desenvolver transtornos como ansiedade, depressão, principalmente nos casos repetitivos”.

#### *Sintomas constatados nos pacientes*

##### *Psicossomático*

(434) “Ansiedade podendo levar a sintomas gastrointestinais”. (Q1. F4. P7. ME)

(435) “- É comum ser expressão da ansiedade em que a pessoa se encontra”. (Q3. F4. P7. ME)

##### *Transtorno do pânico*

(436) “Bastante frequente, com sintomas de taquicardia, falta de ar, medo e sensação de morte súbita”. (Q3. F4. P7. ME)

##### *Fobia escolar*

(437) “O sintoma mais comum”. (Q1. F4. P7. ME)

(438) “Idem, como sintoma de evitação”. (Q3. F4. P7. ME)

##### *Anorexia*

(441) “Distúrbios alimentares são conhecidos observados como comorbidades”. (Q3. F4. P7. ME)

##### *Transtorno Obsessivo Pós-Traumático - TEPT*

(442) “Os sinais do TEPT são mais prevalentes, com sonhos vividos e manutenção da sensação vivida nos momentos de trauma”. (Q3. F4. P7. ME)

##### *Outros sintomas*

(443) “Lesões profundas, auto mutilação”. (Q1. F4. P7. ME)

##### *Depressão*

(440) “Bastante comum os sintomas de anedonia, apatia, disfunção cognitiva e executiva”. (Q3. F4. P7. ME)

(439) “Tristeza profunda, ideação suicida”. (Q1. F4. P7. ME)

São inúmeros os sintomas em pacientes vítimas de *bullying*. Dentre eles observamos os psicossomáticos, sendo a ansiedade o mais comum constatado e refletindo em sintomas físicos como o desconforto gastrointestinal: (435) “- É comum ser expressão da ansiedade em que a pessoa se encontra” e (434) “Ansiedade podendo levar a sintomas gastrointestinais”.

Também são desencadeados transtornos, dentre eles o do pânico, onde a sensação de morte é iminente, a vítima transpira demasiadamente, relata muito medo do que pode vir a acontecer, mesmo sem saber exatamente o que teme e apresenta dificuldades para respirar: (436) “Bastante frequente, com sintomas de taquicardia, falta de ar, medo e sensação de morte súbita”.

Normalmente os estudantes vítimas de *bullying* apresentam resistência em ir à escola; querem evitar seus agressores e para eles a solução é não frequentar às aulas, vejamos: (437) “O sintoma mais comum” e (438) “Idem, como sintoma de evitação”.

Entre outros relatos de distúrbios alimentares, os de anorexia são comuns em relação às vítimas de *bullying* por gordofobia. A vítima acredita que essa é a solução para não engordarem ou de um emagrecimento súbito: (441) “Distúrbios alimentares são conhecidos observados como comorbidades”.

A prática do *bullying* gera traumas que a vítima somente poderá superá-los se submetendo a terapia, acompanhamento psicológico e médico adequados. Mesmo após a prática do *bullying*, a sensação da vítima, é como se continuasse sendo submetida às agressões que lhes desencadearam esses traumas: (442) “Os sinais do TEPT são mais prevalentes, com sonhos vividos e manutenção da sensação vivida nos momentos de trauma”.

Comumente no ambiente escolar nos deparamos com jovens e adolescentes que se automutilam e se vestem com roupas de mangas longas ou agasalhos para esconder lesões. São normalmente ameaçados com a finalidade de cometerem autoagressão e mutilação de seus corpos. Vejamos: (443) “Lesões profundas, auto mutilação”, cometem contra si agressões físicas.

Por fim, nos deparamos com a depressão, onde após longo período de sofrimento, submetendo-se a chantagens, humilhações, agressões, a vítima apresenta variados sintomas, dentre esses apatia e anedonia, sentindo-se anestesiada, sem reação às agressões a que está sendo constantemente submetida, refletindo em sua cognição, passando a ter dificuldades de aprendizado e restrições na execução de tarefas, (440) “Bastante comum os sintomas de anedonia, apatia, disfunção cognitiva e executiva”, passa inclusive a ter intenção de suicidar-se: (439) “Tristeza profunda, ideiação suicida”.

*Doenças desencadeadas nas vítimas de bullying*

(444) “ansiedade e depressão”. (Q1. F5. P8. ME)

(445) “causa estresse e traumas e pode desencadear as doenças para a qual a pessoa tem propensão”. (Q3. F5. P8. ME)

O *bullying* pode desencadear vários tipos de transtornos e doenças, dentre elas, (444) “ansiedade e depressão”, a primeira decorrente da constante instabilidade e expectativa do que poderá ocorrer no futuro e a segunda devido o estágio de apatia e tristeza profunda em que a vítima se encontra, ainda (445) “causa estresse e traumas e pode desencadear as doenças para a qual a pessoa tem propensão”, além do estresse e traumas variados, desencadeará as mais

diversas doenças as quais a vítima é propensa, devido a instabilidade e vulnerabilidade que se encontra.

*Relatos sobre pacientes vítimas de bullying com sintomas de suicídio*

(446) “alguns pacientes que foram vítimas de longa data apresentam ideação suicida”. (Q1. F5. P9. ME)

(447) “Muito frequentemente atendo jovens com esse quadro. Evoluem com ideação suicida e tentativas de auto extermínio”. (Q3. F5. P9. ME)

*Relatos sobre pacientes vítimas de bullying que tentaram suicídio*

(448) “Através de ingestão de altas doses de medicamento”. (Q1. F5. P10. ME)

*Vítimas mais graves de bullying*

(456) “Acho importante ressaltar que as vítimas mais graves são minorias raciais, com orientação sexual diferente no grupo e pessoas com deficiência”. (Q3. F5. P14. ME)

Com muita frequência constata-se em seus atendimentos pacientes vítimas de *bullying* com ideação suicida, isso se dá devido a submissão por longo período a situações vexatórias e degradantes a personalidade da vítima, causando estresse intenso e fazendo com que queiram acabar com o sofrimento a que são submetidas, (446) “alguns pacientes que foram vítimas de longa data apresentam ideação suicida” e (447) “Muito frequentemente atendo jovens com esse quadro. Evoluem com ideação suicida e tentativas de auto extermínio”.

Um dos quadros mais corriqueiros de tentativa de suicídio se dá mediante ingestão de medicamentos (448) “Através de ingestão de altas doses de medicamento”.

O quadro se agrava quando se trata de minorias referentes a cor, raça e opção sexual e ainda pessoas com deficiência. Esses grupos normalmente são perseguidos e oportunamente sofrem com as sátiras, brincadeiras de mau gosto, inclusive as gozações constantes: (456) “Acho importante ressaltar que as vítimas mais graves são minorias raciais, com orientação sexual diferente no grupo e pessoas com deficiência”. Isso se intensifica pelo fato de serem pessoas oprimidas, muitas vezes que se sentem excluídas e negligenciadas pela sociedade, uma vez que não se enquadram no padrão de sociedade convencional.

*Relatos dos pais/responsáveis sobre os comportamentos dos filhos que sofrem bullying*

(450) “Filhos que não querem ir à escola ou querem mudar de escola, surgimento de equimoses no corpo, falta de ânimo”. (Q1. F5. P11. ME)

(451) “São vários relatos desde mudança de comportamento como isolamento até nenhuma atenção e não comunicação aos pais”. (Q3. F5. P11. ME)

A evitação e a apatia são os sintomas mais peculiares nos casos de *bullying* escolar, onde o estudante passa a se esquivar da escola, relacionando isso a esquivar-se de agressões

físicas e emocionais provocadas pela prática do *bullying*: (450) “Filhos que não querem ir à escola ou querem mudar de escola, surgimento de equimoses no corpo, falta de ânimo”, ainda (451) “São vários relatos desde mudança de comportamento como isolamento até nenhuma atenção e não comunicação aos pais”, mudanças radicais de comportamento os quais eram rotineiros anteriormente e passam a omitir fatos e novidades dos pais, evitando assim se exporem e serem questionados.

*Incidência de casos de bullying entre meninos e meninas*

(454) “Ocorre igualmente entre meninos e meninas”. (Q1. F5. P13. ME)

(455) “Na prática, vejo mais casos de meninas que sofreram bullying, mas a literatura mostra um dado interessante sobre identificação: meninos são mais identificados como agressores e meninas como vítima”. (Q3. F5. P13. ME)

*Diferenças nos casos de bullying entre meninos e meninas*

(453) “A literatura e a prática mostram que entre meninos as agressões são mais físicas, e entre meninas psicológicas e comportamentais (isolamento, situações vexatórias)”. (Q3. F5. P12. ME)

(452) “Meninas muitas vezes apresentam uma incidência maior de sintomas psicológicos mais intensos”. (Q1. F5. P12. ME)

A incidência de casos de *bullying* entre os sexos ocorre de forma proporcional, (454) “Ocorre igualmente entre meninos e meninas”, sendo relatado que conforme atendimentos o sexo feminino apresenta maior índice no papel de vítima, porém (455) “Na prática, vejo mais casos de meninas que sofreram *bullying*, mas a literatura mostra um dado interessante sobre identificação: meninos são mais identificados como agressores e meninas como vítima”, logo, a literatura é pautada por estudos alicerçados mediante artigos científicos, livros acadêmicos e publicações científicas.

O perfil dos sexos feminino e masculino como agressores, se dá da seguinte maneira: o sexo masculino é mais agressivo na prática do *bullying*, tanto em relação ao índice mais elevado mediante agressões físicas e o feminino mais passivo, por sua vez figurando no papel de vítima sendo coagida mediante violência emocional, psicológica e isolamento de grupos: (453) “A literatura e a prática mostram que entre meninos as agressões são mais físicas, e entre meninas psicológicas e comportamentais (isolamento, situações vexatórias)” e (452) “Meninas muitas vezes apresentam uma incidência maior de sintomas psicológicos mais intensos”. Ainda ressalta-se que as meninas normalmente são expostas a situações desagradáveis, vexatórias que desestabilizam seu estado emocional.

### 3.6 DISCURSO DO ADVOGADO

O *corpus* foi estruturado por enunciados sequenciais à numeração, teve como sujeitos pesquisados três advogados, destes um com 18 (dezoito) anos de profissão, outro com 4 (quatro) anos e o terceiro com 2 (dois) anos. Dentre os pesquisados, dois relataram nunca ter atendido casos de *bullying* em seus escritórios, desta maneira foram recortados enunciados e enumerados de 456 a 474, destacando conceitos, ponderações, discurso proferido e orientações jurídicas pertinentes ao tema em questão.

*Você atende casos de bullying em seu escritório*

(456) “Não”. (Q1. F1. P1. ADV)

(457) “Não, nunca atendi um caso de *bullying*”. (Q2. F1. P1. ADV)

(458) “Sim”. (Q3. F1. P1. ADV)

Quanto a análise do sujeito advogado, foi surpreendente em relação ao nível de casos atendidos pelos mesmos. Dentre os três questionários aplicados, dois foram coletados recortes de não terem atendido casos de *bullying* em seus escritórios, destes, um com 18 (dezoito) anos de profissão e outro com 4 (quatro): (456) “Não” e (457) “Não, nunca atendi um caso de *bullying*”, apenas um advogado relatou ter atendido casos específicos de *bullying*: (458) “Sim”.

*Conceito de disciplina*

(461) “seguir as regras estabelecidas na sociedade como um todo”. (Q3. F2. P4.a. ADV)

*Conceito de indisciplina*

(462) “É a transgressão das regras estabelecidas”. (Q3. F2. P4.b. ADV)

*Conceito de violência*

(463) “Levar a cabo, externalizando a raiva e agressividade por meio verbal, físico, etc”. (Q3. F2. P4.c. ADV)

*Conceito de agressividade*

(464) “exposição seja verbal ou física do sentimento de raiva”. (Q3. F2. P4.d. ADV)

*Conceito de bullying na área do Direito*

(459) “invasão, agressão ao direito da pessoa ser quem ela é”. (Q3. F1. P2. ADV)

Discorrendo sobre os diversos conceitos referentes a ações que assemelham a prática do *bullying*, vamos detalhar conforme enunciados coletados por um dos advogados: disciplina consiste em (461) “seguir as regras estabelecidas na sociedade como um todo”, e indisciplina (462) “transgressão das regras estabelecidas”, o ponto em questão, são as regras impostas, as normas a serem seguidas, quer seja no âmbito jurídico ou no escolar. O que diferencia a disciplina da indisciplina é o respeito a elas.

A violência e a agressividade conforme relatado no recorte encontram-se vinculadas. Violência: (463) “Levar a cabo, exteriorizando a raiva e agressividade por meio verbal, físico, etc”, ou seja, conceitua a violência como demonstração da agressividade, mediante consumação, quer seja verbalmente ou fisicamente e na sequência, retomamos ao teor da exposição física ou verbal, mas englobando a definição de agressividade: (464) “exposição seja verbal ou física do sentimento de raiva”, ambas decorrentes de um sentimento: raiva que vem a se consumir.

Por fim, nos apresenta o conceito de *bullying* sob a ótica do Direito: (459) “invasão, agressão ao direito da pessoa ser quem ela é”, destarte entendemos que a vítima passa a cumprir a vontade dos outros, deixa de viver sua própria vida, se restringindo a cumprir ordens e anular a si mesma em prol do agressor.

*Seu grau ou nível de conhecimento sobre bullying*

(465) “Mediano. Embora seja um tema em alta na sociedade, não é algo que se vê na prática jurídica todos os dias”. (Q3. F3. P5. ADV)

*Danos causados pela prática do bullying*

(466) “Danos emocionais, psicológicos que podem gerar baixa-estima, depressão, ansiedade etc”.(Q3. F3. P6. ADV)

*Nível de ocorrência de casos de bullying*

(467) “São poucos os casos de *bullying* que causa abalo emocional que dê ensejo a ação de danos morais”. (Q3. F3. P7. ADV)

*Conhecimento de casos de bullying na esfera vertical*

(471) “Não”. (Q3. F4. P11. ADV)

Apesar de atualmente ser comum e evidenciada a prática do *bullying* (465) “Mediano. Embora seja um tema em alta na sociedade, não é algo que se vê na prática jurídica todos os dias” na esfera jurídica ainda não houve aprofundamento sobre as sanções e qual tipo de crime ele configura, sabemos que a Lei 13.185 visa o combate a intimidação sistemática, mas se faz necessário maiores informações e orientações sobre o tema.

As áreas psicológica e emocional são as mais afetadas, em detrimento a isso, sequelas são identificadas, tal como crises de depressão, ansiedade e baixa auto-estima, devendo ser reparadas na esfera judicial: (466) “Danos emocionais, psicológicos que podem gerar baixa-estima, depressão, ansiedade etc”.

Quanto ao nível de ocorrência, quando questionado entre: pequeno, médio e grande, o enunciado foi incisivo em pequeno, (467) “São poucos os casos de *bullying* que causa abalo emocional que dê ensejo a ação de danos morais”, esclarecendo que devido aos danos emocionais causados por essa prática, ensejaria apenas danos morais, salientando que para

ingressar com tal ação é necessário comprovação, através de prova material, testemunhal e outras.

Ainda declara não ter conhecimento de casos na esfera vertical (471) “Não”, ou seja, referente a níveis hierárquicos mais elevados.

*Grau de denúncias se dá em decorrência ao conhecimento ou aumento de casos*

(468) “O conhecimento aumentou o que fez com que mais pessoas buscassem a via jurídica”. (Q3. F3. P8. ADV)

Em contrapartida, a população está mais esclarecida sobre o tema, inclusive o recorte nos informa de um maior número de pessoas buscarem a via jurídica, (468) “O conhecimento aumentou o que fez com que mais pessoas buscassem a via jurídica”, mas ao analisarmos os outros dois advogados entrevistados, percebemos que as pessoas não buscam as vias jurídicas; muito se fala, mas há uma restrição na busca dos meios legais para resolver esse crime.

*Decorrência de casos de bullying no escritório (ambiente escolar ou outros)*

(474) “[...] *bullying* cometido dentro da própria casa, entre casal, tendo como vítima principalmente a mulher” (Q3. F5. P14. ADV)

(469) “De outros. Principalmente ambiente de trabalho”. (Q3. F4. P9. ADV)

*A maior incidência de bullying é mais comum em relação ao gênero masculino ou feminino.*

(472) “Masculino. Os homens usam brincadeiras como uma forma de causar *bullying*”. (Q3. F4. P12. ADV)

*Ocorrência de bullying em relação a comunidade LGBTQA+*

(473) “Sim. Por ser uma comunidade que sempre foi muito reprimida e, por consequência, a minoria é acometida pelo *bullying* pela maioria - héteros”. (Q3. F5. P13. ADV)

O objeto da pesquisa dá ênfase à prática do *bullying* no contexto escolar, porém, nos causam espanto os recortes que destacam: o *bullying* também ser oriundo do ambiente familiar, entre casais, destacando o marido no papel de agressor e a esposa no de vítima: (474) “[...] *bullying* cometido dentro da própria casa, entre casal, tendo como vítima principalmente a mulher”, situação esta que passa despercebida pela sociedade. Também o praticado no ambiente de trabalho (469) “De outros. Principalmente ambiente de trabalho”, configurando o assédio moral.

Ambos os sexos praticam o *bullying*, porém a maior incidência é atribuída ao sexo masculino, através de brincadeiras popularmente conhecidas de mau gosto (472) “Masculino. Os homens usam brincadeiras como uma forma de causar *bullying*”. A comunidade LGBTQA+ também é alvo da prática de *bullying*, haja vista classificar-se como minoria oprimida e reprimida, sendo alvo dos héteros (473) “Sim. Por ser uma comunidade que

sempre foi muito reprimida e, por consequência, a minoria é acometida pelo *bullying* pela maioria - héteros”.

*Orientação jurídica aos pais ou responsáveis legais em relação a prática do bullying*

(460) “É necessária a reflexão sobre o tema, haja vista que há comportamentos que antes eram aceitos, porém hoje merecem ter respaldo jurídico”. (Q3. F2. P3. ADV)

(470) “[...] resguardar os seus direitos, se cabível ingressar com a ação judicial”. (Q3. F4. P10. ADV)

De forma sucinta o operador do direito ressalta a necessidade de um novo olhar às brincadeiras e aos atos violentos praticados, pois em outros tempos eram permitidos e hoje não o são mais, configuram *bullying* e merecem a devida punição: (460) “É necessária a reflexão sobre o tema, haja vista que há comportamentos que antes eram aceitos, porém hoje merecem ter respaldo jurídico” e (470) “[...] resguardar os seus direitos, se cabível ingressar com a ação judicial”, menciona que os direitos devem ser salvaguardados e conforme a necessidade valer-se da justiça que é o órgão garantidor do estado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os seres humanos têm aptidões e apresentam dificuldades e comportamentos variados. Ninguém é igual, todos são compostos por biologia própria e vivências psicológicas pontuais.

Alguns apresentam características peculiares de comportamento, agindo com agressividade e impulsividade, com o desejo por dominar, humilhar e subjugar os demais. Outros, são incapazes de se defender, quer seja por não compartilhar com alguém seu sofrimento, por serem extremamente tímidos, retraídos ou introspectivos. Para tentar coibir essas práticas a escola e a sociedade devem estar preparadas para acolher, orientar e sanar eventuais problemas de inter-relações que venham a surgir.

Diante de tais agressões surge o *bullying*, fenômeno tão antigo quanto a humanidade, que representa violência física, verbal, moral ou psicológica e sexual, que ocorrem de forma velada, repetitiva e intencional, isso não é diferente no ambiente escolar, o qual visa formar cidadãos para uma sociedade justa. Esse ambiente deve proporcionar o autoconhecimento a seus estudantes e estes, deverão saber os afetos e sentimentos que os movem, saber que suas escolhas e atitudes poderão resultar em consequências imponderáveis de seus atos. Os mesmos deverão controlar seus impulsos e serem capazes de resolver os problemas interpessoais.

Há necessidade das crianças e jovens serem auxiliadas a se expressarem, manifestarem e compartilharem seus sentimentos de forma saudável, sem causar danos ao outro, desenvolvendo sua inteligência emocional.

Por não haver legislação específica a respeito do *bullying*, somente sua tipificação como crime, e estar contemplada no Regimento Escolar e na Proposta Pedagógica, porém não de forma pontual, pode-se afirmar que não há no currículo formal como ser trabalhado esse tema, sequer uma organização no âmbito escolar para a sua resolução.

Algumas estratégias são utilizadas pelos professores e pela escola como um todo indivisível, tais como: ameaçar, punir, gritar, advertir censurar, ignorar, censurar. Ou, por ser mais cômoda, até mesmo a omissão, a qual resulta em ambiente propício para ocorrência de situações de *bullying*. Muitas vezes a escola é omissa, buscando apenas a tranquilidade, o silêncio e o controle de alunos e da própria situação e esse fenômeno acaba ocorrendo de forma velada.

Ao serem analisados os 474 (quatrocentos e setenta e quatro) recortes de discursos coletados na pesquisa de campo, posicionamentos diversos foram elencados nas seis profissões objeto de estudo, nas suas mais variadas concepções e formas de intervir ou amenizar o tema elencado.

Na pesquisa do sujeito professor foi possível concluir que antigamente o *bullying* ocorria de forma menos agressiva ou passava despercebido, porém atualmente é muito violento e se dá com a articulação de grupos, atingindo física e psicologicamente as vítimas. A maior incidência é com referência ao biotipo da vítima. Relacionam turma disciplinada ao compromisso demonstrado pelos estudantes, inclusive ao interesse em aprender. Em contrapartida à turma indisciplinada, que também não se reporta à bagunça, mas sim ao desinteresse demonstrado por eles. Em relação à temporalidade de turma indisciplinada e disciplinada, com o passar dos tempos houve mudança de conceitos. Quanto à autoridade de que o sujeito professor era detentor antigamente, na atualidade este profissional se encontra submisso, não tendo autoridade para resolver muitas situações. Ainda, declara que entre os profissionais da educação não ocorre essa prática, são apenas brincadeiras sutis; e que aos estudantes deverá ser oportunizada a resolução de conflitos de forma mais assertiva, dialógica e cooperativa. Ainda, entender que empatia e ética, são fundamentais, tanto quanto o controle da impulsividade, da raiva, trabalhar a indiferença, expressar as emoções, entender a depressão, a tolerância, o preconceito, enfim, a inteligência emocional como um todo, enfim, o que é ser inteligente emocionalmente, para que dessa forma os estudantes possam lidar com as frustrações e colocarem-se no lugar do outro, reduzindo assim a prática ou a submissão ao *bullying* escolar.

Quanto ao diretor ou diretor adjunto, os recortes indicam que os valores atuais perfazem uma educação libertária e que em tempos passados a educação era mais rígida, havia regras a serem seguidas. Ainda definem turma disciplinada como sinônimo de alunos comprometidos, e indisciplinada, como aquela em que os alunos não cumprem regras e desrespeitam os professores. Conceituam agressividade como *bullying*, afirmam que esta prática sempre existiu, porém sua classificação se deu apenas recentemente. Destacam a similaridade entre agressividade, violência e *bullying* e o que antes era mera brincadeira passou a configurar *bullying* na atualidade. A prática entre meninos e pelas meninas de forma agressiva por parte dos meninos e de forma articulada e sutil. Na etapa do ensino fundamental a prática do *bullying* é de certa forma infantilizada, já no ensino médio é cruel e velada. A prevenção e redução entre os profissionais da Educação e entre alunos se dá mediante

conscientização, orientação e, caso necessário com a punição condizente. Eles divergem em relação ao nível de ocorrência de *bullying*, pois aparentemente, numa há relatos de ocorrência constante e na outra não há. Normalmente são os alunos que levam ao conhecimento da direção escolar a ocorrência da prática de *bullying*. Em todos os níveis e esfera o espectador não interfere durante a prática, por temer que seja a próxima vítima. Logo, a vítima se isola, apresenta quadro de depressão, inclusive com tentativa de suicídio.

O sujeito coordenador pedagógico apresenta postura saudosista do passado em relação ao presente. Reitera que os profissionais da educação e a própria instituição escolar eram mais valorizados no passado e estabelece um paralelo entre turma disciplinada como aquela que cumpre regras e respeita os profissionais e turma indisciplinada totalmente o oposto. Conceitua violência e agressividade como agressão similar ao *bullying*. Relata que a prática se dá por ambos os sexos, sendo os meninos mais agressivos e menos cruéis que as meninas e que elas agem com maldade, perversidade e de forma dissimulada. Relatam ainda que o *cyberbullying* se dissemina rapidamente através de memes. Quanto à esfera horizontal e vertical o grupo da educação é uníssono ao afirmar que nunca presenciaram tal agressão. Asseveram que ao ser identificada a prática, a família é comunicada e que são realizadas campanhas de prevenção, conscientização. Por fim a punição ao agressor conforme o Regimento Escolar. Identificam como reflexos da prática do *bullying*: baixo rendimento escolar, ausência às aulas, crises de ansiedade e solidão, crises emocionais e abalo psicológico.

Sob a ótica do psicólogo, foram coletados recortes onde os sujeitos ponderaram que o que os motivou ao exercício da profissão foi o amor à psicologia. Segundo eles, *bullying* é uma prática sistemática e repetitiva de atos de violência física e psicológica, onde os adultos buscam ajuda e o número de vítimas nesta fase da vida é elevado, ao contrário dos casos de crianças e adolescentes que apresenta um número reduzido. No que se refere aos atendimentos de vítimas de *bullying*, todos afirmam atender casos. Quanto as esferas horizontal e vertical, na horizontal (entre alunos) ocorre com frequência, na vertical (alunos-professor) e vice-versa não há relatos de ocorrência (administrativo-professor) e vice-versa relatam que não ocorre entre professor-diretor e vice-versa e que ocorrem crises de ansiedade, isolamento social, medo de ficar sozinho, pesadelos e pensamentos suicidas. Relatam ter conhecimento da existência de casos de *bullying* e apresentam como perfil da vítima: obesidade, inteligência, bondade e serem retraídos. O agressor: valentia, agressividade, negligência familiar tanto em sua criação/educação, como no ambiente escolar. Quanto às

características do espectador: assiste tudo e nada faz. Diferenciam *bullying* de indisciplina, onde o *bullying* configura agressão de forma reiterada, perseguição e a indisciplina com a ruptura das regras que deveriam ser seguidas no ambiente escolar. Ainda, dentre os sintomas apresentados pela vítima: psicossomático, transtorno do pânico, fobia escolar, depressão, anorexia, bulimia, transtorno obsessivo-compulsivo, pós traumático, dismórfico corporal. A ocorrência de maneira geral tem aumentado e o maior índice se dá entre os meninos e a maior nocividade é resultante de agressões morais. Conforme os relatos o desajuste do grupo familiar se dá como fator preponderante na formação de agressores. Dentre as formas do *bullying*, o *cyberbullying* é mais agressivo devido a velocidade que as postagens se propagam e o *sexting* em alguns casos pode levar a ideação suicida. A prática do *bullying* no ambiente de trabalho e escolar está interligada, haja vista o agressor no ambiente escolar ser um potencial agressor no ambiente de trabalho. A amenização da prática do *bullying* poderá ocorrer através de campanhas de prevenção e conscientização.

Quanto aos médicos, o conceito do *bullying* vai além do adoecimento da vítima e do agressor, mas também do sistema onde convivem vítima, agressor e espectadores. Relatam atender poucos casos e os que configuram *bullying* são: brincadeiras de mau gosto, piadas indesejáveis e a sátira referente aos aspectos físicos da vítima como: obesidade, cor, raça, biotipo referente a sua opção sexual. Descrevem os casos que ocorrem com menos frequência: gagueira e as características de pessoas com deficiência, especialmente com TEA – Transtorno do Espectro Autista e os que configuram como mais raros são os relacionados a agressões físicas, como espancamento, beliscões e empurrões. Ainda apresentam traumas decorrentes de agressões físicas na prática do *bullying* que não são graves e configuram pequenos cortes, agressões, porém de forma repetitiva, já, na constância das agressões psicológicas, a vítima poderá desenvolver transtornos, dentre esses: ansiedade e depressão. Sintomas psicossomáticos, sendo a ansiedade o mais comum constatado e refletindo em sintomas físicos como o desconforto gastrointestinal, transtorno do pânico, resistência em ir à escola, distúrbios alimentares: anorexia são comuns em relação às vítimas de *bullying* por gordofobia, TEPT, automutilação, depressão, apatia e anedonia e ideação suicida. Quanto aos sexos: o masculino é mais agressivo na prática do *bullying* e o feminino mais passivo.

Com um olhar jurídico, apenas um entre os três advogados pesquisados relatou ter atendido casos de *bullying*, diferenciando disciplina de indisciplina como: o respeito a elas. Quanto a violência e agressividade, considera que ambas se encontram vinculadas à violência. Conceitua *bullying* como a anulação da vítima em prol do agressor, sendo mediano o grau ou

nível de conhecimento sobre *bullying*, ainda destacando as áreas psicológica e emocional como as mais afetadas e ser pequeno o nível de ocorrência desta prática. Destaca que é oriundo do ambiente familiar, normalmente entre casais, o marido configurando como agressor e a esposa como vítima. Que ambos os sexos exercem essa prática, porém a maior incidência se dá pelo sexo masculino, sendo a comunidade LGBTQA+ também alvo, por ser minoria. Ressalta a necessidade de um novo olhar às brincadeiras e aos atos violentos praticados, pois muitas vezes configuram o *bullying*.

Com uma diversidade de dados coletados, sentidos do discurso, significados, interpretações e mensagens, foram viabilizadas diversas concepções sobre o tema em estudo, possibilitando um mosaico de informações sob a ótica de diversos alhares.

Esta pesquisa foi apenas uma semente lançada num campo vasto a ser cultivado, a qual de forma incessante subsidiará as práticas escolares e a sociedade como um todo e enfatizará a construção do ser humano num mundo melhor. Visa a busca incessante do desenvolvimento das relações interpessoais positivas e harmônicas do ser humano, de forma a amenizar, prevenir, quiçá, erradicar o *bullying* no ambiente escolar.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE)**. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro: Introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. - Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985, 2ª edição, 1918.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1988.

BRASIL. **Deliberação CEE/MS nº 10.814, de 10 de março de 2016. Estabelece Normas para a Educação Básica no Sistema Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul**. Disponível em: <http://www.cee.ms.gov.br/wp-content/uploads/2015/08/Del.-10.814-2016.pdf>. Acesso em: 11 de agosto de 2022.

BRASIL. Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015. **Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)**. Diário Oficial da União: Brasília, DF, Seção 1, p. 1, 9 nov. 2015. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-). Acesso em: 22 jan. 2024.

BUFFON, G. A. **O bullying no ambiente escolar: causas, consequências e a ausência de legislação específica**. [http://www.uems.br/assets/biblioteca/repositorio/2015-09-23\\_14-24-59.pdf](http://www.uems.br/assets/biblioteca/repositorio/2015-09-23_14-24-59.pdf)>acesso em 30/09/2022.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CALHAU, L. B. **Bullying: O que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão**. 3 ed. Niterói: Impetus, 2011.

CONSTANTINI, Alessandro. **Bullying. Como combatê-lo?: prevenir e enfrentar a violência entre jovens**. São Paulo: Itália Nova Editora, 2004.

CROKER, Robert A. An Introduction to qualitative research. In: HEIGAM, Juanita; CROKER, Robert A. **Qualitative research in Applied Linguistics: a practical introduction**. Great Britain: Palgrave Macmillan, 2009.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying: Como Prevenir a Violência Nas Escolas e Educar Para a Paz**. 2ª ed. São Paulo. Versus Editora, 2005.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo, SP: Ática, 1998.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GARCIA, J. **Indisciplina, conflitos e bullying na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

GOLEMAN, Daniel, ph D. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. 2 ed. Rio de Janeiro. Objetiva. 2012.

MANZINI, R. **Bullying: Escola e família enfrentando a questão**. Porto Alegre, RS: Mediação. 2017.

ORLANDI, Eni. P. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

ORLANDI, Eni. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez. 1988.

ORLANDI, Eni. **Discurso e Texto: formação e circulação de sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso – princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 5ª ed., 2003.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos/ Eni P. Orlandi. –** Campinas, SP: Pontes, 4ª edição, 2002.

ORLANDI, Eni. P. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, Eni P. **Eu, Tu, Ele - Discurso e Real da História**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, Eni. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2001.

ORLANDI, Eni. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: Estrutura ou acontecimento**. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. 3ª edição, Campinas, SP: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

PEREIRA, S. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo. SP: Paulus, 2009.

Resolução/SED n. 3.280, de 17 de maio de 2017. **Aprova o Regimento Escolar das escolas da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul**. Publicada no D. O. Nº 9.411 de 18 de maio de 2017 à p. 4 a 10.

RODRIGUES, M. L. **Análise do Discurso na Graduação: Teoria & Prática**/Marlon Leal Rodrigues (org). – Dourados-MS: Nicanor Coelho Editor, 2011.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. 2. ed. São Paulo: Globo. 2015.

TIBA, Içami. **Disciplina: o limite na medida certa**. São Paulo: Editora Gente. 1996.

**ANEXOS**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE DE CAMPO GRANDE  
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS  
NÚCLEO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO

PROJETO DE PESQUISA

**O DISCURSO DO BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR**

Questionário: \_\_\_\_\_

**QUESTIONÁRIO I: PROFESSOR**

**Obs.:** por questões de ética, nenhuma resposta será vinculado ao seu autor. O colaborador, caso queira desistir de participar da pesquisa, até 60 dias ele pode solicitar o pedido de desistência. Somente o pesquisador e o orientador tem acesso ao material.

Pesquisadora/Orientanda: Giovana Buffon Arce

Orientador: Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: ( ) Mas. ( ) Fem. ( ) Outros: \_\_\_\_\_ Est. Civil: \_\_\_\_\_

Curso Superior: \_\_\_\_\_ Tempo de Profissão: \_\_\_\_\_

Escola: \_\_\_\_\_

01 – Em relação aos seus alunos de hoje, há diferença de valores em relação a sua época de aluno(a)? Se sim ou não, comente.

02 – O que é uma turma de alunos(as) disciplinada? Comente.

03 – O que é uma turma de alunos(as) indisciplinada? Comente.

04 – O que é prática de violência na escola? Comente.

05 – O que é prática de agressividade na escola? Comente.

06 – Na sua época de aluno(a) como era a indisciplinada na escola? Comente.

07 – Na sua época de aluno(a) como era a violência na escola? Comente.

08 – Na sua época de aluno(a) como era a agressividade na escola? Comente.

09 – Algumas práticas de indisciplina, de violência e agressividades na escola dão o nome de *bullying*. Há diferença entre elas? Comente.

10 – Como você vê o *bullying* no ambiente escolar de forma geral? Comente.

11 – Na escola onde trabalha, há ocorrência de *bullying*? Se sim, comente.

12 – Em sua sala de aula, você já vivenciou prática de *bullying*? Se sim, comente.

13 – Para você, é possível prevenir a prática de *bullying* na escola? Se sim ou não, comente.

14 – Para você, é possível identificar possíveis alunos(as) que podem praticar *bullying*? Se sim ou não, comente.

15 – Em caso de identificação de alunos(as) que praticam *bullying*, como eles são tratados na escola? Comente.

16 – Entre os casos de *bullying* na sua escola, há diferença entre os praticados por alunos e alunas? Se sim ou não, comente.

17 – Caso você saiba ou tenha vivência, cite um caso de *bullying* praticado por meninos.

18 – Caso você saiba ou tenha vivência, cite um caso de *bullying* praticado por meninas.

19 – Como é tratado os casos de *bullying* na sua escola? Comente.

20 – Como são tratados os alunos(as) vítimas de *bullying* na sua escola? Comente.

21 – Quais as consequências, que você observa, para as vítimas (alunos(as)) em sala de aula?

22 – Há prática de *bullying* entre professores(as)? Se sim, comente.

23 – Há prática de *bullying* entre professores(as) e alunos(as)? Se sim, comente.

24 – Há prática de *bullying* entre professores(as) e técnico-administrativos? Se sim, comente.

25 – Há prática de *bullying* entre professores(as) e coordenação pedagógica? Se sim, comente.

26 – Há prática de *bullying* entre professores(as) e direção? Se sim, comente.

27 – Quais as consequências, que você observa, para as vítimas de *bullying* entre professores(as), técnico administrativos, coordenação pedagógica e direção? Comente.

28 – Como é tratado os casos de *bullying* entre professores(as), técnico-administrativos, coordenação pedagógica e direção? Comente.

29 – Você acha que é possível reduzir e/ou prevenir casos de *bullying* entre alunos? Se sim ou não, comente.

30 – Você acha que é possível reduzir e/ou prevenir casos *bullying* entre professores(as), técnico administrativos, coordenação pedagógica e direção? Se sim ou não, comente.

31 – Se você ministra aula no ensino fundamental e médio, há diferença de prática de *bullying*. Se sim ou não, comente.

32 – Em relação aos casos de *bullying* entre alunos(as), como as pessoas próximas e/ou “espectadoras” se comportam? Comente.

33 – Em relação aos casos de *bullying* entre professores(as), técnico administrativos, coordenação pedagógica e direção, como as pessoas próximas e/ou “espectadoras” se comportam? Comente.

34 – Caso você tenha algo ainda dizer sobre *bullying* escolar que não foi contemplado nas perguntas acima, favor registrar nesse espaço.

Grata.

Profa. Giovana Buffon Arce

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE DE CAMPO GRANDE  
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS  
NÚCLEO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO

PROJETO DE PESQUISA

**O DISCURSO DO BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR**

Questionário: \_\_\_\_\_

**QUESTIONÁRIO II: DIRETOR E/OU DIRETOR AJUNTO ESCOLAR**

**Obs.:** por questões de ética, nenhuma resposta será vinculada ao seu autor. O colaborador, caso queira desistir de participar da pesquisa, até 60 dias ele pode solicitar o pedido de desistência. Somente o pesquisador e o orientador tem acesso ao material.

Pesquisadora/Orientanda: Giovana Buffon Arce

Orientador: Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: ( ) Mas. ( ) Fem ( ) Outros: \_\_\_\_\_ Est. Civil: \_\_\_\_\_

Curso Superior: \_\_\_\_\_ Tempo de Profissão: \_\_\_\_\_

Escola: \_\_\_\_\_

01 – Em relação aos alunos de hoje, há diferença de valores em relação a sua época de aluno(a)? Se sim ou não, comente.

02 – O que é uma turma de alunos(as) disciplinada? Comente.

03 – O que é uma turma de alunos(as) indisciplinada? Comente.

04 – O que é prática de violência na escola? Comente.

05 – O que é prática de agressividade na escola? Comente.

06 – Na sua época de aluno(a) como era a indisciplinada na escola? Comente.

07 – Na sua época de aluno(a) como era a violência na escola? Comente.

08 – Na sua época de aluno(a) como era a agressividade na escola? Comente.

09 – Algumas práticas de indisciplina, de violência e agressividade na escola dão o nome de *bullying*. Há diferença entre elas? Comente.

10 – Como você vê o *bullying* no ambiente escolar de forma geral? Comente.

11 – Na escola onde é Diretor(a) ou Adjunto(a), há ocorrência de *bullying*? Se sim, comente.

12 – Como chega até você a informação sobre *bullying* na sua escola?

13 – Para você, é possível prevenir a prática de *bullying* na escola? Se sim ou não, comente.

14 – Para você, é possível identificar possíveis alunos(as) que podem praticar *bullying*? Se sim ou não, comente.

15 – Em caso de identificação de alunos(as) que praticam *bullying*, como eles são tratados na escola? Comente.

16 – Entre os casos de *bullying* na sua escola, há diferença entre os praticados por alunos e alunas? Se sim ou não, comente.

17 – Caso você saiba ou tenha vivência, cite um caso de *bullying* praticado por meninos.

18 – Caso você saiba ou tenha vivência, cite um caso de *bullying* praticado por meninas.

19 – Como é tratado os casos de *bullying* na sua escola? Comente.

20 – Como são tratados os alunos(as) vítimas de *bullying* na sua escola? Comente.

21 – Quais as consequências, que você observa, para as vítimas (alunos(as)) em sala de aula?

22 – Há prática de *bullying* entre professores(as)? Se sim, comente.

23 – Há prática de *bullying* entre professores(as) e técnico-administrativos? Se sim, comente.

24 – Há prática de *bullying* entre professores(as) e coordenação pedagógica? Se sim, comente.

25 – Há prática de *bullying* entre professores(as) e direção? Se sim, comente.

26 – Quais as consequências, que você observa, para as vítimas de *bullying* entre professores(as), técnico administrativos, coordenação pedagógica e direção? Comente.

27 – Como é tratado os casos de *bullying* entre professores(as), técnico-administrativos, coordenação pedagógica e direção? Comente.

28 – Você acha que é possível reduzir e/ou prevenir casos de *bullying* entre alunos? Se sim ou não, comente.

29 – Você acha que é possível reduzir e/ou prevenir casos *bullying* entre professores(as), técnico administrativos, coordenação pedagógica e direção? Se sim ou não, comente.

30 – Há diferença na prática de *bullying* entre estudantes do ensino fundamental ou médio? Se sim ou não, comente.

31 – Em relação aos casos de *bullying* entre alunos(as), como as pessoas próximas e/ou “espectadoras” se comportam? Comente.

32 – Em relação aos casos de *bullying* entre professores(as), técnico administrativos, coordenação pedagógica e direção, como as pessoas próximas e/ou “espectadoras” se comportam? Comente.

33 – Caso você tenha algo ainda a dizer sobre *bullying* escolar que não foi contemplado nas perguntas acima, favor registrar nesse espaço.

Grata.

Profa. Giovana Buffon Arce

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE DE CAMPO GRANDE  
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS  
NÚCLEO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO

PROJETO DE PESQUISA

**O DISCURSO DO *BULLYING* NO AMBIENTE ESCOLAR**

Questionário: \_\_\_\_\_

**QUESTIONÁRIO III: COORDENADOR PEDAGÓGICO**

**Obs.:** por questões de ética, nenhuma resposta será vinculado ao seu autor. O colaborador, caso queira desistir de participar da pesquisa, até 60 dias ele pode solicitar o pedido de desistência. Somente o pesquisador e o orientador tem acesso ao material.

Pesquisadora/Orientanda: Giovana Buffon Arce

Orientador: Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: ( ) Mas. ( ) Fem ( ) Outros: \_\_\_\_\_ Est. Civil: \_\_\_\_\_

Curso Superior: \_\_\_\_\_ Tempo de Profissão: \_\_\_\_\_

Escola: \_\_\_\_\_

01 – Em relação aos alunos de hoje, há diferença de valores em relação a sua época de aluno(a)? Se sim ou não, comente.

02 – O que é uma turma de alunos(as) disciplinada? Comente.

03 – O que é uma turma de alunos(as) indisciplinada? Comente.

04 – O que é prática de violência na escola? Comente.

05 – O que é prática de agressividade na escola? Comente.

06 – Na sua época de aluno(a) como era a indisciplinada na escola? Comente.

07 – Na sua época de aluno(a) como era a violência na escola? Comente.

08 – Na sua época de aluno(a) como era a agressividade na escola? Comente.

- 09 – Algumas práticas de indisciplina, de violência e agressividades na escola dão o nome de *bullying*. Há diferença entre elas? Comente.
- 10 – Como você vê o *bullying* no ambiente escolar de forma geral? Comente.
- 11 – Na escola onde é coordenador(a), há ocorrência de *bullying*? Se sim, comente.
- 12 – No período de coordenador(a), você já vivenciou prática de *bullying*? Se sim, comente.
- 13 – Como chega até você a informação sobre *bullying* no seu dia-a-dia?
- 14 – Para você, é possível prevenir a prática de *bullying* na escola? Se sim ou não, comente.
- 15 – Para você, é possível identificar possíveis alunos(as) que podem praticar *bullying*? Se sim ou não, comente.
- 16 – Em caso de identificação de alunos(as) que praticam *bullying*, com eles são tratados na escola? Comente.
- 17 – Entre os casos de *bullying* na sua escola, há diferença entre os praticados por alunos e alunas? Se sim ou não, comente.
- 18 – Caso você saiba ou tenha vivência, cite um caso de *bullying* praticado por meninos.
- 19 – Caso você saiba ou tenha vivência, cite um caso de *bullying* praticado por meninas.
- 20 – Como é tratado os casos de *bullying* na sua escola? Comente.
- 21 – Como são tratados os alunos(as) vítimas de *bullying* na sua escola? Comente.
- 22 – Quais as consequências, que você observa, para as vítimas (alunos(as)) em sala de aula?
- 23 – Há prática de *bullying* entre professores(as)? Se sim, comente.
- 24 – Há prática de *bullying* entre professores(as) e técnico-administrativos? Se sim, comente.
- 25 – Há prática de *bullying* entre professores(as) e a coordenação pedagógica? Se sim, comente.
- 26 – Há prática de *bullying* entre professores(as) e direção? Se sim, comente.
- 27 – Quais as consequências, que você observa, para as vítimas de *bullying* entre professores(as), técnico administrativos, coordenação pedagógica e direção? Comente.
- 28 – Como é tratado os casos de *bullying* entre professores(as), técnico-administrativos, coordenação pedagógica e direção? Comente.
- 29 – Você acha que é possível reduzir e/ou prevenir casos de *bullying* entre alunos? Se sim ou não, comente.

30 – Você acha que é possível reduzir e/ou prevenir casos *bullying* entre professores(as), técnico administrativos, coordenação pedagógica e direção? Se sim ou não, comente.

31 – Em relação aos casos de *bullying* entre alunos(as), como as pessoas próximas e/ou “espectadoras” se comportam? Comente.

32 – Em relação aos casos de *bullying* entre professores(as), técnico administrativos, coordenação pedagógica e direção, como as pessoas próximas e/ou “espectadoras” se comportam? Comente.

33 – Caso você tenha algo ainda a dizer sobre *bullying* escolar que não foi contemplado nas perguntas acima, favor registrar nesse espaço.

Grata.

Profa. Giovana Buffon Arce

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE DE CAMPO GRANDE  
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS  
NÚCLEO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO

PROJETO DE PESQUISA

**O DISCURSO DO BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR**

Questionário: \_\_\_\_\_

**QUESTIONÁRIO IV: PSICÓLOGO**

**Obs.:** por questões de ética, nenhuma resposta será vinculado ao seu autor. O colaborador, caso queira desistir de participar da pesquisa, até 60 dias ele pode solicitar o pedido de desistência. Somente o pesquisador e o orientador tem acesso ao material.

Pesquisadora/Orientanda: Giovana Buffon Arce

Orientador: Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_ Sexo: ( ) Mas. ( ) Fem ( ) Outros: \_\_\_\_\_ Est. Civil: \_\_\_\_\_

Tempo de Profissão: \_\_\_\_\_ Pratica a profissão: ( ) sim ( ) Não

Possui Especialização *latu Sensu*: ( ) Não, Se sim ( ) quanto tempo de formado: \_\_\_\_\_

01 – Comente sua escolha pela profissão de psicólogo.

02 – Você atende criança e adolescente? Se sim ou não comente.

03 – Você atende pessoas jovens e adultas? Se sim ou não, comente.

04 – Entre os diversos casos que atende, há casos de *bullying*? Se sim ou não, comente.

05 – Você atende casos de *bullying* de estudantes? Se sim, continue o questionário, se não, não há necessidade de continuar, grato.

06 – Como a psicologia, de forma geral, define *bullying*?

07 – Qual a diferença entre:

- a) *Bullying* e indisciplina escolar:
- b) *Bullying* e Violência:
- c) *Bullying* e Agressividade:
- d) Caso você ache necessário, faça um comentário geral:

08 – Entre os casos de *bullying* que você atende, quais são as questões que eles narram?

09 – Qual o perfil do estudante que sofre *bullying*? Comente.

10 – Qual o perfil do estudante que pratica *bullying*? Comente.

11 – Dentre as vítimas do *bullying*, quais sintomas mais comuns elas apresentam entre os abaixo:

- ( ) psicossomático, comente:
- ( ) Transtorno de pânico, comente:
- ( ) Fobia escolar, comente:
- ( ) Depressão, comente:
- ( ) Anorexia, comente:
- ( ) Bulimia, comente:
- ( ) Transtorno obsessivo-compulsivo – TOC:
- ( ) Transtorno obsessivo Pós-Traumático – TEPT, comente:
- ( ) outros, comente:

12 – Há consequências psicológicas que pais/responsáveis pelos estudantes relatam? Se sim, comente sobre elas.

13 - Há consequências físicas que pais/responsáveis pelos estudante relatam? Se sim, comente sobre elas.

14 – Em que momento surgiu o *bullying* na escola? Comente.

15 – As campanhas de prevenção/conscientização, na sua opinião, tem surtido efeito de forma geral? Se sim ou não comente.

16 – Na sua experiência, os casos de *bullying* têm aumentado ou diminuído? Comente qualquer que seja sua posição.

17 – As ocorrências são maiores com meninas ou com meninos? Comente.

18 – Entre meninos e meninas, a prática de *bullying* é diferente? Comente.

19 – Entre a prática física e moral de *bullying*, qual delas apresenta maior nocividade para a vítima? Comente.

20 – Em sua opinião, o desajuste familiar propicia o agressor em potencial? Se sim ou não comente.

21 – Qual é o perfil dos espectadores do *bullying*, ou seja, aqueles que presenciam? Comente.

22 – O *cyberbullying* tem o mesmo efeito ou consequência do *bullying* “presencial”? Se sim ou não comente.

23 – Que consequência o *sexting* acarreta a vítima? Comente.

24 – Por quais vias os pacientes, vítimas de *bullying* chegam ao seu consultório? (Voluntariamente, encaminhamento escolar, outros encaminhamentos). Comentar.

25 – Quais estratégias você deixaria para prevenção de *bullying* no ambiente escolar? Comente.

26 - Quais estratégias você deixaria para prevenção do *bullying* no ambiente de trabalho? Comente.

27 – Em relação aos atendimentos de vítima de *bullying* você recebe em seu consultório? Comente:

( ) Ambiente escolar:

- Aluno – aluno:

- Aluno – professor (vice-versa):

- Professor – diretor (vice-versa):

- Administrativo – professor (vice-versa):

28 – Caso tenha algo que gostaria de falar e não foi contemplado anteriormente, favor utilizar este espaço.

Grata.

Profa. Giovana Buffon Arce

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
 UNIDADE DE CAMPO GRANDE  
 MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS  
 NÚCLEO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO

PROJETO DE PESQUISA

**O DISCURSO DO *BULLYING* NO AMBIENTE ESCOLAR**

Questionário: \_\_\_\_\_

**QUESTIONÁRIO V: MÉDICO**

**Obs.:** por questões de ética, nenhuma resposta será vinculado ao seu autor. O colaborador, caso queira desistir de participar da pesquisa, até 60 dias ele pode solicitar o pedido de desistência. Somente o pesquisador e o orientador tem acesso ao material.

Pesquisadora/Orientanda: Giovana Buffon Arce

Orientador: Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: ( ) Mas. ( ) Fem. ( ) Outros: \_\_\_\_\_

Est. \_\_\_\_\_ Civil: \_\_\_\_\_ Tempo \_\_\_\_\_ de

Profissão: \_\_\_\_\_ Possui Especialização *latu Sensu*: ( ) Não, sem  
sim ( )

Quanto tempo de formado: \_\_\_\_\_ Especialidade: \_\_\_\_\_ Pratica a profissão: ( ) sim ( )  
não

01 – Comente sobre sua escolha pela profissão?

02 – Como a medicina, de forma geral, define o *bullying*? Comente.

03 – Você atende casos de *bullying* em seu consultório/hospital/ambulatório médico? Se sim, continue respondendo as seguintes perguntas, se não, grato, não precisa continuar.

04 – Quanto ao atendimento de casos de *bullying*, qual a frequência que você atende?  
Comente.

( ) Baixa: média quantitativa:

( ) Média: média quantitativa:

( ) Alta: média quantitativa:

05 – Dentre os casos de *bullying* atendidos, comente sobre eles:

a) Mais comuns:

b) Mais ou menos comuns:

c) Os mais raros:

06 - Qual ou quais os tipos de trauma que vítimas sofrem:

- Por agressões físicas:

- Por agressões psicológicas:

07 – Dentre os seus atendimentos à vítima de *bullying*, comente sobre os sintomas constatados em seus pacientes:

( ) psicossomático:

( ) Transtorno de pânico:

( ) Fobia escolar:

( ) Depressão:

( ) Anorexia:

( ) Bulimia:

( ) Transtorno Obsessivo-Compulsivo – TOC:

( ) Transtorno Obsessivo Pós-Traumático – TEPT:

( ) outros:

08 – Dentre as vítimas de *bullying* (crianças, adolescentes, jovens, adultos), elas podem desencadear algum tipo de doença como esquizofrenia e outras? Se sim ou não, comente.

09 – Já atendeu vítima de *bullying* com sintomas de suicídio? Se sim, comente.

10 – Já atendeu vítima de *bullying* que tentou o suicídio? Se sim, comente.

11 – De forma geral, quais são os relatos dos pais/responsáveis sobre os comportamentos dos filhos que sofrem *bullying*? Comente.

12 – Há diferenças nos casos de *bullying* entre meninos e meninas? Comente.

13 – Entre meninos e meninas, qual a maior incidência de casos de *bullying*? Comente.

14 - Caso tenha algo que gostaria de falar e não foi contemplado anteriormente, favor utilizar este espaço.

Grata.

Profa. Giovana Buffon Arce

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
 UNIDADE DE CAMPO GRANDE  
 MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS  
 NÚCLEO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO

PROJETO DE PESQUISA

**O DISCURSO DO *BULLYING* NO AMBIENTE ESCOLAR**

Questionário: \_\_\_\_\_

**QUESTIONÁRIO VI: ADVOGADO**

**Obs.:** por questões de ética, nenhuma resposta será vinculado ao seu autor. O colaborador, caso queira desistir de participar da pesquisa, até 60 dias ele pode solicitar o pedido de desistência. Somente o pesquisador e o orientador tem acesso ao material.

Pesquisadora/Orientanda: Giovana Buffon Arce

Orientador: Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_ Sexo: ( ) Mas. ( ) Fem ( ) Outros: \_\_\_\_\_ Est. Civil: \_\_\_\_\_

Tempo de Profissão: \_\_\_\_\_ Possui Especialização *latu Sensu*: ( ) Não, Se sim ( ) quanto tempo de formado: \_\_\_\_\_ Especialidade: \_\_\_\_\_

Pratica a profissão: ( ) sim ( ) Não

01 – Você atende casos de *bullying* em seu escritório? Se sim, responda as demais, caso não, obrigada pela participação.

02 – Como o direito define o *bullying*? Comente.

03 – Qual sua opinião de advogado sobre *bullying*?

04 – A partir do direito, conceitue as expressões abaixo:

a) Disciplina:

b) Indisciplina:

c) Violência:

d) Agressividade:

05 – Qual o seu grau ou nível de conhecimento sobre *bullying*? Comente.

06 – Que tipo de danos a prática do *bullying* causa? Comente.

07 – Sobre casos de *bullying*, qual o nível de ocorrência? Comente.

( ) Pequeno:

( ) Médio:

( ) Grande:

08 – O grau de denúncia do *bullying* é devido ao conhecimento ou aumento de casos? Qualquer das opções, comente.

09 – Os casos de *bullying* que chega ao seu escritório é decorrente do ambiente escolar ou de outros? Qualquer que seja sua resposta, comente.

10 – Que tipo de orientação jurídica daria para pais ou para responsáveis ao perceber prática de *bullying*?

11 – Você conhece casos na esfera vertical sobre *bullying*? Se sim, comente.

12 – A maior prática de incidência de *bullying* acontece em relação ao gênero masculino ou feminino? Qualquer das opções comente.

13 – Há ocorrência de *bullying* em relação a comunidade LGBTQA+? Se sim, comente.

14 – Caso tenha algo que não foi abordado acima, favor comentar neste espaço.

Grata.

Prof<sup>ª</sup>. Giovana Buffon Arce

**CORPUS**

- (01) “é uma turma comprometida” (Q1. F1. P2. PR)<sup>2</sup>
- (02) “é a turma que o professor não consegue trabalhar, os estudantes não prestam atenção”. (Q1. F1. P3. PR)
- (03) “são vários tipos de violência” (Q1. F1. P4. PR)
- (04) “a mais utilizada é a verbal, digital e física”. (Q1. F1. P4. PR)
- (05) “hoje somo agredidos verbalmente.” (Q1. F2. P5. PR)
- (06) “Física nunca presenciei” (Q1. F2. P5. PR)
- (07) “Tínhamos regras, havia reprova” (Q1. F2. P6. PR)
- (08) “Todos tinham medo de ser reprovado” (Q1. F2. P6. PR)
- (09) “respeito pelo professor.” (Q1. F2. P7. PR)
- (10) “Eu não consigo definir, se não existia agressividade” (Q1. F2. P8. PR)
- (11) “ou nós não enxergávamos como agressão”. (Q1. F2. P8. PR)
- (12) “não há diferença, pois ambas pode causar danos a quem sofre”. (Q1. F2. P9. PR)
- (13) “não acredito que seja intensão.” (Q1. F4. P23. PR)
- (14) “hoje as pessoas dão mais importância do que deveria.” (Q1. F2. P10. PR)
- (15) “Alunos criam grupos para expor estudantes.” (Q1, F2, P11, PR)
- (16) “casos de racismo”. (Q1. F2. P11. PR)
- (17) “Alunos criam grupos para expor estudantes, casos de racismo.” (Q1. F2. P11. PR)
- (18) “chamavam de pente de ferro” (Q1. F3. P12. PR)
- (19) “Nós tentamos diariamente prevenir, combater, prevenir, mas é muito difícil erradicar.” (Q1. F3. P13. PR)
- (20) “Sim, normalmente, são os estudantes mais agressivos.” (Q1. F3. P14. PR)
- (21) “Normalmente a direção convida os estudantes e os pais para uma conversa, advertem, suspendem.” (Q1. F3. P15. PR)
- (22) “Em alguns casos registram B. O.” (Q1. F3. P15. PR)
- (23) “Não vejo diferença.” (Q1. F3. P16. PR)
- (24) “a falta de respeito”. (Q1. F3. P16. PR)
- (25) “em grupos”. (Q1. F3. P17. PR)
- (26) “de juntam para colocar apelidos, tirar sarro.” (Q1. F3. P17. PR)
- (27) “a falta de respeito”. (Q1. F3. P16. PR)
- (28) “são mais invejosas, acabam expondo mais as colegas”. (Q1. F3. P18. PR)
- (29) “Normalmente os professores observam, comentam com a direção, que toma as providências necessárias.” (Q1. F4. P19. PR)
- (30) “palestras, filmes, psicólogos.” (Q1. F4. P19. PR)
- (31) “são várias as medidas tomadas” (Q1. F4. P19. PR)
- (32) “Nós procuramos ouvir, acolher e apoiar.” (Q1. F4. P20. PR)
- (33) “Normalmente aqueles que sofrem, acabam praticando também.” (Q1. F4. P21. PR)
- (34) “Não observo” (Q1. F4. P22. PR)
- (35) “normalmente tiram sarro” (Q1. F4. P22. PR)
- (36) “acredito que levam a brincadeira.” (Q1. F4. P22. PR)
- (37) “Acredito que pode acontecer, sem que o professor perceba.” (Q1. F4. P23. PR)
- (38) “Não acredito que seja intensão.” (Q1. F4. P23. PR)
- (39) “nunca observei.” (Q1. F4. P24. PR)
- (40) “Se acontece, não presenciei” (Q1. F4. P24. PR)
- (41) “nunca observei.” (Q1. F4. P25. PR)
- (42) “se acontece, acredito que a nossa geração é leve, costuma levar na brincadeira.” (Q1. F4. P25. PR)
- (43) “é leve, não se leva a sério.” (Q1. F5. P26. PR)
- (44) “tomado as medidas necessárias.” (Q1. F5. P28. PR)
- (45) “Acredito que podemos intervir, porém não depende só do professor.” (Q1. F5. P29. PR)
- (46) “todos devem partir da seguinte teoria: não faça aos outros, o que não gostaria que fizessem a você.” (Q1. F5. P30. PR)
- (47) “No fundamental são mais infantis, ensino médio, mais agressivas.” (Q1. F5. P31. PR)
- (48) “Ou compram a briga e aproveitam para ensinar.” (Q1. F5. P32. PR)
- (49) “Ou fecham os olhos e ignoram.” (Q1. F5. P32. PR)
- (50) “o respeito é fundamental.” (Q1. F6. P33. PR)
- (51) “Alunos atentos, com vontade e interesse em aprender, ter curiosidade pelo conhecimento.”. (Q2. F1. P2. PR)

<sup>2</sup> (Q1. F1. P2. PR) = Q = questionário, 1 = número da questão, F = folha, 1 = número da folha, P = pergunta, 2 = número da pergunta, PR = professor.

- (52) “Ter regras e metas a cumprir.” (Q2. F1. P2. PR)
- (53) “Alunos desinteressados, sem foco, sem objetivos, sem sonhos, sem metas.” (Q2. F1. P3. PR)
- (54) “Física, psicológica e verbal.” (Q2. F1. P4. PR)
- (55) “Deboches, ofensas, xingamentos.” (Q2. F1. P4. PR)
- (56) “Sem limites.” (Q2. F2. P5. PR)
- (57) “Acham que podem tudo.” (Q2. F2. P5. PR)
- (58) “Era não fazer uma tarefa de casa.” (Q2. F2. P6. PR)
- (59) “Tinha maior respeito, o que o professor dizia era lei.” (Q2. F2. P6. PR)
- (60) “Não lembro, porque não tinha” (Q2. F2. P7. PR)
- (61) “Eram brincadeiras bobas, sem fundamentos, ficar de mal, depois fazer as pazes.” (Q2. F2. P8. PR)
- (62) “São sinônimas, já que são práticas onde apenas um se diverte, quer ser o maioral, mandar naquele espaço.” (Q2. F4. P23. PR)
- (63) “Uma prática desnecessária e intolerável.” (Q2. F2. P11. PR)
- (64) “Algo inadmissível.” (Q2. F2. P11. PR)
- (65) “não é brincadeira, não é legal, isso machuca e dói muito.” (Q2. F6. P34. PR)
- (66) “Sempre tem um querendo ser o dono do pedaço, ser o valentão.” (Q2. F2. P11. PR)
- (67) “Algo constrangedor, ofensivo” (Q2. F3. P12. PR)
- (68) “alertar, conversar, prevenir e ouvir.” (Q2. F3. P13. PR)
- (69) “Vai da convivência.” (Q2. F3. P14. PR)
- (70) “hoje em dia todos praticam da mesma forma ou maneira.” (Q2. F3. P16. PR)
- (71) “Bater em outros menores”. (Q2. F3. P17. PR)
- (72) “Tomar material, sem a permissão.” (Q2. F3. P17. PR)
- (73) “Mais por ofensas, xingamentos, apelidos.” (Q2. F3. P18. PR)
- (74) “Prevenção; orientação; diálogos.” (Q2. F4. P19. PR)
- (75) “Apoio. Valorização.” (Q2. F4. P20. PR)
- (76) “Timidez. Pouco rendimento.” (Q2. F4. P21. PR)
- (77) “Não participa ativamente.” (Q2. F4. P21. PR)
- (78) “Exemplo a ser seguidos.” (Q2. F4. P22. PR)
- (79) “Acredito que não.” (Q2. F4. P23. PR)
- (80) “Não. Nada a declarar.” (Q2. F4. P24. PR)
- (81) “Profissionais, tem que dar o exemplos.” (Q2. F4. P25. PR)
- (82) “Nada a declarar.” (Q2. F5. P26. PR)
- (83) “Não há. Seria inimizades.” (Q2. F5. P27. PR)
- (84) “Advertência, mas não há.” (Q2. F5. P28. PR)
- (85) “Apoio família e escola.” (Q2. F5. P29. PR)
- (86) “sim. Todos são adultos” (Q2. F5. P30. PR)
- (87) “Porque acham que são maiores e querem ser valentões.” (Q2. F5. P31. PR)
- (88) “Ficam calados, quietos.” (Q2. F5. P32. PR)
- (89) “responsável e preocupada com a aprendizagem.” (Q3. F1. P2. PR)
- (90) “Inresponsável, sem preocupação com a aprendizagem.” (Q3. F1. P3. PR)
- (91) “Falta de valores, caráter e principalmente falta da presença da família.” (Q3. F1. P4. PR)
- (92) “Muitas vezes vem da falta de amor fraternal” (Q3. F2. P5. PR)
- (93) “Era muito raro, mas existia” (Q3. F2. P6. PR)
- (94) “muitos alunos já sofriam na família algum tipo de carência afetiva e isso era levado para sala de aula.” (Q3. F2. P6. PR)
- (95) “Existia mas não tão grave e era resolvido com facilidade pela escola.” (Q3. F2. P7. PR)
- (96) “quase não existia, era muito pouco.” (Q3. F2. P8. PR)
- (97) “vem aumentando a cada dia”. (Q3. F6. P34. PR)
- (98) “existe em quase todas as turmas” (Q3. F2. P11. PR)
- (99) “se torna uma prática cotidiana”. (Q3. F2. P11. PR)
- (100) “com codinomes, apelidos ou chacotas entre os alunos.” (Q3. F3. P12. PR)
- (101) “projetos de empatia e conscientização.” (Q3. F3. P13. PR)
- (102) “observando os grupos existentes em sala de aula.” (Q3. F3. P14. PR)
- (103) “É feito uma sondagem e um diálogo com os alunos.” (Q3. F3. P15. PR)
- (104) “alguns fazem por hábitos, outros fazem por maldade”. (Q3. F3. P16. PR)
- (105) “é relacionado ao peso ou tamanho dos meninos.” (Q3. F3. P17. PR)
- (106) “O peso e o tamanho do corpo” .” (Q3. F3. P18. PR)
- (107) “É feito ocorrência e chamado os pais.” (Q3. F4. P19. PR)
- (108) “Acolhimento.” (Q3. F4. P20. PR)
- (109) “se sentem reprimidas.” (Q3. F4. P21. PR)

- (110) “desconheço.” (Q3. F4. P22. PR)
- (111) “Desconheço” (Q3. F4. P23. PR)
- (112) “Desconheço” (Q3. F4. P24. PR)
- (113) “Desconheço” (Q3. F4. P25. PR)
- (114) “Desconheço” (Q3. F5. P26. PR)
- (115) “Clima de desconforto.” (Q3. F5. P27. PR)
- (116) “Com muito cuidado e cautela.” (Q3. F5. P28. PR)
- (117) “através de projetos específicos realizados na escola.” (Q3 F5. P29. PR)
- (118) “a direção deve ficar atenta e projetar tarefas específicas nas escolas.” (Q3. F5. P30. PR)
- (119) “de acordo com a idade vai ficando mais grave.” (Q3. F5. P31. PR)
- (120) “Ficam atentos e desconfortáveis com a situação.” (Q3. F6. P33. PR)
- (121) “os valores foram trocados ou invertidos.” (Q1. F1. P1. D)
- (122) “Muitos valores se perderam, dentre eles destaco o respeito pelos professores.” (Q2. F1. P1. D)
- (123) “Ainda estudei em um período onde a educação tradicional era mais forte, hoje vivemos em um período de uma educação mais libertária.” (Q3. F1. P1. D)
- (124) “[...] está para estudar, com ânimo e boa vontade.”(Q1. F1. P2. D)
- (125) “[...] turma em que o professor consegue desenvolver o seu plano de aula sem interrupção por conta de conversas, bagunças e que participa efetivamente das aulas.” (Q2. F1. P2. D)
- (126) “turma silenciosa, passiva.” (Q3. F1. P2. D)
- (127) “[...] estudantes desanimados ou com foco em outras coisas menos em estudar.” (Q1. F1. P3. D)
- (128) “falta de respeito prevalece, muita conversa, bagunça, falta de respeito entre os estudantes e falta de comprometimento.” (Q2. F1. P3. D)
- (129) “Na visão do professor uma turma barulhenta. Que não cumpre o que é proposto pelo professor.” (Q3. F1. P3. D)
- (130) “Quando estudantes entre si praticam violência física, psicológica e ou outras contra outrem” (Q1. F1. P4. D)
- (131) “[...] violência verbal, violência psicológica (*bullying*) e casos isolados de violência física entre estudantes.” (Q2. F1. P4. D)
- (132) “Agressão física e verbal. Entre pares, aluno x aluno, ou entre professor x aluno, aluno x professor.” (Q3. F1. P4. D)
- (133) “[...] não tem controle sobre seu temperamento.” (Q1. F2. P5. D)
- (134) “É a prática de agressão verbal ou física que se torna comum, hoje conhecida como *bullying*”. (Q3. F2. P5. D)
- (135) “Muito rara.” (Q1. F2. P6. D)
- (136) “Existia mas o respeito prevalecia.” (Q2. F2. P6. D)
- (137) “Consistia em física ou verbal, porém não havia o termo *bullying*, era tratada de forma leve, como se fosse uma brincadeira entre crianças e adolescentes.” (Q3. F2. P6. D)
- (138) “Praticamente não existia.” (Q1. F2. P7. D)
- (139) “Não tenho memória de prática de violência dessa época.” (Q2. F2. P7. D)
- (140) “Consistia em ameaça ou agressão, era mais comum brigas de rua.” (Q3. F2. P7. D)
- (141) “Não havia” (Q1. F2. P8. D)
- (142) “A forma de agredir era a mesma, verbal ou física, porém hoje há uma carga maior, talvez pela popularização do direito, e com a criação do termo *bullying*.” (Q3. F2. P8. D)
- (143) “Há o mínimo de diferença, mas são irmãs, caminham juntas.” (Q1. F2. P9. D)
- (144) “A indisciplina acontece no espaço da sala de aula, na relação professor x aluno, a violência se dá de forma verbal ou física e machuca o outro, a agressividade é reiterada, física ou verbal e caracteriza o *bullying*.” (Q3. F2. P9. D)
- (145) “precisamos filtrar esta questão, pois muitos estão se tornando fracos e fazendo com que tudo seja *bullying*.” (Q1. F6. P33. D)
- (146) “No passado *bullying* era considerado uma brincadeira, quem não teve um apelido na escola. Hoje isso se tornou uma infração às regras e portanto quem se ofende deve ser respeitado.” (Q3. F6. P33. D)
- (147) “A palavra “*bullying*” foi muito utilizada nos últimos anos e há uma grande confusão com o verdadeiro sentido da palavra.” (Q2. F2. P9. D)
- (148) “[...] existe hoje uma apologia a este, e muitos casos nem chegam a ser, o que só causa desgaste.” (Q1. F2. P10. D)
- (149) “Existe muitas vezes de forma velada e em outras situações de forma equivocada onde tudo virou *bullying*.” (Q2. F2. P10. D)
- (150) “Neste ano letivo, até o momento não.” (Q1. F2. P11. D)
- (151) “Sim. Muitas ocorrências são registradas pq começaram nas redes sociais e acabam vindo p/ dentro do ambiente escolar.” (Q2. F2. P11. D)

- (152) “Acontece com frequência, sendo mais comum o verbal.” (Q3. F2. P11. D)
- (153) “Acontece em sua maioria entre alunos, e se dá qdo alguém ou um grupo incomoda, agredindo reiteradamente um outro estudante.” (Q3. F2. P10. D)
- (154) “Pelos próprios estudantes ou responsáveis.” (Q1. F3. P12. D)
- (155) “pelos pais, muitos estudantes não procuram a direção e/ou a coordenação.” (Q2. F3. P12. D)
- (156) “Através dos próprios alunos vítimas, através dos pais das vítimas e pela denúncia de estudantes espectadores.” (Q3. F3. P12. D)
- (157) “Trabalhando em todas as áreas de conhecimento, o respeito, a empatia e tantos outros valores e virtudes”. (Q1. F3. P13. D)
- (158) “É possível esclarecer os estudantes sobre o tema, prevenir não sei se seria a palavra adequada.” (Q2. F3. P13. D)
- (159) “através da punição imediata de casos iniciais e da conscientização ao corpo discente.” (Q3. F3. P13. D)
- (160) “Às vezes vem de onde menos se espera.” (Q1. F3. P14. D)
- (161) “Sim. Muitos professores percebem em sala e informam a direção.” (Q2. F3. P14. D)
- (162) “Sem uma observação ou denúncia prévia não é possível. Como diz o ditado: “Quem vê cara não vê coração”.” (Q3. F3. P14. D)
- (163) “Trabalho em conjunto com os pais, coordenações e direção para que haja conhecimento e gravidade até criminosa da prática.”(Q1. F3. P15. D)
- (164) “com o que é prescrito no regimento escolar.” (Q2. F3. P15. D)
- (165) “[...] é realizado um registro, os pais, responsáveis são comunicados e as providências conforme preconiza o Regimento Escolar são tomadas.” (Q3. F3. P15. D)
- (166) “os meninos tendem a ser mais cruéis.” (Q1. F3. P16. D)
- (167) “meninos geralmente fazem *bullying* mais agressivo e as meninas utilizam muito as redes sociais para essa finalidade.” (Q2. F3. P16. D)
- (168) “mais comuns casos de *bullying* entre meninas. Não sei explicar o porquê, porém acredito que devido a cultura da beleza.”(Q3. F3. P16. D)
- (169) “Contra menina por conta de cor.” (Q1. F3. P17. D)
- (170) “Agressão verbal, apelidos maldosos e até agressão física.” (Q2. F3. P17. D)
- (171) “Em aula de Educação Física quando alguém não sabe jogar determinada modalidade esportiva. Fique claro que é bem raro.” (Q3. F3. P17. D)
- (172) “forma física, relacionado a beleza ou não.” (Q1. F3. P18. D)
- (173) “Redes sociais”(Q2. F3. P18. D)
- (174) “seu biotipo, por ser estudiosa, até pela posição de seus pais na sociedade.” (Q3. F3. P18. D)
- (175) “Primeiro com os próprios estudantes, seguidamente pais e responsáveis e até mesmo nas aulas.” (Q1. F4. P19. D)
- (176) “Seguimos sempre o regimento interno, levando em consideração a especificidade de cada caso.” (Q2. F4. P19. D)
- (177) “Através de registro, comunicado presencial aos pais e providências conforme o Regimento Escolar.” (Q3. F4. P19. D)
- (178) “São assistidos pela direção, coordenação, professores, passado aos pais.” (Q1. F4. P20. D)
- (179) “procuramos resolver para que o *bullying* acabe imediatamente.” (Q2. F4. P20. D)
- (180) “São orientados das providências tomadas para garantir seus direitos preservados enquanto estudantes.” (Q3. F4. P20. D)
- (181) “tornar-se retraídos, tristes, desanimando até mesmo dos estudos.” (Q1. F4. P21. D)
- (182) “Desinteresse em frequentar a escola, medo e pânico.” (Q2. F4. P21. D)
- (183) “Se forem tomadas providências imediatas as consequências são nulas ou mínimas” (Q3. F4. P21. D)
- (184) “se a situação se estender pode causar danos mentais, depressão, consequências a longo prazo.” (Q3. F4. P21. D)
- (185) “Muito sutil, mas acontece, infelizmente.” (Q1. F4. P22. D)
- (186) “Não.” (Q2. F4. P22. D)
- (187) “É raro, mas acontece. É bem velado também, devido a formação e informação que o professor tem na “bagagem”.” (Q3. F4. P22. D)
- (188) “[...] de modo disfarçado, mas com muita observação é possível perceber”. (Q1. F4. P23. D)
- (189) “Não.” (Q2. F4. P23. D)
- (190) “Hoje não observo tanto, no passado era mais um distanciamento entre o corpo docente e administrativo da escola.” (Q3. F4. P23. D)
- (191) “mais restrita.” (Q1. F4. P24. D)
- (192) “Não.” (Q2. F4. P24. D)
- (193) “Não, devido a coordenação estar posicionada hierarquicamente acima do corpo docente.” (Q3. F4. P23. D)

- (194) “é muito velada.” (Q1. F4. P25. D)
- (195) “Não” (Q2. F4. P22. D)
- (196) “Não, devido a direção, assim como a coordenação, estar posicionada hierarquicamente acima do corpo docente.” (Q3. F4. P22. D)
- (197) “Podem se isolarem.” (Q1. F5. P26. D)
- (198) “se identificado de imediato, as consequências são nulas ou mínimas.” (Q3. F5. P26. D)
- (199) “se a vítima não se posicionar e sofrer calada pode ter doenças socioemocionais por toda a vida.” (Q3. F5. P26. D)
- (200) “buscando promover o respeito, bons relacionamentos interpessoais, bem querer, com dinâmicas e reflexões.” (Q1. F5. P27. D)
- (201) “registro escrito, providências conforme o Regimento Escolar e Estatuto dos Servidores Públicos” (Q3. F5. P27. D)
- (202) “se for reiterado, nunca aconteceu, pode ser que dê Processo Administrativo ao infrator.” (Q3. F5. P27. D)
- (203) “com a parceria com pais e responsáveis” (Q1. F5. P28. D)
- (204) “Com trabalho de conscientização, palestras e vídeos sobre o tema.” (Q2. F5. P28. D)
- (205) “através da punição imediata, quando identificado e da conscientização ou seja “falar sempre o mesmo.” (Q3. F5. P28. D)
- (206) “trabalhando sobre o tema sempre que possível, de modo atrativo e dinâmico.” (Q1. F54. P29. D)
- (207) “Da mesma maneira que os alunos, punição imediata, assim que identificado, e conscientização.” (Q3. F54. P29. D)
- (208) “Não, talvez o fundamental seja um pouco mais infantilizada.” (Q1. F5. P30. D)
- (209) “Não vejo diferença.” (Q2. F5. P30. D)
- (210) “Sim, o ensino fundamental, 12 a 15 anos, tem brincadeiras que ferem o outro que são mais inocentes, às vezes nem tem noção do que estão fazendo. Os estudantes de Ensino Médio, quando cometem já tem noção do que estão fazendo, são mais veladas e mais maldosos.” (Q3. F5. P30. D)
- (211) “Interferem” (Q1. F5. P31. D)
- (212) “Inicialmente tem medo de se tornar a próxima vítima mas quando percebem que o *bullying* não ficará em puno auxiliam para a solução do caso.” (Q3. F5. P31. D)
- (213) “vão interferir e proteger a vítima.” (Q1. F6. P32. D)
- (214) “reitero que é menos comum ou raro, visto se tratar de adultos.” (Q3. F6. P32. D)
- (215) “A escola era considerada mais importante, os professores mais valorizados”. (Q1. F1. P1. CO)
- (216) “valores na atualidade estão esquecidos” (Q2. F1. P1. CO)
- (217) “Os estudantes tinham respeito e as famílias eram parceiras da escola” (Q3. F1. P1. CO)
- (218) “estudantes respeitam o professor, realizam todas as atividades propostas e se respeitam”. (Q1. F1. P2. CO)
- (219) “tem respeito, procura ser proativo, tem bom relacionamento interpessoal, dedicado em suas responsabilidades”. (Q2. F1. P2. CO)
- (220) “cumprem regras” (Q3. F1. P2. CO)
- (221) “estudantes não realizam as atividades, não respeitam os professores”. (Q1. F1. P3. CO)
- (222) “Ocorrem brigas entre os estudantes”. (Q1. F1. P3. CO)
- (223) “não adquiriram o interesse pelo estudo, pelo conteúdo [...] dificuldades com regras, limites [...] noção de valores” (Q2. F1. P3. CO)
- (224) “viola e desobedece as regras” (Q3. F1. P3. CO)
- (225) “Atos que ferem o próximo, não só físicos, mas também sua saúde mental”. (Q1. F1. P4. CO)
- (226) “falta de limites física, emocional” (Q2. F1. P4. CO)
- (227) “agressões físicas, verbais, materiais, *cyberbullying*, social e psicológica” (Q3. F1. P4. CO)
- (228) “Não só agressões físicas, mas também verbais (“apelidos” com os colegas, palavrões)” (Q1. F2. P5. CO)
- (229) “é o não saber lidar com suas emoções [...] reflexo de como é tratado em seu próprio meio” (Q2. F2. P5. CO)
- (230) “várias formas: ações físicas e agressões verbais” (Q3. F2. P5. CO)
- (231) “Era muito menor” (Q1. F2. P6. CO)
- (232) “realizavam as atividades propostas pelo professor e prestavam atenção em sua aula”. (Q1. F2. P6. CO)
- (233) “era raro [...] o respeito era em primeiro lugar (Q2. F2. P6. CO)
- (234) “mantinham o respeito e cumpriam regras estabelecidas”. (Q3. F2. P6. CO)
- (235) “de maneira reduzida”. (Q1. F2. P7. CO)
- (236) “Não iam para a internet” (Q1. F2. P7. CO)
- (237) “não se tinha” (Q2. F2. P7. CO)
- (238) “Pouco se tinha” (Q3. F2. P7. CO)
- (239) “maneira reduzida” (Q1. F2. P8. CO)
- (240) “a internet acaba ampliando as situações [...] levando para o mundo”. (Q1. F2. P8. CO)

- (241) “verbal” (Q2. F2. P8. CO)
- (242) “era conhecida como o que hoje chamamos de *bullying*, mais não sabíamos”. (Q3. F2. P8. CO)
- (243) “envolvem tanto o físico como o psicológico”. (Q1. F2. P9. CO)
- (244) “acredito que sim, há uma diferença entre elas”. (Q2. F2. P9. CO)
- (245) “não há diferença”. (Q3. F2. P9. CO)
- (246) “a internet acaba amplificando as situações [...] tem se tornado maiores e fora do alcance da escola por esse motivo”. (Q1. F2. P10. CO)
- (247) “[...] a longo prazo provoca frustrações emocionais e psicológicas”. (Q2. F2. P10. CO)
- (248) “atos de intimidação, violência, ameaças e agressões físicas ou psicológicas recorrentes”. (Q3. F2. P10. CO)
- (249) “estudantes estão em processo de transformação e características que fogem à regra”. (Q1. F2. P11. CO)
- (250) “sim. Constantemente” (Q2. F2. P11. CO)
- (251) “através de ameaças e agressões psicológicas e verbais. [...] através dos ditos ‘apelidos’ [...] associados a padrões de beleza”. (Q3. F2. P11. CO)
- (252) “pela altura [...] foi para a internet com ‘memes’.” (Q1. F3. P12. CO)
- (253) “sim. Geralmente entre estudantes, que por muitas vezes são imaturos”. (Q2. F3. P12. CO)
- (254) “pelos pais [...] redes sociais”. (Q1. F3. P13. CO)
- (255) “através de professores, pais e do próprio aluno”. (Q2. F3. P13. CO)
- (256) “pela própria vítima ou algum colega próximo”. (Q3. F3. P13. CO)
- (257) “Conscientização [...] olhar mais atento da escola”. (Q1. F3. P14. CO)
- (258) “com ações, estratégias para conscientização”. (Q2. F3. P14. CO)
- (259) “campanhas, palestras de conscientização, união da família com a escola, apoio emocional” (Q3. F3. P14. CO)
- (260) “pode ser qualquer um”. (Q1. F3. P15. CO)
- (261) “Sim [...] geralmente age da mesma forma”. (Q2. F3. P15. CO)
- (262) “o aluno que pratica bullying procura alguém que seja diferente daquilo que eles tem como normais”. (Q3. F3. P15. CO)
- (263) “Conversa com o estudante e seus responsáveis [...] são aplicadas as punições previstas no regimento escolar”. (Q1. F3. P16. CO)
- (264) “realizado um trabalho (conversa) individual” (Q2. F3. P16. CO)
- (265) “coloca-se em prática o que rege o Regimento Escolar”. (Q2. F3. P16. CO)
- (266) “chamados para um diálogo e conscientização do seu ato”. (Q3. F3. P16. CO)
- (267) “meninas... é por ciúmes... características positivas são motivo para a prática”. (Q1. F3. P17. CO)
- (268) “meninos... características do corpo... ou é mais fechado”. (Q1. F3. P17. CO)
- (269) “Alunos são menos cruéis” (Q2. F2. P17. CO)
- (270) “as alunas [...] partem para o lado emocional, psicológico” (Q2. F3. P17. CO)
- (271) “independente do sexo [...] verbal, psicológico e material. (Q3. F3. P17. CO)
- (272) “tímido e acima do peso [...] chamando-o de gordo e gay”. (Q1. F3. P18. CO)
- (273) “meninos constringendo outro menino, pelo seu modo de agir e falar e por considerar amizades mais femininas” (Q2. F3. P18. CO)
- (274) “*cyberbullying*, onde o menino gravou uma briga e jogou nas redes sociais”. (Q3. F3. P18. CO)
- (275) “*memes* [...] por ser mais alta e possuir o corpo de uma menina mais velha”. (Q1. F4. P19. CO)
- (276) “pela colega ser alta, bonita, andar sempre arrumada” (Q2. F4. P19. CO)
- (277) “gerando um determinado ‘ciúmes’ (Q2. F4. P19. CO)
- (278) “foi físico, onde depois de alguns dias de *bullying* verbal as duas meninas partiram para agressões físicas, através de socos, tapas, chutes e outros mais”. (Q3. F4. P19. CO)
- (279) “diálogo com o estudante e principalmente com sua família”. (Q1. F4. P20. CO)
- (280) “Conversa particular com o estudante e família” (Q2. F4. P20. CO)
- (281) “Registro de ocorrências, aplicando ações do Regimento Escolar” (Q2. F4. P20. CO)
- (282) “chamados para diálogo” (Q3. F4. P20. CO)
- (283) “Punição conforme o regimento da escola”. (Q3. F4. P20. CO)
- (284) “acolhidos”. (Q1. F4. P21. CO)
- (285) “Orientação à vítima e família” (Q2. F4. P21. CO)
- (286) “atendidos de forma amigável” (Q3. F4. P21. CO)
- (287) “o rendimento em sala de aula diminui, [...] mais calados [...] prática de bullying com outros colegas”. (Q1. F4. P22. CO)
- (288) “emocionais e psicológicas [...] transtornos psicológicos, baixo estima, ansiedade” (Q2. F4. P22. CO)
- (289) “Piora no desempenho escolar, solidão, crises de ansiedade e depressão”. (Q3. F4. P22. CO)
- (290) “nunca presenciei” (Q1. F4. P23. CO)
- (291) “Nunca presenciei” (Q2. F4. P23. CO)

- (292) “nunca presenciei, mas acho que sim” (Q1. F4. P24. CO)
- (293) “Nunca presenciei” (Q2. F4. P24. CO)
- (294) “não está aberto” (Q3. F4. P24. CO)
- (295) “nunca presenciei, mas acho que sim” (Q1. F4. P25. CO)
- (296) “Nunca presenciei” (Q2. F4. P25. CO)
- (297) “nunca presenciei” (Q1. F5. P26. CO)
- (298) “Nunca presenciei” (Q2. F5. P26. CO)
- (299) “Não vejo”. (Q3. F5. P26. CO)
- (300) “deixa de ser um ambiente tranquilo. A produtividade diminui”. (Q1. F5. P27. CO)
- (301) “Nunca presenciei” (Q2. F5. P27. CO)
- (302) “conversa e orientação”. (Q1. F5. P28. CO)
- (303) “Nunca presenciei” (Q2. F5. P28. CO)
- (304) “não se detectou”. (Q3. F5. P28. CO)
- (305) “através da conscientização”. (Q1. F5. P29. CO)
- (306) “palestras, ações pedagógicas”. (Q2. F5. P29. CO)
- (307) “Programas de conscientização”. (Q3. F5. P29. CO)
- (308) “lidar com adulto é mais difícil” (Q1. F5. P30. CO)
- (309) “Nunca presenciei” (Q2. F5. P30. CO)
- (310) “acolhendo e entendendo”. (Q1. F5. P31. CO)
- (311) “chama a atenção [...] não tem nenhuma reação”. (Q2. F5. P310. CO)
- (312) “costumam tomar partido de alguma das partes”.(Q3. F5. P30. CO)
- (313) “não sei” (Q1. F6. P32. CO)
- (314) “Nunca presenciei”. (Q2. F6. P32. CO)
- (315) “Olhar atento para as redes sociais”. (Q1. F6. P33. CO)
- (316) “Lendo o manual das inscrições no vestibular sobre as profissões. Achei características parecidas comigo e resolvi arriscar.” (Q1. F1. P1. PS)
- (317) “Desde o Ensino Médio me interesse pela psicologia [...] comecei Psicologia em 2010 e com certeza foi a melhor escolha.” (Q2. F1. P1. PS)
- (318) “sempre tive interesse em compreender o comportamento humano. Essa profissão é muito gratificante para quem se preocupa com o bem estar do outro.” (Q3. F1. P1. PS)
- (319) “Sim. Não são muitas, mas às vezes sou procurada pelos pais.” (Q1. F1. P2. PS)
- (320) “Nunca atendi.” (Q2. F1. P2. PS)
- (321) “Sim. Atendo crianças e adolescentes que apresentam dificuldades cognitivas, emocionais e comportamentais.” (Q3. F1. P2. PS)
- (322) “Sim. Adultos são meus alvos de atendimentos e as demandas pelos atendimentos a adolescentes tem aumentado, principalmente após a pandemia.” (Q1. F2. P3. PS)
- (323) “Sim, faço atendimento clínico com jovens e adultos desde 2019. No momento parei com os atendimentos para me adaptar na nova cidade e me dedicar a nova função.” (Q2. F2. P3. PS)
- (324) “Sim. Atendo jovens e adultos em psicoterapia que apresentam ansiedade, depressão, traumas, *stress* entre outros.” (Q3. F2. P3. PS)
- (325) “Raros. Alguns relatam algum tipo de *bullying* na infância, mas nada que encaixe 100% somente traços a aparte da repetição e perseguição não. Casos de abusos são mais frequentes.” (Q1. F2. P4. PS)
- (326) “já recebi relatos e já atendi adultos com marcas profundas devido ao *bullying* na infância.” (Q2. F2. P4. PS)
- (327) “Como psicóloga educacional procuro identificar os casos de *bullying* e promover as intervenções necessárias no enfrentamento e prevenção do mesmo.” (Q3. F2. P4. PS)
- (328) “Somente um caso específico, porém só foram 3 sessões.” (Q1. F2. P5. PS)
- (329) “Sim.” (Q2. F2. P5. PS)
- (330) “Sim.” (Q3. F2. P5. PS)
- (331) “São atos de violência física, psicológica ou sexual que se repetem de forma de perseguição por um tempo determinado que atinge e abala a vítima gerando muitas vezes psicopatas com a ansiedade, depressão e às vezes pensamentos suicidas.” (Q1. F2. P6. PS)
- (332) “É uma forma de agressão/violência praticada por uma pessoa ou um grupo de pessoas contra um indivíduo. Essa violência pode ser física ou verbal e gera sofrimento à vítima.” (Q2. F2. P6. PS)
- (333) “*Bullying* é uma prática sistemática e repetitiva de atos de violência física e psicológica de uma pessoa ou grupo contra um indivíduo.” (Q3. F2. P6. PS)
- (334) “*Bullying* se caracteriza por uma perseguição a vítima, sua humilhação a indisciplina seria a quebra de normas e regras.” (Q1. F2. P7a. PS)
- (335) “Uma criança indisciplinada é aquela que não obedece as regras, desrespeita os colegas e professores. Já o *bullying* é o ato de agressão contra o colega.” (Q2. F2. P7. PS)

- (336) “A indisciplina se refere a comportamentos que violam as normas fixadas pela escola e pode atingir a todos nesse contexto. O *bullying* se refere à prática de violência de uma pessoa ou grupo contra um indivíduo.” (Q3. F2. P7. PS)
- (337) “Estão muito atreladas, pode ter no *bullying* violência física, psicológica e até virtual que vão deformando a vítima e sua personalidade.” (Q1. F2. P7b. PS)
- (338) “*Bullying* é um tipo de violência praticado contra alguém por uma característica física, emocional...” (Q2. F2. P7. PS)
- (339) “*bullying* é um tipo de violência que tem características próprias como a emissão de um comportamento intencional e repetitivo.” (Q3. F2. P7. PS)
- (340) “No *bullying* a agressividade é sutil, atrelada a brincadeira, é constante. Às vezes é privada, bem direcionada somente a vítima.” (Q1. F3. P7c. PS)
- (341) “A agressividade faz parte do *bullying*, mas o agressor/agressores praticam contra uma única pessoa, a agressividade é voltada para uma única vítima.” (Q2. F3. P7. PS)
- (342) “No *bullying* o comportamento tem a intenção de provocar sofrimento, desigualdade e repetição levando a ridicularização de característica física, psíquica e comportamental da vítima. Na agressividade o comportamento agressivo acontece no contexto geral de maneira pluri, auto e multi direcionado.” (Q3. F3. P7. PS)
- (343) “Joguinhos mentais, que afetam a identidade e a autoestima. Apelidos e obrigam a vítima a burlar regras e se comportarem mal. Agressões físicas. Crises de ansiedade, isolamento social, medo de ficar sozinho, pensamentos suicidas, pesadelos.” (Q1. F3. P8. PS)
- (344) “Já ouvi de uma criança que reprovou, que os colegas a chamavam de burra. Vejo mais questões relacionadas a preconceitos como gordofobia, racismo e homofobia.” (Q2. F3. P8. PS)
- (345) “Eles manifestam sentimentos de raiva e medo referentes ao agressor e desmotivação escolar.” (Q3. F3. P8. PS)
- (346) “Geralmente os que tem aparência de dócil, gordinhos. Os mais inteligentes. Neste caso específico um menino de classe média.” (Q1. F3. P9. PS)
- (347) “Geralmente são os estudantes mais vulneráveis emocionalmente. O agressor faz uma vez e percebe que a vítima é ou está vulnerável e se aproveita da situação.” (Q2. F3. P9. PS)
- (348) “Geralmente o estudante é retraído no âmbito escolar e familiar, inseguro, baixa autoestima e emotivo (choro fácil).” (Q3. F3. P9. PS)
- (349) “são meninos de vila, repetente e que é negligenciado, fica sozinho, solto, sem a presença dos pais, principalmente e mãe trabalha muito e não tem tempo.” (Q1. F3. P10. PS)
- (350) “são os mais valentões e populares da turma.” (Q2. F3. P10. PS)
- (351) “demonstra hostilidade, parece não se importar com o mal que pratica e nem com o sofrimento de sua vítima.” (Q3. F3. P10. PS)
- (352) “crianças que possuem dificuldade de falar, que sofrem sozinhas.” (Q2. F4. P11. PS)
- (353) “Mãos suadas, náuseas e vômitos, dor de cabeça, dor abdominal, ansiedade, alterações do sono.” (Q3. F4. P11. PS)
- (354) “Medo constante de ficar sozinho, andar sozinho, sair sozinho, e de ir a escola, medo de falar e se expressar.” (Q1. F4. P11. PS)
- (355) “Geralmente acontece na escola - palpitações, dor no peito, dor de cabeça, transpiração, falta de ar, náusea.” (Q3. F4. P11. PS)
- (356) “Solicita mudar de escola e de sala, crise todo início de ano letivo, pois quer estudar com quem está acostumado.” (Q1. F4. P11. PS)
- (357) “Alguns adolescentes/crianças ficam com medo de ir para escola e sofrer alguma agressão ou humilhação.” (Q2. F4. P11. PS)
- (358) “Medo e/ou ansiedade frente a qualquer aspecto relacionado a escola com duração de seis meses ou mais.” (Q3. F4. P11. PS)
- (359) “Isolamento social, baixa estima, perda do rendimento escolar, pensamento suicida, desejam morrer.” (Q1. F4. P11. PS)
- (360) “Casos de *bullying* podem fazer com que a pessoa desenvolva depressão durante o período escolar ou após na vida adulta.” (Q2. F4. P11. PS)
- (361) “Principalmente para as vítimas que sofrem de gordofobia ou são tratadas de gordo.” (Q2. F4. P11. PS)
- (362) “Em estudantes vítimas que são chamados de gordo e para acabar com o estereótipo desenvolvem bulimia.” (Q2. F4. P11. PS)
- (363) “Algum sinal de criação de rituais.” (Q1. F4. P11. PS)
- (364) “Casos de *bullying* durante a vida escolar pode sim desencadear TEPT causando um enorme sofrimento à vítima.” (Q2. F4. P11. PS)
- (365) “Transtorno dismórfico corporal – atendi um adulto viciado em cirurgia plástica, pois na infância era gordinho e sofreu *bullying*.” (Q2. F4. P11. PS)

- (366) Começam a ter medo de tudo, pesadelo, choro, relatam o desejo de morrer, isolamento social. (Q1. F5. P12. PS)
- (367) “pode desenvolver sim algum quadro como por exemplo ansiedade. Porém, há pais que acreditam que o *bullying* é frescura.” (Q2. F5. P12. PS)
- (368) “isolamento, desmotivação escolar, ansiedade, queda no rendimento escolar.” (Q3. F5. P12. PS)
- (369) “Machucados e choros repentinos.” (Q1. F5. P13. PS)
- (370) “Onicofagia, vômitos frequentes, cefaleia.” (Q3. F5. P13. PS)
- (371) “Série que iniciam após a alfabetização, destaque escolar. A partir da 2ª série do fundamental. Pior se há mistura com alunos repetentes e agressivos.” (Q1. F5. P14. PS)
- (372) “surgiu há muito tempo, de fato não sei mensurar quanto tempo, mas existe e sempre existiu.” (Q2. F5. P14. PS)
- (373) “surgiu nos anos 70 na Suécia quando a sociedade demonstrou preocupação com a violência entre estudantes e sua consequência no ambiente escolar.” (Q3. F5. P14. PS)
- (374) “com a informação eles buscam ajuda e falam.” (Q1. F5. P15. PS)
- (375) “Sentem efeitos sim, as campanhas contribuem para que as vítimas se encorajem e fale para a direção/coordenação e para a família.” (Q2. F5. P15. PS)
- (376) “As campanhas tem contribuído de forma satisfatória para prevenir e combater o *bullying* nas escolas com a implementação de ações de prevenção, orientação e solução de problema.” (Q3. F5. P15. PS)
- (377) “Penso que eles tem aparecido mais, mas não significa que há um aumento, mas sim mais atenção, combate e informação. Há necessidade de um acompanhamento melhor, tanto da vítima como do agressor.” (Q1. F5. P16. PS)
- (378) “Ao meu ver está só aumentando, assim como os preconceitos, gordofobia, homofobia, racismo só aumentam na sociedade, na escola não é diferente.” (Q2. F5. P16. PS)
- (379) “Aumentado, acredito que está relacionado a F. desestruturada – pais que negligenciam a responsabilidade das necessidades físicas e emocionais dos filhos; rivalidade e falta de igualdade entre irmãos e relações tóxicas entre os pais.” (Q3. F5. P16. PS)
- (380) “Meninos.” (Q1. F6. P17. PS)
- (381) “Aparentemente com meninos.” (Q2. F6. P17. PS)
- (382) “Em meninos. A agressão física e ameaça verbal acontece mais com os meninos. O meio ambiente tende a reforçar o comportamento agressivo do menino.” (Q3. F6. P17. PS)
- (383) “Não peguei nenhum caso.” (Q1. F6. P18. PS)
- (384) “Entre as meninas parece que há mais “fofoca”, falam e comentam geralmente em grupinhos. Já os meninos parece que a violência é mais escancarada.” (Q2. F6. P18. PS)
- (385) “Os meninos tendem a demonstrar maior propensão à agressão direta, enquanto as meninas apresentam maior propensão à agressão indireta.” (Q3. F6. P18. PS)
- (386) “A moral tem abalado mais, geralmente são as que mais doem.” (Q1. F6. P19. PS)
- (387) “A moral tem maior nocividade, pois a física doi na hora da agressão. A moral se não for tratada pode levar a problemas mais sérios no futuro. Ambas são nocivas e têm consequências.” (Q2. F6. P19. PS)
- (388) “Todas são graves e criam consequências negativas. A capacidade de enfrentamento do estudante contribui para determinar a solução do problema.” (Q3. F6. P19. PS)
- (389) “Geralmente a negligência, falta de tempo de qualidade, acompanhamento geram revolta e esse desconta a frustração nos colegas da escola e procuram drogas e outros.” (Q1. F6. P20. PS)
- (390) “o estudante canaliza tudo que sente devido ao desajuste em alguém e pode sim ser um agressor em Potencial. O desajuste familiar pode ser um dos motivos.” (Q2. F6. P20. PS)
- (391) “Famílias desajustadas estão despreparadas para compreender, administrar e tolerar seus conflitos propiciando assim o agressor em potencial.” (Q3. F6. P20. PS)
- (392) “Apatia, por não saber o que fazer não falam nada e por medo de serem alvos, Às vezes se juntam p/ agredir p/ não serem agredidos (alvos).” (Q1. F6. P21. PS)
- (393) “são os que assistem e não fazem nada pois têm medo de que possam sofrer *bullying* no futuro.” (Q2. F6. P21. PS)
- (394) “São passivos, inseguros, amedrontados, não se posicionam, portanto não possuem estratégias de enfrentamento.” (Q3. F6. P21. PS)
- (395) “Sim. Me atrevo dizer que é pior, pois o alcance é maior. Muitos veem e é rápido a disseminação das imagens e geralmente os pais não ficam sabendo.” (Q1. F7. P22. PS)
- (396) “Não tem o mesmo efeito pois não há a violência física, mas as consequências podem ser devastadoras assim como o presencial.” (Q2. F7. P22. PS)
- (397) “Não. No *cyberbullying*, o agressor não se identifica na maioria dos casos, usam perfis falsos potencializando a crueldade, ultrapassando qualquer fronteira física, tirando da vítima qualquer possibilidade de escapar dos ataques e as consequências podem ser extremamente negativas.” (Q2. F7. P22. PS)
- (398) “Ainda não atendi nenhum caso de *sexting*.” (Q2. F7. P23. PS)

- (399) “Culpa, humilhação, vergonha, constrangimento, isolamento, stress. Há casos em que o indivíduo não consegue enfrentar a situação levando a intensificar os sintomas de maneira assustadora desencadeando assim a ideia suicida.” (Q3. F7. P23. PS)
- (400) “Geralmente os pais tem buscado ajuda, pois os filhos ficam chorosos e relatam o desejo de se matar. Os pais tentam resolver mas não conseguem.” (Q1. F7. P24. PS)
- (401) “Os adultos voluntariamente, mas atualmente me deparo com as situações de *bullying* nas escolas.” (Q2. F7. P24. PS)
- (402) “Como estou sempre no ambiente escolar algumas queixas chegam pelas próprias crianças além daquelas encaminhadas pela coordenação.” (Q3. F7. P24. PS)
- (403) “Acompanhamento da psicologia escolar e sensibilização de prof e alunos. Precisa ter um canal de acesso e busca de tratamento do agressor e vítima.” (Q1. F6. P25. PS)
- (404) “Ações que envolva os estudantes, pais e professores. Ações de conscientização e prevenção.” (Q2. F6. P25. PS)
- (405) “Oportunizam espaços de acolhimento, de escuta empática com os estudantes em situação de conflito intra e interpessoal. Incentivas profs e coord. A abordarem o tema com os estudantes e ficarem atentos aos comportamentos dos mesmos.” (Q3. F6. P25. PS)
- (406) “Treinamento e sensibilização, pois o agressor do *bullying* na escola será aquele que assedia no ambiente de trabalho.” (Q1. F6. P26. PS)
- (407) “Ações voltadas principalmente sobre o Assédio moral no ambiente de trabalho.” (Q2. F6. P26. PS)
- (408) “Promover palestras, seminários e eventos na área de segurança e saúde (física e mental). Roda de conversa mensal sobre a satisfação no trabalho a nível pessoal e interpessoal.” (Q3. F6. P26. PS)
- (409) “Mais comum, porem percebo que é mais fácil de se resolver.” (Q1. F7. P27. PS)
- (410) “O mais frequente dos casos são entre os próprios estudantes.” (Q2. F7. P27. PS)
- (411) “A maioria dos agressores e algumas vítimas, provém de famílias desestruturadas marcadas pela carência afetiva e emocional, desorganização de personalidade, entre outros.” (Q3. F7. P27. PS)
- (412) “Já peguei, mais complicado pois gera mais danos à identidade.” (Q1. F7. P27. PS)
- (413) “Nenhum- mas críticas de não saber lidar com a situação.” (Q1. F7. P27. PS)
- (414) “Nenhum.” (Q1. F7. P27. PS)
- (415) “Há necessidade de executar projetos de combate e prevenção ao *bullying*, também na Educação Infantil onde os princípios/valores começam a serem internalizados.” (Q3. F7. P28. PS)
- (416) “Escolhi a área da saúde pela possibilidade de ajudar o próximo”. (Q1. F1. P1. ME)
- (417) “Família de médicos, influência familiar”. (Q2. F1. P1. ME)
- (418) “A psiquiatria foi na minha vida paixão por afinidade em relacionar com as pessoas. A possibilidade de investigar causas orgânicas em comportamentos patológicos ou não e por fim, as diversas explicações para o comportamento humano do biológico ao cultural”. (Q3. F1. P1. ME)
- (419) “Qualquer tipo de agressão contra alguém mesmo que na forma de brincadeira, que cause sofrimento na vítima normalmente de forma contínua”. (Q1. F1. P2. ME)
- (420) “Violência física e/ou psicológica através de atos de humilhação”. (Q2. F1. P2. ME)
- (421) “A medicina entende o bullying como expressão de adoecimento da vítima, do agressor e do sistema em que convivem”. (Q3. F1. P2. ME)
- (422) “Poucos casos”. (Q1. F2. P4. ME)
- (423) “Entendo que é média frequência pois a maioria dos casos são vistos posteriormente, não como a queixa principal que levou a busca do tratamento”. (Q3. F2. P4. ME)
- (424) “Piadas sobre aparência”. (Q1. F2. P5a. ME)
- (425) “Aspectos físicos-raciais ou obesidade”. (Q3. F3. P5b. ME)
- (426) “Exclusão da vítima de grupos”. (Q1. F3. P5b. ME)
- (427) “Doenças ou características como gagueira ou outra deficiência como por exemplo as expressões do Transt. Espectro Autista”. (Q3. F3. P5b. ME)
- (428) “Agressão física”. (Q1. F3. P5c. ME)
- (429) “P/ um aspecto específico do comportamento ou característica física”. (Q3. F3. P5c. ME)
- (430) “Fisicamente: traumas leves, como pequenos cortes, aranhões.” (Q1. F3. P6. ME)
- (431) “Na minha experiência as agressões físicas são raras e dissimuladas como tropeço, rasteiras ou deixam coisas p/ a pessoa se machucar”. (Q3. F3. P6. ME)
- (432) “Podem desenvolver transtornos como ansiedade, depressão, principalmente nos casos repetitivos”. (Q1. F3. P6. ME)
- (433) “Mais frequentes, como “gozação”; brincadeiras inadequadas, assuntos invasivos, apelidos ou afirmações sobre a pessoa com características agressivas, isolamento também é muito comum”. (Q3. F3. P6. ME)
- (434) “Ansiedade podendo levar a sintomas gastrointestinais”. (Q1. F4. P7. ME)
- (435) “- É comum ser expressão da ansiedade em que a pessoa se encontra”. (Q3. F4. P7. ME)

- (436) “Bastante frequente, com sintomas de taquicardia, falta de ar, medo e sensação de morte súbita”. (Q3. F4. P7. ME)
- (437) “O sintoma mais comum”. (Q1. F4. P7. ME)
- (438) “Idem, como sintoma de evitação”. (Q3. F4. P7. ME)
- (439) “Tristeza profunda, ideação suicida”. (Q1. F4. P7. ME)
- (440) “Bastante comum os sintomas de anedonia, apatia, disfunção cognitiva e executiva”. (Q3. F4. P7. ME)
- (441) “Distúrbios alimentares são conhecidos observados como comorbidades”. (Q3. F4. P7. ME)
- (442) “Os sinais do TEPT são mais prevalentes, com sonhos vividos e manutenção da sensação vivida nos momentos de trauma”. (Q3. F4. P7. ME)
- (443) “Lesões profundas, auto mutilação”. (Q1. F4. P7. ME)
- (444) “ansiedade e depressão”. (Q1. F5. P8. ME)
- (445) “Causa estresse e traumas e pode desencadear as doenças para a qual a pessoa tem propensão”. (Q3. F5. P8. ME)
- (446) “alguns pacientes que foram vítimas de longa data apresentam ideação suicida”. (Q1. F5. P9. ME)
- (447) “Muito frequentemente atendo jovens com esse quadro. Evoluem com ideação suicida e tentativas de auto extermínio”. (Q3. F5. P9. ME)
- (448) “Através de ingestão de altas doses de medicamento”. (Q1. F5. P10. ME)
- (449) “Filhos que não querem ir à escola ou querem mudar de escola, surgimento de equimoses no corpo, falta de ânimo”. (Q1. F5. P11. ME)
- (450) “São vários relatos desde mudança de comportamento como isolamento até nenhuma atenção e não comunicação aos pais”. (Q3. F5. P11. ME)
- (451) “Meninas muitas vezes apresentam uma incidência maior de sintomas psicológicos mais intensos”. (Q1. F5. P12. ME)
- (452) “A literatura e a prática mostram que entre meninos as agressões são mais físicas, e entre meninas psicológicas e comportamentais (isolamento, situações vexatórias)”. (Q3. F5. P12. ME)
- (453) “Ocorre igualmente entre meninos e meninas”. (Q1. F5. P13. ME)
- (454) “Na prática, vejo mais casos de meninas que sofreram bullying, mas a literatura mostra um dado interessante sobre identificação: meninos são mais identificados como agressores e meninas como vítima”. (Q3. F5. P13. ME)
- (455) “Acho importante ressaltar que as vítimas mais graves são minorias raciais, com orientação sexual diferente no grupo e pessoas com deficiência”. (Q3. F5. P14. ME)
- (456) “Não”. (Q1. F1. P1. ADV)
- (457) “Não, nunca atendi um caso de *bullying*”. (Q2. F1. P1. ADV)
- (458) “Sim”. (Q3. F1. P1. ADV)
- (459) “invasão, agressão ao direito da pessoa ser quem ela é”. (Q3. F1. P2. ADV)
- (460) “É necessária a reflexão sobre o tema, haja vista que há comportamentos que antes eram aceitos, porém hoje merecem ter respaldo jurídico”. (Q3. F2. P3. ADV)
- (461) “seguir as regras estabelecidas na sociedade como um todo”. (Q3. F2. P4.a. ADV)
- (462) “transgressão das regras estabelecidas”. (Q3. F2. P4.b. ADV)
- (463) “Levar a cabo, externalizando a raiva e agressividade por meio verbal, físico, etc”. (Q3. F2. P4.c. ADV)
- (464) “exposição seja verbal ou física do sentimento de raiva”. (Q3. F2. P4.d. ADV)
- (465) “Mediano. Embora seja um tema em alta na sociedade, não é algo que se vê na prática jurídica todos os dias”. (Q3. F3. P5. ADV)
- (466) “Danos emocionais, psicológicos que podem gerar baixa-estima, depressão, ansiedade etc”. (Q3. F3. P6. ADV)
- (467) “São poucos os casos de *bullying* que causa abalo emocional que dê ensejo a ação de danos morais”. (Q3. F3. P7. ADV)
- (468) “O conhecimento aumentou o que fez com que mais pessoas buscassem a via jurídica”. (Q3. F3. P8. ADV)
- (469) “De outros. Principalmente ambiente de trabalho”. (Q3. F4. P9. ADV)
- (470) “[...] resguardar os seus direitos, se cabível ingressar com a ação judicial”. (Q3. F4. P10. ADV)
- (471) “Não”. (Q3. F4. P11. ADV)
- (472) “Masculino. Os homens usam brincadeiras como uma forma de causar *bullying*”. (Q3. F4. P12. ADV)
- (473) “Sim. Por ser uma comunidade que sempre foi muito reprimida e, por consequência, a minoria é acometida pelo *bullying* pela maioria – héteros”. (Q3. F5. P13. ADV)
- (474) “[...] *bullying* cometido dentro da própria casa, entre casal, tendo como vítima principalmente a mulher” (Q3. F5. P14. ADV)